

ABUSO ESPIRITUAL

Como Libertar-se de Experiências
Negativas com a Igreja

Ken Blue

ABU EDITORA

ABUSO ESPIRITUAL

Traduzido do original em inglês

HEALING SPIRITUAL ABUSE

Copyright © Ken Blue, 1993

Publicado por InterVarsity Press, P.O. Box 1400,
Downers Grove, IL 60515, Estados Unidos.

Direitos reservados pela

ABU Editora S/C

Caixa Postal 2216

01060-970 – São Paulo/SP

E-mail: editora@abub.org.br

Site: www.abub.org.br

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida
sob qualquer forma, sem a prévia permissão, por
escrito, da ABU Editora.

Tradução: Sérgio R. Stancato de Souza

Revisão: Silêda Silva Steuernagel

Revisão final: John L. Griffin

Editoração e Fitolito: Spubli

Capa: Sérgio Luiz Menga

As citações bíblicas foram extraídas da versão Atualizada
de Almeida, a não ser quando indicado no texto.

1a Edição — 2000

Catlogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

B658a

Blue, Ken

Abuso espiritual: como libertar-se de experiências negativas com a
igreja / Ken Blue; [tradução: Sérgio R. Stancato de Souza]. — São Paulo:
ABU Ed., 2000.

172 p.; 21 cm.

ISBN 85-7055-026-X

Tradução de: Healing spiritual abuse.

1. Fanatismo religioso. 2. Cristianismo — Psicologia. 3. Liderança cristã.
4. Comportamento manipulador. 5. Bíblia. N.T. Mateus — Crítica, inter-
pretação, etc. I. Título.

CDD—248.86

*A todos aqueles
que me confiaram suas histórias*

ÍNDICE

1	Um Convite à Liberdade.....	9
2	A Cadeira de Moisés — O Poder para Abusar	23
3	Discernindo o Fermento dos Fariseus	39
4	Fardos Pesados	51
5	Eles Fazem Só para Aparecer	71
6	Valorizando Minúcias e Perdendo o Essencial	89
7	Quem é Fisgado, e Por Quê	107
8	Curados pela Graça	123
9	Liderança Saudável na Igreja	145
10	Disciplina Saudável na Igreja	161
	Notas.....	169

*Os homens nunca fazem o mal tão completamente
e com tanto entusiasmo quanto quando o fazem por
convicção religiosa.*

Pascal

E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

Jesus Cristo

*Para a liberdade foi que Cristo nos libertou.
Permanecei, pois, firmes e não vos submetais
de novo a jugo de escravidão.*

O Apóstolo Paulo

1

UM CONVITE À LIBERDADE

*U*m televangelista é julgado, condenado e mandado para a cadeia por defraudar seus seguidores. Um pastor muito conhecido admite haver praticado extorsão sexual contra mulheres de sua equipe. A Igreja Católica Romana gasta milhões em acordos extra-judiciais com pessoas que afirmam ter sido sexualmente molestadas por padres. Uma moça se suicida após ouvir do seu pastor que está endemoninhada e que não há esperança para ela. Um proeminente líder cristão escreve um livro que apela à integridade no ministério e então é apanhado em adultério. Um menino de quatro anos de idade morre por falta de atendimento médico, que poderia lhe salvar a vida; o pastor de seus pais insistiu que eles não chamassem um médico, mas dependessem somente da oração. Em uma pequena igreja rural, muitos casais se divorciam porque o pastor disse que seus casamentos estão fora da perfeita vontade de Deus. As credenciais ministeriais de um proeminente teólogo e estudioso de ética são suspensas após numerosas colegas o acusarem de má-conduta sexual.

Estes são apenas uns poucos exemplos de um problema contemporâneo que vem sendo chamado de “abuso espiri-

tual”. Na verdade, o abuso espiritual sempre foi um problema para o povo de Deus, desde o início.¹ No entanto, o termo, em si, é relativamente novo.² Termos provocantes e modismos tais como *abuso espiritual* logo perdem o significado em consequência do uso excessivo e também do mau uso. Portanto, vamos começar com algumas definições bastante delicadas: O que é abuso espiritual? Que tipo de pessoa abusa espiritualmente? Que efeito este tipo de abuso tem em suas vítimas?

O Que É Abuso Espiritual e Quem O Pratica?

Abuso, qualquer que seja o tipo, ocorre quando alguém tem poder sobre outra pessoa e o usa para ferir. Abuso físico significa que alguém exerce poder físico sobre outro, causando ferimentos físicos. Abuso sexual significa que alguém exerce poder sexual sobre outro, resultando em ferimentos sexuais. E o abuso espiritual acontece quando um líder investido de autoridade espiritual usa essa autoridade para coagir, controlar ou explorar um seguidor, causando-lhe ferimentos espirituais. Ron Enroth explica ainda melhor:

Ao contrário do abuso físico, que freqüentemente resulta em corpos machucados, o abuso espiritual e pastoral deixa cicatrizes na mente e na alma. É infligido por pessoas tratadas com respeito e honra em nossa sociedade em virtude de seus papéis de líderes religiosos e de modelos de autoridade espiritual. Eles baseiam essa autoridade na Bíblia, a Palavra de Deus, e se consideram pastores investidos de uma responsabilidade sagrada. Mas quando eles violam essa responsabilidade, quando eles abusam de sua autoridade e quando usam erroneamente o poder eclesiástico para controlar e manipular o rebanho, os resultados podem ser catastróficos.³

O abuso espiritual pode diferir de algumas outras formas de abuso num aspecto: ele raramente é perpetrado com a intenção de mutilar. Como nós veremos, os abusadores espirituais

são curiosamente ingênuos com relação aos efeitos da exploração que fazem. Raramente têm a intenção de machucar suas vítimas. Eles geralmente são tão narcisistas ou tão focados em alguma grande coisa que estão fazendo para Deus que nem notam as feridas que estão infligindo em seus seguidores. Portanto, embora eu sustente que o abuso espiritual é algo mau e perigoso e que precisa ser impedido, prefiro excluir de sua definição a expressão *intenção de ferir*.

E é preciso limitar ainda mais a definição. Pensemos no abuso espiritual em termos de uma escala vertical: abuso mínimo, leve e esporádico na extremidade inferior e abuso sistemático e pesado na superior. Mera falta de consideração, rudeza e arrogância entre os que estão na liderança da igreja não são minha preocupação neste livro. Se toda coisa errada que os líderes da igreja fizerem for chamada de abuso espiritual, a questão fica banalizada. Vamos tratar o verdadeiro problema com responsabilidade e não fazer de nossa preocupação com abuso espiritual uma caça às bruxas de Salém dos nossos tempos.

Tomados estes cuidados, ainda assim precisamos ter discernimento. Alguns comportamentos socialmente aceitáveis e prazerosos são criados visando manipulação e, por isso, são abusivos.

Certos líderes espirituais exercem gentilmente coerção sobre suas congregações através do uso habilidoso da linguagem da intimidade e da confiança. Essa mesma técnica de manipulação sutil é evidente em restaurantes finos. Os garçons desses restaurantes são muito bem treinados no vocabulário e na linguagem corporal da amizade e da familiaridade. Através do uso apropriado de palavras-chave, toques e gestos, o garçom ganha a confiança do freguês. E então, com base na confiança conquistada, manipula o freguês de forma que ele peça o que o restaurante quer vender, e não o que deseja comer. O propósito é extrair do freguês o máximo de dinheiro fazendo-o, ao mesmo tempo, sentir-se querido e cuidado.

Muitos líderes de igreja são habilidosos na linguagem da intimidade e da confiança. Através dela ganham o apoio de seus seguidores e são capazes de levar a igreja como querem.

À luz do sério trauma causado por abusadores inescrupulosos, essa manipulação sutil pode parecer sem importância. É significativa, no entanto, pois se trata de uma violação de confiança. Quando um líder finge ser amigo e usa essa ilusão para desumanizar e manipular seus seguidores, ele está agindo abusivamente. Portanto, vou colocar este comportamento na escala do abuso espiritual, mais próximo à base.

Na extremidade superior da escala, eu coloco a exploração e dominação deliberada do fraco por parte de um grandioso e autoritário ditador espiritual. Quase todo tipo de comportamento abusivo pode ser encontrado neste nível: ameaças, intimidação, extorsão de dinheiro, exigências de sexo, humilhação pública, controle sobre vidas privadas, manipulação de casamentos, espionagem elaborada e outras práticas similares. Quando pessoas psicológica e espiritualmente fracas caem sob o controle de um demagogo narcisista, existe a probabilidade de um grande dano para todos. Os exemplos de abuso espiritual que eu uso neste livro caem em algum lugar desse espectro, entre o de menor grau, embora significativo, e o abuso extremo.⁴

Quem São as Vítimas?

Há mais de vinte anos — uma semana após iniciar minha primeira função pastoral — eu fui chamado ao hospital local. Uma das frequentadoras da minha igreja (uma mulher de vinte e cinco anos a quem chamarei de Marta⁵) tinha tentado o suicídio e estava se recuperando em terapia intensiva. Nossa primeira conversa foi dolorosamente desajeitada — não apenas por ser aquele o nosso primeiro encontro, ou porque eu era um recruta numa missão difícil, mas porque Marta estava aterrorizada comigo. Quando percebi isto, perguntei-lhe por que estava com medo. Sua resposta veio numa voz baixa, quase ameaçadora: “Porque você é um pastor!”

Eu lhe pedi que explicasse o que queria dizer com isso, mas ela me deu as costas, sem responder. Após um longo e desconfortável silêncio, eu perguntei se podia ler um trecho das Escrituras para ela. Marta ficou quieta por um momento

e então (ainda de costas para mim) disse: “Não, por favor. Eu não tenho força suficiente para isso!”

Completamente confuso e desmoralizado, eu pedi desculpas e saí do quarto.

Nos meses seguintes, Marta e eu ficamos amigos; finalmente ela me contou sua história. Ela tinha nascido em um lar cristão fundamentalista e cresceu numa comunidade rural conservadora, em termos religiosos. Seus pais usavam Deus e a Bíblia para controlá-la e ameaçá-la. Deus sempre era retratado como um juiz severo que exigia perfeição nos pensamentos e nas ações. Como ela não atendia a esse padrão, vivia com medo de ser castigada por Deus. Quando seu bezerro de estimação morreu de cólica, Marta achou que Deus a estava punindo por algum pecado.

À medida que crescia, Marta foi percebendo que não apenas tinha medo de Deus, mas que também temia qualquer coisa relacionada a ele. Começou a ficar agitada e sem jeito sempre que estava na presença de um pastor; e não conseguia ler nenhuma parte da Bíblia sem sentir alguma indisposição física. Depois de se formar em enfermagem, aos vinte e poucos anos, Marta ficou seriamente deprimida. Procurando conforto em um relacionamento sexual com um homem casado, ela engravidou. Desesperada, sentindo que Deus a estava castigando por seu pecado, ela tentou o suicídio.

Anos depois de haver tentado contra a própria vida, e depois de muitas horas de aconselhamento especializado e de cuidado pastoral ministrado com muito amor, agora Marta está bem. Algum tempo atrás, eu lhe perguntei como estava e ela respondeu: “Bem... Eu consigo encará-lo de frente e falar com você sem tremer. Consigo ler a Bíblia sem me sentir mal e posso ir à igreja sem ficar com o estômago revirado. Estou muito bem!”

Pessoas que “sobrevivem” a um abuso espiritual freqüentemente ficam vagando em uma espécie de limbo; tornam-se confusas, machucadas e iradas. Algumas vítimas de abuso pastoral se culpam pelo próprio sofrimento, pensando que elas devem tê-lo merecido. Outras vivem se recriando por terem se submetido tão tolamente, a si mesmas

e a suas famílias, a tal humilhação. Outras concentram seu ódio no abusador. Em pouco tempo, totalmente mutiladas pela amargura, não se deixam mais alcançar pela cura de Deus. Como Juanita e Dale Ryan dizem, “O abuso espiritual é um tipo de abuso que danifica o núcleo central de quem somos. Ele nos deixa espiritualmente desorganizados e emocionalmente nos deixa fora do amor curador de Deus.”⁶

As vítimas de abuso espiritual são, quase sempre, solitárias. Mas às vezes eles se associam com outros que passaram pela mesma experiência. Quinze pessoas desse tipo passaram a freqüentar uma igreja à qual eu servia. Todos eles haviam passado os anos anteriores juntos, em uma igreja associada com um movimento de discipulado bem autoritário.⁷ Cada um deles tinha, em algum momento, desejado deixar aquela igreja, mas se sentia emocionalmente incapaz de fazê-lo sozinho. Finalmente eles se juntaram e saíram em massa.

Durante seu primeiro ano conosco, ouvi a história de cada um deles. Eles pintaram um quadro consistente de sua igreja anterior. Era rigidamente hierárquica. Cada um dos membros era submetido a um pastor pessoal que dirigia suas vidas como um pai supervisiona filhos pré-adolescentes. Cada pastor dizia a seus seguidores que profissão seguir, que carro comprar, aonde ir nas férias e outras coisas do tipo. O pastor pessoal decidia quantos filhos um casal deveria ter e como eles tinham de ser criados. Os membros dessa igreja abriam mão de todo direito de tomar uma decisão significativa e, finalmente, de todo senso de autonomia e identidade pessoal.

Perguntei a vários deles por que tinham participado voluntariamente na sua própria desumanização. “Afinal de contas,” eu lhes disse, “ninguém estava apontando uma arma para a sua cabeça.” A resposta deles foi unânime. Todos eles disseram que tinham acreditado que o modo pelo qual eram tratados estava certo e que, no final de tudo, eles seriam recompensados por sua lealdade e submissão.

A estrutura hierárquica da igreja deles não era só opressiva, mas também viciava. A maior parte dessas pessoas

ficou tão habituada à estrita prestação de contas que, quando finalmente saíram daquela igreja abusiva, elas se sentiram completamente perdidas. Todas elas entraram em depressão, algumas em depressão profunda. Anos depois, muitas ainda não se recuperaram. Algumas apelaram para o álcool e o uso de drogas prescritas em busca de alívio. Alguns casamentos se tornaram abusivos. Homens que antes do envolvimento com aquele movimento haviam sido profissionais altamente motivados e produtivos, agora, depois de deixá-lo, não conseguiam permanecer no emprego.

A cada história que eu ouvia, ficava impressionado com a intensidade com que todos eles haviam se dedicado a Cristo um dia. No começo, todos ansiavam que suas vidas fizessem diferença para o reino de Deus. Foi essa ânsia de “se dar inteiramente a Jesus” que fez a igreja do discipulado atraí-los tanto no início. Essa igreja conclamava a um padrão de discipulado mais sublime, mais nobre e mais sacrificial. Por excesso de entusiasmo e falta de sabedoria, estes discípulos altamente motivados logo se tornaram vítimas de abuso espiritual.

Como iremos ver, os crentes mais comprometidos são freqüentemente mais vulneráveis à religião abusiva. Mas, como os Berks dizem: “O Evangelho significa vida para os que são espiritualmente mortos. O ‘movimento do discipulado’ foi trazendo cada vez mais morte espiritual àqueles que eram espiritualmente vivos.”⁸

Existe Libertação do Abuso?

Em mais de vinte anos de ministério público, ouvi muitas histórias de abuso espiritual. A grande quantidade e a predominância de tais histórias foram pouco a pouco me fazendo acreditar que o problema de cristãos poderosos que ferem irmãos e irmãs mais fracos era mais ou menos inevitável.

Não faz muito tempo, entretanto, que a minha atitude passiva e pessimista com relação a esta questão mudou radical e quase instantaneamente enquanto eu estava preparando um sermão. Eu vinha pregando sobre o Evangelho de Mateus. Ao chegar ao capítulo vinte e três, na parte em

que Jesus confronta publicamente os fariseus com relação ao abandono dos seus deveres pastorais, me veio a tentação de pular aqueles versículos porque eles pareciam ter pouca importância para as necessidades pastorais de minha congregação. Então, como se estivesse ouvindo pela primeira vez o que Jesus estava dizendo, eu percebi que os abusadores eclesiais de nossos dias, autoritários e narcisistas, são os equivalentes modernos dos fariseus a quem Jesus repreendeu. Jesus não apenas expôs e denunciou os fariseus como falsos pastores, como também se ofereceu como advogado para suas vítimas. Seu ensinamento em Mateus 23 dá esperança e orientação para todos os feridos por abuso espiritual.

Jesus não se conformou com o abuso espiritual — ele o enfrentou. Ele exigiu mudanças. Por que deveríamos nós deixar por menos?

Após ter percebido o que Jesus estava realmente dizendo em Mateus 23, eu vi que ele dizia coisas semelhantes ao longo dos Evangelhos. De fato, a questão do abuso espiritual era tão importante para Jesus que foi este o único mal social contra o qual ele construiu uma plataforma. Foi o único problema cultural que ele expôs e ao qual se opôs repetidas vezes. Isto é surpreendente, principalmente se lembrarmos que sua cultura tinha uma multidão de males sociais. Jesus não tomou nenhuma posição pública contra a escravidão, o racismo, luta de classes, terrorismo patrocinado pelo estado, ocupação militar ou corrupção no governo. Ele não disse uma palavra contra o aborto ou o infanticídio, homossexualismo ou exploração de mulheres e crianças. Todos estes problemas e outros mais eram significativos nos tempos de Jesus; mas nós não temos um único registro de que ele os tenha denunciado diretamente.

A igreja moderna *tem* falado contra todos esses males sociais. O estranho, mesmo, é o fato de até recentemente nós não termos dito virtualmente nada sobre o abuso espiritual, o único problema social do qual o próprio Jesus pareceu ter se preocupado com mais insistência.

Ao invés de pular Mateus 23 por considerá-lo irrelevante, preguei uma série de sermões baseados nesse capítulo. A

resposta a esses sermões (e à série de fitas com as gravações deles) foi impressionante! Dezenas de pessoas da congregação vieram procurar-me para contar, não apenas as suas histórias de abuso espiritual, mas também as de seus parentes e amigos. Os abusados espiritualmente e os abusadores começaram a compreender suas experiências sob uma nova luz, perdoaram (ou se arrependeram) e receberam o perdão de Jesus e de sua igreja. Muitos relataram ter experimentado sentimentos de alegria e libertação.

Agora, em todos os lugares aonde eu viajo para conferências de ministério, fico surpreso com a grande quantidade de histórias de abuso espiritual que as pessoas parecem estar ansiosas para compartilhar. Bispos da igreja anglicana, camponeses romenos, políticos sul-africanos — todos têm contado histórias de abuso e manipulação. E em todos os casos e culturas, os princípios que Jesus ensinou (como registrado em Mateus 23) têm a chave da cura e da saúde hoje, a mesma que beneficiou os fariseus e suas vítimas de então.

Olhando à Frente

Os próximos cinco capítulos deste livro são uma exposição e aplicação de Mateus 23. No Capítulo 2 nós iremos ver como Jesus denuncia os meios ilegítimos pelos quais os fariseus inicialmente adquiriram controle sobre o povo: eles tomaram para si mesmos o honroso assento de Moisés. Na verdade, eles declararam: “Já que nós falamos por Moisés (que fala por Deus), vocês devem nos obedecer.” O equivalente moderno disto é o líder de igreja que diz: “Já que eu sou o ‘ungido do Senhor’ (ou o pastor, ou o ancião, ou o bispo), vocês devem fazer o que eu digo.” Jesus e Paulo deixam muito claro, contudo, que nenhum ofício, posição ou título traz em si mesmo qualquer autoridade espiritual. No reino de Deus, a única autoridade verdadeira resulta da liderança através do serviço.

No Capítulo 3 veremos que o que tornava os fariseus perigosos não era somente a falsa autoridade deles, mas também seu falso ensino. Eles ensinavam uma falsa visão de Deus e um falso modo de servi-lo. Retratavam Deus como

um juiz legalista, que favorecia aqueles que guardavam suas regras religiosas e desprezava os que não o faziam. Pregadores modernos que fazem com que a aceitação de Deus dependa do desempenho religioso são os fariseus de hoje. Aliás, Jesus disse que mentiras religiosas com aparência de verdade, quando faladas por líderes respeitados, são perniciosas para a vida espiritual.

Jesus nos ensina como identificar falsos mestres — e este é o assunto do Capítulo 4. Segundo ele, os tais “mestres” colocam pesados fardos religiosos sobre os homens e mulheres mas não movem um dedo para ajudá-los. Essas cargas são leis e regulamentos que parecem ser espirituais, mas que, na realidade, paralisam o crescimento espiritual. O legalismo — seja evangélico, fundamentalista ou católico-romano — constitui os fardos pesados da atualidade. E todos os que os empilham sobre as pessoas são iguaizinhos aos fariseus que Jesus denunciou no seu tempo. O bom pastor é aquele que retira as cargas, libertando seus seguidores.

No Capítulo 5, veremos que o líder abusivo de igreja tem um problema de ego. Jesus diz: “Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens” (Mt 23.5, NVI). Para eles, tudo se resume em “parecer bom”. O que importa não é se *são* povo de Deus, mas apenas se *parecem* ser povo de Deus. Mais importante do que quem eles são é aquilo que as pessoas pensam deles. Por essa razão, eles assumem títulos honoríficos como “Rabi” (v. 7) — ou o equivalente moderno: “Pastor Presidente”, “Reverendo”, “Doutor”. O verdadeiro pastor não precisa fingir devoção a Deus, nem precisa de títulos exaltados. Ele é conhecido por seu fruto.

No Capítulo 6 descobriremos mais uma característica indicativa do abuso espiritual: valorizar minúcias e negligenciar o que é realmente importante. Líderes e sistemas espiritualmente abusivos tomam posições intransigentes em itens de pouca importância, enquanto negligenciam questões significativas. Eles podem ter uma postura intransigente quanto a trajes e a vinho no jantar e, no entanto, dar pouca importância à justiça e ao amor. O verdadeiro pastor, contudo, faz do amor de Deus e do amor às pessoas a sua prioridade.

No Capítulo 7, nós iremos discutir quem é fisgado pelo abuso espiritual e por quê. Trataremos das necessidades emocionais das vítimas e da psicologia dos abusadores.

O Capítulo 8 é dedicado à cura que Deus dá ao abuso espiritual, tanto para os perpetradores quanto para as vítimas. Aqui nós veremos como o abusador e o abusado são libertos de seu relacionamento mutuamente destrutivo através da graça poderosa de Deus.

Os dois últimos capítulos descrevem o líder saudável: o líder-servo. O líder não-abusivo de igreja não é fraco nem passivo, mas forte e cheio de autoridade. Esta autoridade é proveniente, não do apossar-se do poder, mas do servir. O líder não-abusivo presta um bom serviço ao levantar os fardos dos ombros, promovendo outros, escancarando a porta do reino da graça de Deus e alimentando o povo de Deus com comida espiritual saudável e nutritiva.

Dentre as pessoas que fizeram avaliação crítica deste livro, várias observaram que ele parece ser dirigido a mais de um público. Um pastor disse:

No princípio eu pensei que ele se destinava a pessoas que haviam sido espiritualmente abusadas. À medida que eu fui lendo, no entanto, vi-me olhando para o material sob diferentes perspectivas. Às vezes, eu era um pastor aprendendo a aconselhar alguém que tinha sido abusado; às vezes, eu era um líder de igreja que necessitava tomar cuidado com atitudes ou atos que poderiam levar ao abuso; outras vezes, eu me perguntei se um evento ocorrido na minha igreja não tinha sido um abuso espiritual.

De fato, este livro fala a vários públicos, principalmente porque a passagem bíblica na qual ele se baseia é endereçada a vários públicos. Em Mateus 23, Jesus fala a pelo menos dois tipos de pessoas: os abusadores espirituais e suas vítimas. Geralmente as Escrituras são úteis a diferentes grupos por diferentes razões, assim como ajudam a mesma pessoa por diferentes razões. Com este livro, espero que aconteça a

mesma coisa. No entanto, procurei deixar claro a qual grupo estou me dirigindo em cada ponto ao longo do caminho.

Quero dizer uma última palavra aos leitores que são vítimas de abuso espiritual. O mais provável é que este livro vá aumentar em você a consciência do que sofreu e (pelo menos por algum tempo) intensificar a dor. Se a dor promover a cura, bem. Mas, se originar a amargura para com o abusador ou à instituição abusiva, você estará pior do que antes. Por mais que Jesus tenha se irado contra os abusadores espirituais do seu tempo, ele estava sempre pronto a perdoá-los na mesma hora. Seu próprio poder para perdoar reside em nós, e nós fazemos muito bem em valer-nos dele.

Jesus disse: “Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados” (Mt 7.2). Ele também disse: “Todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão” (Mt 26.52). Quando uma pessoa critica sua própria profissão (como eu faço neste livro), ela está segurando essa espada da crítica pela lâmina afiada, de modo que, à medida que a empunha, o primeiro sangue derramado acaba sendo o seu próprio sangue. Eu sou pastor de uma igreja e, portanto, um possível abusador espiritual. Ao escrever este livro, tomei consciência do meu próprio potencial para abusar e, assim o espero, diminuiu a probabilidade de eu fazê-lo. Minha oração é que aqueles que lerem este livro recebam este mesmo benefício.

*O clero "meio cristão" de toda denominação é a
causa do assim chamado fracasso da igreja.*

George MacDonald

Ética é para o mundo dos sonhos.

Poder é para a realidade.

*Um líder deve ter poder para controlar o seu
ambiente e fazer com que as coisas funcionem.*

Executivo de uma empresa moderna

*Os mestres da lei e os fariseus
se assentam na cadeira de Moisés.*

Jesus Cristo

2

A CADEIRA DE MOISÉS — O PODER PARA ABUSAR

M*inha esposa, Patti, deu à luz sete* filhos saudáveis. Um mês antes do nascimento do quarto bebê, ela começou a ter um sangramento. Corri com ela para o hospital para fazer exames. O diagnóstico foi placenta prévia, uma situação perigosa, às vezes fatal, em que a placenta se fixa numa posição muito baixa no útero, bloqueando a saída da criança no nascimento. Se Patti tivesse entrado em trabalho de parto, a placenta, ao bloquear a saída do bebê, teria se rompido. Sem uma intervenção médica imediata, ela teria sangrado até a morte, com a criança aprisionada na barriga.

Dentro de Patti formara-se uma vida completa e saudável. Poucos anos atrás, antes de termos à mão os recursos de atendimento médico que existem hoje, essa vida teria morrido dentro dela por causa de uma obstrução pequena, mas estrategicamente posicionada.

Obstruções pequenas mas estrategicamente situadas podem aprisionar e matar também a vida de uma igreja. Na maioria das vezes, essas obstruções são maus líderes. Um amigo meu diz que “em uma igreja, tudo cai ou se levanta por causa da liderança”. Na maior parte das vezes, eu concordo. Meus arquivos estão cheios de exemplos de li-

deranças falhas e estrategicamente colocadas que frustraram a vida espiritual da igreja.

Em certa igreja, o líder dos jovens organizava e dirigia programas que atraíam muitos alunos de duas escolas de segundo grau e de uma escola técnica. A maioria desses jovens passava por um processo saudável de conversão e se aprofundava na fé através desses programas. Depois, muitos deles eram treinados para a liderança sob os cuidados desse líder. Como um todo, este foi o melhor programa de jovens já patrocinado por aquela igreja. A igreja não só cresceu numericamente através desse ministério, mas o programa também infundiu vida espiritual na congregação inteira. Era motivo de inveja de toda a denominação.

Tudo terminou abruptamente quando uma adolescente perturbada acusou o líder de assediá-la sexualmente. O pai dela, que era o tesoureiro e o líder do conselho da igreja, usou sua influência estratégica para conseguir que o líder fosse demitido sem que se fizesse uma investigação das acusações contra ele. Este abuso de poder matou a dinâmica do trabalho de jovens e a metade das famílias da igreja foi embora.

Quando finalmente os líderes da denominação resolveram investigar as acusações, descobriram que eram falsas. Na verdade, a moça tinha tentado seduzir o jovem, mas sem sucesso. Então ela inventou a história que resultou na demissão dele. Ele foi exonerado publicamente e ficou tão desiludido com a experiência que ainda hoje está completamente afastado da igreja. Mas está se saindo muito bem vendendo seguros de vida.

Tomando Posição

Um líder abusivo estrategicamente mal colocado tem o poder de obstruir a vida da igreja, assim como uma placenta mal posicionada bloqueia a vida no ventre de uma mãe. Jesus sabia disso. Em Mateus 23 (como também em outros lugares) ele se opõe veementemente a isso. No tempo de Jesus, os tais líderes “estrategicamente mal colocados” eram os escribas e os fariseus. Estes líderes espirituais

trabalharam duro desde o início para frustrar Jesus e o seu ministério de vida.¹ Em um comentário sobre Mateus 23, Dale Brunner diz: “Neste capítulo, Jesus critica duramente a falsa religião, em especial a falsa liderança religiosa. Jesus acreditava que o maior problema em Israel era o farisaísmo . . . Foi a liderança farisaica que afastou Israel de Jesus, mantendo Israel fora do reino de Deus que estava irrompendo por intermédio de Jesus.”²

Os fariseus estabeleceram-se como governadores e juízes do povo, de forma a criarem um certo tipo de comunidade religiosa. Uma das características mais importantes dessa comunidade era a preocupação com a pureza. Os fariseus eram rígidos e obcecados com limpeza física e moral. O judeu que se adequava a esse código de pureza era considerado um membro respeitável dessa sociedade. Os fariseus barravam da comunidade aqueles que não queriam ou não conseguiam se adequar. O poder deles para determinar quem estava “dentro” ou “fora” é deixado claro em João 12.42-43. Aqui nós vemos que muitos líderes judeus criam em Jesus mas não o admitiam por medo de que os fariseus os excomungassem da sinagoga. O poder dos fariseus para decidir quem estava dentro e quem estava fora da comunidade era o poder que tinham para abusar.

Um ponto significativo de conflito entre Jesus e os fariseus era porque ele atacava as leis de pureza deles. Ele fez de tudo para quebrar essas regras publicamente e ensinar contra elas. Isso teve o efeito de derrubar os limites da comunidade religiosa construídos com tanto cuidado pelos fariseus. Eles queriam ser os guardiães dos portões, controlando quem devia ser aceito e quem devia ser rejeitado. Mas Jesus deixou todos, até mesmo as prostitutas e os coletores de impostos, participarem de sua nova comunidade — uma sociedade que estava fora do controle dos fariseus. Não é de se estranhar que eles o odiassem!

Hoje, quando líderes de igreja se arrogam o direito de ser os guardas dos portões, estabelecendo como critério de aceitação ou rejeição o desempenho religioso ao invés da fé

em Jesus, eles se tornam os líderes estrategicamente mal colocados que obstruem a vida do corpo de Cristo. Agindo assim, estão perpetuando o ministério dos fariseus.

Na maioria dos casos de abuso espiritual, a questão central é o controle das pessoas. Quando Jesus anunciou a nova comunidade de Deus, colocando-se como líder dela, os fariseus viram escapar de suas mãos o controle que tinham sobre a sociedade. Isto não só incitou a ira deles contra Jesus, mas também os galvanizou para que exercessem seu poder contra ele. O abuso requer poder, e os fariseus o tinham.

Escrúpulos religiosos e o desejo de controlar os outros fizeram dos fariseus os mais perigosos dos homens. Como C. S. Lewis disse certa vez: “Se o chamamento divino não nos tornar melhores, ele nos tornará bem piores. De todos os homens maus, os maus religiosos são os piores.”³

Jesus costumava ser seco com os fariseus; mas na ocasião registrada em Mateus 23, ele deixa sua raiva contra eles queimar na mais alta temperatura. Quando uma pessoa tem por característica a impaciência e é dada a explosões de fúria, sua zanga não é tão grande nem nos impressiona muito. Mas, se uma pessoa é normalmente gentil e paciente e então explode em ira flamejante, isso nos choca. É por esta razão que a raiva de Jesus contra os líderes espirituais de Israel em Mateus 23 chama tanto a atenção.

Nossa raiva tem muitas conseqüências. Uma das mais interessantes é que ela revela *com que* estamos verdadeiramente comprometidos. Nós só ficamos com raiva quando a questão é importante para nós. Eu, por exemplo, fico irado com as longas filas que me prendem enquanto espero por um serviço; isso mostra que eu não gosto de ser incomodado. Quando meus três filhos mais velhos não limpam a garagem após trabalharem com madeira, eu fico zangado; isso mostra meu compromisso com uma garagem limpa. E se, como Jesus, ficamos indignados com abusadores espirituais, isso pode indicar nossa profunda preocupação com suas vítimas. Como David Seamands explica: “Uma pessoa que não pode sentir raiva contra o mal é uma pessoa a quem falta entusiasmo

pelo bem. Quando alguém não consegue detestar o erro, é bastante questionável se tal pessoa realmente ama a justiça.”⁴

O Novo Testamento registra muitos relatos de raiva de Jesus que revelam com o que ele realmente se importa. Cada um desses eventos demonstra que Jesus se importa mais com pessoas do que com religião. Sua profunda preocupação com pessoas que foram vitimadas por uma falsa autoridade religiosa aparece claramente em Mateus 23. Uma das vantagens de se ver a indignação de Jesus contra os fariseus aqui é que ela dá às vítimas de abuso espiritual dos dias de hoje a permissão que elas talvez necessitem para se libertar de seus abusadores.

Jesus começa a desmascarar os fariseus nos mostrando como eles se apossaram do poder com o qual controlavam seus seguidores. A base do poder deles era a cadeira de Moisés. Segundo ele, “Os mestres da lei e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés” (Mt 23.2, NVI). “A cadeira de Moisés” não é uma mera metáfora; era uma cadeira de verdade, um trono de pedra colocado na frente das sinagogas.⁵ Os fariseus subiam a essa cadeira de autoridade para assumir poder espiritual sobre as pessoas comuns. Eles se apossavam dessa posição de poder. Não eram nem indicados por Deus nem eleitos pelo povo. Eles se assentavam na cadeira de Moisés e conferiam a si mesmos a autoridade para governar.⁶

Nos dias de hoje, é comum ouvirmos que “conhecimento é poder”. No tempo de Jesus, o conhecimento da lei de Moisés era poder. Os fariseus conheciam de cor o ensino de Moisés e sabiam como ensiná-lo e aplicá-lo. Eles eram os especialistas. Do alto dessa posição de poder, eles olhavam para a “plebe” ou “ralé” (como eles a chamavam) lá embaixo e declaravam que ela era maldita porque “não entendia nada da lei” (Jo 7.49, ARA e NVI). Portanto, para esses abusadores eclesiais do primeiro século, a cadeira de Moisés funcionava quase do mesmo modo que os títulos de liderança, graus acadêmicos e cargos de igreja funcionam para os abusadores espirituais dos nossos dias.

Bases para a Autoridade

Eu já ouvi muitos pastores dizerem às suas congregações: “Vocês devem me seguir porque eu sou o pastor.” A exigência deles não era baseada na verdade ou na direção dada por Deus à liderança deles, mas no título que possuíam. Esta é uma base falsa para a autoridade. Tenho ouvido outros líderes religiosos dizerem: “Vocês devem levar minhas palavras a sério porque eu tenho um doutorado.” Se suas palavras não são verdadeiras, eles não têm autoridade e não precisamos ouvi-los; seus graus acadêmicos não têm importância. O cúmulo do apelo à posição é a conhecida “declaração de infalibilidade” do papa romano, feita com base em ser ele o sucessor de São Pedro. (Aliás, convém lembrar que Pedro é a única pessoa a quem Jesus alguma vez se referiu com sendo “Satanás”; ele é também o discípulo que negou a Jesus três vezes. Além disso, Pedro provou ser bastante falho na sua controvérsia com Paulo; veja Gálatas 2.)

Qualquer reivindicação de autoridade baseada em posição, título, grau acadêmico ou cargo é falsa. A única autoridade que Deus reconhece e à qual nós devemos nos submeter é a verdade.

Homens (e, às vezes, mulheres) que estabelecem para si mesmos “cadeiras de autoridade” freqüentemente sentem a necessidade de embelezar seus cargos, posições ou títulos com “qualidades especiais”. Eles podem enfatizar a sua “chamada única”, os seus “talentos especiais”, a sua “grande experiência”, a sua “revelação profética” para reforçar a sua posição ou cargo. Nenhuma dessas qualidades especiais tem necessariamente relação com a verdadeira autoridade espiritual.

Um outro truque utilizado para manter um líder firmemente empoleirado na cadeira de Moisés e acima de qualquer suspeita (portanto, livre de prestar contas a quem quer que seja) é referir-se a ele como o “ungido do Senhor”. Isto pressupõe que ele foi especialmente escolhido e capacitado por Deus e por isso deve ser tratado com reverência especial. A ordem dada por Deus no Antigo Testamento, “não toqueis nos meus ungidos”, é empregada para proteger

esses líderes de exames e críticas. Esta frase, que vem de 1 Crônicas 16.22 e Salmo 105.15, é arrancada do contexto e distorcida para atender a essa necessidade. Quando Davi falou estas palavras, ele estava advertindo seus homens para que não matassem o rei Saul, a quem o próprio Deus tinha ungido com óleo e com o Espírito Santo.

A advertência de Davi para não matarem o rei não tem relação alguma com a forma de tratarmos os líderes da igreja nos dias de hoje. O antigo sistema de Israel, com sua hierarquia de reis, profetas e sacerdotes, é abolido no Novo Testamento. Nós temos um Rei, e o restante de nós somos todos sacerdotes que são exortados a profetizar. A unção espiritual exclusiva que vinha sobre os reis, profetas e sacerdotes no Antigo Testamento é agora generosamente derramada sobre todo o povo de Deus. Falar que alguém é especialmente ungido como no caso dos líderes do Antigo Testamento estimula um temor exagerado com relação a essa pessoa. Isso também resulta num sistema de classes no reino de Deus, que na verdade não existe.

Quando um líder reivindica autoridade baseado na posição, em qualidades únicas ou em uma unção especial e é bem-sucedido na criação de uma hierarquia na igreja, ele passa a ter mais facilidade em controlar os que estão sob sua tutela. Passa a se defender com mais facilidade daqueles que o desafiam.

Watchman Nee pode ter, inadvertidamente, ajudado muitos dos líderes eclesiásticos de nossos dias a criar essa estrutura. Ele escreveu que se nós realmente compreendermos que Jesus é a cabeça do corpo, veremos que outros membros do corpo estão acima de nós na hierarquia e que temos de nos submeter a eles. “Portanto você reconhece não apenas a cabeça mas também aqueles a quem Deus estabeleceu em seu corpo para representá-la. Se você se opuser a eles, estará se opondo a Deus.”⁷ Nee afirma em outro lugar que devemos obedecer cegamente àqueles que possuem autoridade delegada sobre nós e que “insubmissão é rebelião e por ela a pessoa sob autoridade deve responder a Deus”.⁸

Certos líderes de igreja oportunistas baseiam-se no erro de Nee, dizendo que agora Jesus “governa através de autoridade delegada — isto é, através daqueles a quem ele estabelece em posição de autoridade sob as suas ordens. Onde quer que a autoridade delegada a essas pessoas toque nossas vidas, Deus requer que a reconheçamos e que nos submetamos a ela, tanto quanto nos submeteríamos a ele em pessoa.”⁹ Um outro líder equivocado coloca isto desta forma:

Um discípulo é uma pessoa que obedece aos seus discipuladores mesmo que não entenda o que lhe é dito. Como deseja ter um coração ensinável, ele irá obedecer totalmente e ser completamente obediente, mesmo que lhe peçam que faça alguma coisa contrária ao seu modo normal de pensar ou fazer. Não confiar na pessoa que Deus colocou em sua vida é igual a desconfiar de Deus, e sua fé em Deus é demonstrada pela sua confiança em seus discípulos.¹⁰

Paulo pensava de outra forma e demonstrou isso quando confrontou seu superior, o apóstolo Pedro, como relatado em Gálatas 2. Quando Paulo descobriu que Pedro “não procedia corretamente segundo a verdade do evangelho” (v. 14), ele “resistiu-lhe face a face, porque se tornara repreensível” (v. 11).

Entre outras coisas, Paulo declarou por meio da sua atitude que a verdade sempre desconsidera posição ou título na igreja. A verdade, bem como a autoridade dela decorrente, não provém de personalidade ou cargo. Provém da Palavra de Deus e do evangelho que ela proclama. Eu concordo com Michael Horton, que sustenta que “não existem coisas tais como ‘o ungido do Senhor’, pregadores que estão acima da Palavra . . . Qualquer declaração de que se tem autoridade divina para comandar, esperar, revelar ou dirigir de forma não estabelecida nas páginas das Escrituras é característica de um tirano espiritual e fariseu.”¹¹

Ignorando este ensinamento básico do Novo Testamento, muitos líderes de hoje constroem para si mesmos hierarquias eclesiásticas com eles mesmos no topo. A partir desta

imagem distorcida do corpo de Cristo, vem a idéia de “cobertura espiritual”, que funciona como uma outra ferramenta de controle. A cobertura espiritual pinta uma cadeia de comando com autoridade fluindo através dela, do topo para a base. Os que estão abaixo na cadeia devem ver os que estão acima como sua “cobertura” e submeter-se a eles como se submeteriam ao próprio Cristo.

A maioria das doutrinas falsas resulta de uma ênfase excessiva em uma verdade bíblica — o que a transforma em uma inverdade — ou de se tirar do contexto uma verdade bíblica e distorcê-la de acordo com um propósito não-prestendido pelo Espírito Santo. A noção da cobertura espiritual é um outro tipo de doutrina falsa. Não apenas existe pouca ou nenhuma base bíblica para a idéia da “cobertura”, como também essa idéia não resiste face a numerosos e bem-embasados ensinamentos bíblicos em contrário: a natureza igualitária da comunhão na igreja (Mt 23.8-12), a natureza fraterna da disciplina na igreja (Mt 18) e a igualdade entre os membros do corpo de Cristo (1 Co 12.14-26). Em Mateus 10.1 Jesus deu a seus discípulos autoridade espiritual e o poder para curar os enfermos e expulsar demônios. Embora tenha delegado aos seus seguidores autoridade sobre doenças e espíritos malignos, Jesus nunca delegou a ninguém sua autoridade sobre pessoas.

Alguns líderes de igreja defendem seu estilo de liderança autocrático e a estrutura hierárquica na igreja em nome da “unidade da igreja”. Apenas uma forte autoridade central, argumentam, pode manter a disciplina e a unidade entre os irmãos. O problema, é claro, é que a real unidade nunca pode ser obtida através da coerção. O autoritarismo cristão confunde unidade espiritual com unanimidade. Unidade se obtém quando pessoas livres submetem-se livremente umas às outras. Como acontece, isso é um mistério; o processo é freqüentemente muito confuso e requer assunção mútua de riscos. Unanimidade ou uniformidade, por outro lado, pode ser obtida com controles autocráticos. Pode ser prescrita, medida e monitorada. É essencialmente externa, enquanto a verdadeira unidade é sobretudo interna. A uniformidade

busca um comportamento correto, enquanto a unidade deseja um espírito correto. A unanimidade exige que nós todos experimentemos a Deus das mesmas maneiras e expressemos essa experiência com o mesmo vocabulário. A unidade tem prazer nas diferenças.

Os abusadores espirituais têm capacidade para impor unanimidade e uniformidade por causa das estruturas hierárquicas que eles constroem. É por isso também que eles podem exigir tratamento e honra preferencial.

A honra que damos aos nossos líderes, contudo, só pode ser oferecida livremente. Não se baseia em uma cadeira de autoridade, mas numa liderança que se expressa em serviço. Nossos verdadeiros líderes são servos de Cristo e nossos.

Liderança Servidora

Jesus afirmou claramente que a única autoridade espiritual legítima é a autoridade que se expressa no servir. Ele disse que apesar de os presidentes das empresas e do governo mandarem nos seus seguidores, “não é assim entre vós”. Se alguém almeja ser grande, tudo bem; mas a grandeza de fato deve se expressar através do serviço. O que tem verdadeira autoridade deverá servir como escravo, não como governador (Mt 20.24-28; veja também João 13). Esta percepção facilita-nos discernir quem são as verdadeiras autoridades na igreja.

Em Lucas 12.42 Jesus retrata o que é a verdadeira autoridade espiritual através de uma parábola. Ele pergunta: “Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?” O verdadeiro líder não é necessariamente superdotado de dons ou talentos; ele não precisa da cadeira de Moisés para comprovar sua eficácia. Tudo o que ele precisa fazer é ser fiel e sábio, servindo comida aos seus seguidores quando necessário.

Conheço pastores e líderes de igreja que sentem a necessidade de títulos e reconhecimento especial para ganhar o respeito de seus seguidores. Eles tentam parecer fortes e

decididos a fim de ganhar a confiança das pessoas, mas tudo o que Jesus espera deles é que cozinhem comida espiritual nutritiva (não necessariamente especial) e que saibam quando servi-la. Quando Jesus compara um bom líder a um mordomo sábio e fiel, ele não apresenta esta definição como uma opção entre muitas. No reino de Deus, a liderança servidora é o único tipo de liderança que existe. Se um ministro a rejeita, seu julgamento é rápido e severo. O líder abusivo irá receber açoites (vv. 47-48) e poderá ser até “cortado ... em pedaços” (v. 46).

Jesus não só ensinou que os líderes deveriam servir como mordomos, mas também nos *mostrou* como fazê-lo. Em sua cultura, a tarefa de lavar os pés dos convidados quando eles entravam em uma casa recaía sobre o servo mais humilde. Quando Jesus lavou os pés dos seus seguidores, ele lhes disse: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem: porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo” (Jo 13.13-15). Na igreja de Jesus, a verdadeira autoridade espiritual não sobe à cadeira de Moisés para governar, mas se ajoelha para servir.

A liderança servidora de Jesus não era meramente um modo de auto-revelação, uma expressão temporária de seu maior trabalho entre nós. “Servo” é quem Jesus é — ontem, hoje e para sempre. Certa vez Jesus contou uma parábola sobre a sua segunda vinda e disse: “Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor quando vier os encontre vigilantes.” E então chocou aqueles que esperavam que ele voltasse como um juiz brandindo sua espada: “Ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá” (Lc 12.35-40).

Paulo vê claramente que o estilo de liderança de Jesus é também o nosso. Nosso sentimento, ele diz, deveria ser o mesmo “que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fp 2.5-7). Jesus abdicou de sua autoridade

posicional como Deus e assumiu sua autoridade funcional como servo. Como seus seguidores, nós não podemos rejeitar a autoridade servidora para tomar o assento da autoridade posicional.

A autoridade posicional carrega consigo o poder de coagir, de compelir. A autoridade servidora, no entanto, abdica prazerosamente desse poder, de forma que quem se submete a ela somente pode fazê-lo de livre e espontânea vontade.

Para começar, Jesus nos chama para segui-lo mas não nos força a fazê-lo. Ele nos conduz, mas sem forçar-nos a segui-lo. Durante seus anos de ministério na Terra, candidatos a discípulos que optavam por não pagar o preço de segui-lo eram mandados embora. Jesus lidera por intermédio da amizade e não por medo. Sua graça soberana nos capacita a nos submetermos a seu senhorio (que é a melhor decisão para nossas vidas), mas não determina essa decisão. Uma vez que tenhamos nascido em uma relação salvadora com ele, Jesus continua a honrar nossa liberdade de escolha. A cada dia de nossas vidas ele nos convida a segui-lo voluntariamente. Em nenhum momento ele emprega sua autoridade soberana para nos compelir a isso.

O apóstolo Paulo pareceu ter integrado completamente em seu ministério o estilo de liderança de Jesus, não-coercitivo e não-abusivo. Antes de tudo, ele ensinou que o corpo de Cristo é um organismo vivo não-hierárquico. Ele explicou que o próprio Deus está tão comprometido com a absoluta paridade entre os membros do corpo que chega de fato a fazer ajustes para dar maior honra aos membros que, de outra forma, teriam falta dela (1 Co 12.24-25).

Embora Paulo reconhecesse os ofícios de apóstolo, profeta, evangelista e outros semelhantes, ele entendia que estes eram dons e recursos para o corpo. Não existe qualquer indício nos escritos de Paulo de que estes ofícios constituíssem uma estrutura piramidal de poder. Quando os convertidos através de Paulo rejeitavam sua liderança, ele não se valia da hierarquia para colocá-los na linha. Embora Paulo fosse o apóstolo cujo modo de pensar era mais voltado ao ministério apostólico, ele não usou de poder eclesiástico nem derivado

de seu ofício para defender sua autoridade. Ao confrontar rivais e detratores em Corinto, ele diz: “E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo” (2 Co 10.1; veja também Rm 10.1; 2Co 1.24; 8.8; 1Ts 2.7; Fm 8-9).

Paulo nunca apelou para a cadeira de Moisés ou a seus equivalentes para conseguir as coisas. Ao contrário, ele se tornou vulnerável aos seus seguidores, convidando-os a responderem em mansidão: “Para vós outros, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios e alarga-se o nosso coração. Não tendes limites em nós; mas estais limitados em vossos próprios afetos. Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós” (2 Co 6.11-13).

Nós vimos que a verdadeira autoridade surge a partir do serviço e que uma pessoa se submete a ela voluntariamente. Definir liderança e submissão a líderes nestes termos torna o abuso espiritual virtualmente impossível.

Seguindo ou Resistindo

Mas alguém poderia dizer: “E o que você tem a dizer sobre 1 Tessalonicenses 5.12-13?” Lá, Paulo diz: “Agora lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração para com os que se esforçam no trabalho entre vocês, que os lideram no Senhor e os aconselham. Tenham-nos na mais alta estima em amor, por causa do trabalho deles. Vivam em paz uns com os outros” (NVI).

Estes líderes a quem Paulo nos exorta a termos “na mais alta estima” ganharam esta estima apenas porque “se esforçam no trabalho” entre nós e para nós.

Alguém mais poderia dizer: “E Hebreus 13.17? Lá, o escritor nos diz: ‘Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas’.” Para começar, este versículo não se aplica a nenhum líder que não funcione primeiramente como um servo que está “velando” os seguidores. Segundo, a palavra do Novo Testamento para “obedecei” (*peithomai*) não se refere à obediência que pode ser exigida por direito ou imposta por decreto. Ao contrário, confia-se deste modo

em líderes como uma resposta ao caráter deles e ao seu poder de persuasão.¹² Comentando sobre Hebreus 13.17, Ray Peacock diz: “Este tipo de obediência não destrói a vontade de um indivíduo exigindo adesão cega a tudo que se manda, mas convida essa pessoa a *considerar*, permitindo que a sua consciência seja o árbitro final diante de Deus.”¹³

Robert Clinton segue esta linha em seus comentários sobre autoridade espiritual. “O poder persuasivo”, ele diz, “ganha a submissão do seguidor e ainda protege sua liberdade para exercer responsabilidade moral.”¹⁴

O Novo Testamento deixa claro aos líderes espirituais que sua função ou posição na igreja não lhes dá poder algum para liderar. O que eles podem é apenas apelar aos seus seguidores e persuadi-los a cooperar. Através da leitura do Novo Testamento, os seguidores deveriam entender que eles não podem ser coagidos ou envergonhados para que se submetam a qualquer líder. Eles estão livres para cooperar ou não.

Mas então, por que aqueles que se assentam na cadeira de Moisés (tanto ontem como hoje) são tão eficazes em controlar, manipular e abusar do povo de Deus? Eu irei discutir a psicologia do abusador e a do abusado nos capítulos subsequentes. Por agora, permitam-me fazer algumas observações básicas sobre por que pessoas que anteriormente eram sensatas e inteligentes se submetem ao abuso espiritual.

Em todas as sociedades humanas conhecidas, parece que a maioria das pessoas deseja ser liderada. Elas seguem a lei da mínima resistência, deixando que aqueles que se encontram em posição de poder tomem decisões por elas. A Bíblia parece reconhecer isto, referindo-se muitas vezes a nós como “ovelhas”. Isto significa que nós temos a tendência de permitir que as figuras de autoridade façam as regras e então as apliquem a nós. Quando eles administram as regras de maneira abusiva, nossa tendência (no início) é submeter-nos.

Aliada à nossa tendência de querer um líder está a nossa incurável natureza religiosa. Nosso anseio por Deus é essencial para nós. É o aspecto mais significativo do nosso ser. Os

que se assentam na cadeira de Moisés e se posicionam como mediadores entre nós e Deus podem, portanto, atuar sobre o nosso desejo de ter um líder e sobre nosso anseio por Deus. Não é de admirar que aqueles que com mais sinceridade desejam agradar a Deus sejam os mais propensos a ser vitimados por autoridades espirituais que se colocam como mediadores de Deus. Os espiritualmente mais ávidos são os que correm o maior risco.

Ao longo dos anos eu tenho visto muitas esposas cristãs cometerem o erro de submeter-se a maridos violentamente abusivos, movidas pelo seu intenso (apesar de mal-direcionado) desejo de se submeter à autoridade de Deus. Outras pessoas permanecem voluntariamente em igrejas abusivas pelas mesmas razões equivocadas.

Para você, talvez seja confortador saber que provavelmente a ferida que você sofreu da parte de líderes de igreja no passado se deva, não a alguma coisa errada com você, mas a alguma coisa *certa*: seu anseio de aproximar-se de Deus e de agradá-lo.

Contudo, Cristo nos chama à maturidade espiritual. E isso às vezes significa resistir a autoridades espirituais, exatamente como Jesus fez. Eu concordo com Stephen Arterburn e Jack Felton quando dizem: “Nós precisamos ter a coragem de seguir o exemplo de Cristo e derrubar o sistema, seja ele um casamento ou uma organização, se esse sistema estiver errado. Submissão silenciosa em face da violência, desonestidade ou abuso apenas concorrerá para que esse abuso seja passado gerações adiante.”¹⁵

Nós sempre iremos querer líderes e sempre iremos precisar de Deus; portanto, precisamos aprender a distinguir os bons líderes dos abusivos. Este será o assunto do próximo capítulo.

*Nós não podemos pensar o pior de boas verdades
só por terem sido pregadas por maus ministros,
nem de leis boas por serem aplicadas
por maus juízes.*

Matthew Henry

*Vede, e acautelai-vos do fermento dos fariseus
e saduceus.*

Jesus Cristo

3

DISCERNINDO O FERMENTO DOS FARISEUS

Os professores de Bíblia oficiais e ordenados da comunidade judaica eram os fariseus. Eles pareciam altamente qualificados para ensinar as Escrituras por causa do seu grande aprendizado. Decoravam grandes porções da Bíblia, até livros inteiros. Além disso, eram muito bem treinados para aplicar as Escrituras. Se o povo comum quisesse saber que texto se aplicaria a uma situação particular da vida, era só perguntar a um fariseu. Esses estudiosos da Bíblia eram trabalhadores, disciplinados e, na mente do povo, de respeitada moral.

Embora fossem os homens mais respeitados da comunidade, Jesus não gostava deles — ou, pelo menos, agia como se não gostasse. Ele os chamava de nomes nada lisonjeiros, denunciava seus atos e rejeitava seus ensinamentos. Toda vez que se referia a eles em seu ensino, usava-os como exemplos negativos. Embora eles conhecessem as palavras da Bíblia, Jesus disse que eles não entendiam sua mensagem. Falando diretamente a eles, Jesus disse: “O Pai, que me enviou, esse mesmo é quem tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma. Também não tendes a sua palavra permanente em vós, porque não credes naquele a quem ele enviou. Examinais as Escrituras, porque

julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo 5.37-40).

Não entender Jesus — e, portanto, a vida — era prejuízo para eles mesmos. Mas o que mais aborrecia a Jesus era a maneira como eles negavam vida às pessoas comuns, aquelas que os viam como seus líderes. Mateus 9.35-36 mostra claramente que, na mente de Jesus, aqueles que se posicionavam como pastores para o povo de Israel eram inúteis e até danosos: “E Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.”

Pelo que parece, quando Jesus se levantava para ensinar nas sinagogas, com muitos fariseus e outros presentes, ele afirmava que as multidões estavam aflitas e desamparadas como ovelhas que não têm pastor. Isto constituiu um dos desafios mais provocativos que se podia imaginar. Imagine você se levantando, no próximo domingo, durante um culto em uma grande igreja, com muitos da equipe pastoral presentes. Então, ouça-se dizer: “Esta congregação está angustiada, ansiosa e fraca porque não tem pastores de verdade!”

Usando as Ovelhas

Jesus analisou o desempenho dos fariseus e o achou insatisfatório. Quando ele fez isso, certamente tinha em mente os pastores do tempo de Ezequiel. A descrição do trabalho dos pastores no antigo Israel é mais claramente especificada em Ezequiel 34 (apesar de isto ser feito em termos negativos). Nesse capítulo, Deus chama seus pastores para uma avaliação de desempenho e os reprova.

Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais

sobre elas com rigor e dureza. Assim se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo” (vv. 2-5).

No mundo ocidental, o mais comum é que os pastores sejam julgados por sua pregação e habilidades administrativas. Mas Deus, quando avaliou seus pastores, não mencionou estes critérios. Ele culpou os líderes de Israel por não fortalecerem o fraco e não curarem o enfermo. “A desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes.” Isto quer dizer, eles tinham achado algo mais importante para fazer do que cuidar das pessoas, que era o seu verdadeiro trabalho. Mais ainda, eles “dominaram sobre elas com rigor e dureza” (v. 4), ou, como Jesus diria mais tarde, “Atam fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, entretanto eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mt 23.4).

Ezequiel e Jesus condenaram um erro fundamental nos pastores: eles usavam as ovelhas ao invés de servirem a elas. Agiam como se as ovelhas existissem para atender a suas necessidades, ao invés do contrário. Também hoje, quando pastores olham suas congregações e vêem as pessoas como números de estatísticas de crescimento da igreja, número de dizimistas e trabalhadores a seu serviço, eles estão seguindo o estilo pastoral contra o qual Jesus e Ezequiel profetizaram.

Tradições dos Anciãos

Em geral, Jesus considerava os pastores de sua época tão inúteis e danosos quanto os pastores do tempo de Ezequiel. Em Mateus 15.1-14 Jesus deixa claro que os ensinamentos e as práticas dos fariseus não devem ser seguidos. A ação aqui se inicia com os fariseus condenando Jesus por deixar seus seguidores “quebrar a tradição dos anciãos” — isto é, eles não lavavam as mãos antes de comer (v. 2). Jesus responde a eles perguntando diretamente: “Por que transgredis vós também o mandamento de Deus?” (v. 3). Nos versículos que se seguem, ele nos mostra quantos dos

que se posicionam como defensores da Bíblia são na verdade desobedientes a ela. Eles lavam suas mãos, tudo bem, mas abusam de seus pais a quem Deus ordenou que honrassem (vv. 3-6).

Jesus se referiu a estes assim chamados defensores da Bíblia como “hipócritas” e cita Isaías para dizer que “ensinam doutrinas que são preceitos de homens” (v. 9). Pode ser surpreendente saber que estes “preceitos de homens”, ou, como os fariseus colocam, “as tradições dos anciãos,” eram os primeiros comentários da Bíblia. Estas “tradições dos anciãos” eram as interpretações autorizadas e as aplicações das Escrituras hebraicas. Nosso equivalente moderno seriam as nossas interpretações mais respeitadas e aplicações da fé cristã.

Dependendo da nossa formação, as tradições dos *nossos* anciãos poderiam incluir *As Obras de Santo Agostinho*, *as Institutas da Religião Cristã*, de Calvino, *As Obras de Lutero*, *A Confissão de Westminster* ou a *Dogmática da Igreja* de Karl Barth. Por mais valiosas que estas tradições possam ser, Jesus enfatizou que a base são as Escrituras. Isto significa que, acima de tudo, os líderes devem fazer do estudo da Bíblia uma prioridade. Colocar as Escrituras no centro não nos garante contra o abuso, mas focalizar as tradições humanas torna o abuso mais provável.

Jesus conclui sua advertência contra o ensino dos fariseus em Mateus 15 dizendo: “Deixai-os: são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco” (v.14).

Cuidado com o Fermento!

Jesus continua a advertir seus discípulos contra os fariseus em Mateus 16.6-12:

“Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus.” Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: “É porque não trouxemos pão.”

Percebendo-o Jesus, disse: “Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para

cinco mil homens, e de quantos cestos tomastes? Nem dos sete pães para os quatro mil, e de quantos cestos tomastes? Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: Acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus.” Então entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e saduceus.

Jesus começa advertindo: “Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus” (v. 6). Por um momento, os discípulos ficam confusos, pensando que ele está falando de fermento de pão. Mas, para Jesus, fermento era uma metáfora para o mal. O fermento, misturado em um pouco de massa, trabalha de forma invisível e silenciosa para transformar sua natureza, lenta mas seguramente. Da mesma forma, Jesus está dizendo que o fermento teológico, misturado em um corpo de verdades bíblicas, vai gradativa e inevitavelmente transformando e destruindo essas verdades.

O fermento é o poder irresistível da corrupção. É a putrefação do mal que permeia a verdade, transformando-a em uma mistura de verdade e mentira. Isto, é claro, é bem mais perigoso do que uma mentira pura, porque esta é facilmente localizada e rejeitada. Mentira disfarçada em verdade nos engana e nos leva a aceitá-la.

Jesus não preveniu seus discípulos para que tivessem cuidado com o fermento das prostitutas e dos coletores de impostos — os de baixo nível moral daqueles dias. O mal deles era óbvio, é claro, e, portanto, relativamente inofensivo. O verdadeiro perigo é a mentira religiosa de boa aparência misturada em um corpo de verdades faladas por uma pessoa de respeito. Jesus nos exorta a termos cuidado com aqueles que se apresentam como autoridades religiosas. Como diz Philip Keller: “A maior ameaça à igreja hoje não vem de fora, mas de dentro de nossa própria liderança.”¹

Mas então, qual era o fermento teológico contra o qual Jesus advertiu seus discípulos? E com que aparência ele vem a nós hoje? De acordo com o comentário de Dale Brunner sobre esta passagem, o fermento dos fariseus é sua “teologia perfeccionista”² — isto é, a idéia de que ao cumprirmos

nossos deveres religiosos estamos conquistando uma melhor posição diante de Deus e assegurando suas bênçãos a nosso favor. Ou, como William Hendriksen diz, o fermento dos fariseus e saduceus era “o princípio básico que governava a vida deles, como podia ser visto a partir das suas tentativas de alcançar a salvação ou obter segurança através de seus próprios esforços. A religião . . . era a conformidade exterior a um certo padrão.”³

O equivalente moderno do fermento dos fariseus é o que nós chamamos de legalismo. O termo *legalismo* cobre qualquer variação da noção de que, se executarmos bem e por tempo suficiente as disciplinas cristãs apropriadas, Deus ficará satisfeito conosco e nos recompensará. É a idéia de que, se fizermos mais e tentarmos com mais empenho, nós poderemos reivindicar o favor de Deus de modo que não precisaremos depender totalmente de sua graça e misericórdia.

O legalismo é a grande arma do abuso espiritual. A multiplicação de regras religiosas para obter controle sobre os seguidores é a arma básica do autoritarismo. O legalismo é a expressão da compulsão de líderes na busca de segurança e previsibilidade. Pensam que se eles puderem fazer cumprir uma lista exaustiva de “faça isso”, “não faça aquilo”, conseguirão ter aquela segurança e previsibilidade pelas quais eles anseiam.

Seus seguidores cooperam com esse regime abusivo porque lhes ensinam que essa é a melhor maneira de agradar a Deus e ganhar o favor dele. O trágico é que esse tipo de obediência escrupulosa de regras acaba, na verdade, nos afastando de Deus. Qualquer atividade religiosa que implique que a cruz de Jesus não é suficiente para sermos aceitos por Deus nos leva, não a ele, mas *para longe dele*.

Os Gálatas e o seu Fermento

O apóstolo Paulo toma o fermento como uma metáfora para o legalismo na sua carta aos Gálatas. “Um pouco de fermento”, ele adverte, “leveda toda a massa” (Gl 5.9; veja também 1 Co 5.6-7). Para Paulo este “um pouco de fermento” é a circuncisão judaica e outros legalismos religiosos. Aparentemente alguns mestres cristãos tinham seguido Paulo na Galácia,

acrescentando vários requisitos religiosos ao seu evangelho de salvação através da fé em Cristo somente. Estes, os chamados “judaizantes”, não negavam a salvação através da fé em Cristo. Eles simplesmente adicionavam a ela umas poucas disciplinas judaicas, supostamente para ajudar os crentes gentios a amadurecer (Gl 3.3). É como se dissessem: “Jesus nos inicia na vida cristã, mas nós amadurecemos através do nosso próprio desempenho religioso.”

Nós, evangélicos modernos, somos muito parecidos com os gálatas: nos sobrecarregamos com obras da lei na esperança de que, através delas, possamos atingir nossa meta. Nós acreditamos muito facilmente na falácia de que se tentarmos com mais empenho, se fizermos mais, ganharemos com isso maturidade, santidade e bênção.

Palavras sobre “aceitação somente pela graça e somente através da cruz” estão certamente presentes no ensino legalista de nossos dias. As palavras do evangelho ocultam a mentira do legalismo, de forma que nós engolimos uma mistura tóxica de verdade e erro. O resultado é doença espiritual.

Participei recentemente de duas conferências em fins-de-semana consecutivos em uma igreja local. O tema da primeira era “graça”, ao passo que a segunda tinha relação com “santidade”. Os preletores da primeira conferência ensinaram as verdades-padrão da Reforma: “salvação somente pela graça”, “salvação somente pela fé” e “santificação por andar no Espírito”.

No entanto, os preletores da “conferência de santidade”, no fim-de-semana seguinte, contradisseram virtualmente todo esse ensino. Eles ensinaram que, embora Deus nos aceite inicialmente através da cruz de Cristo, nós devemos “trabalhar para mostrar-nos aprovados para seus supremos propósitos”. Deixaram claro que Deus classifica e promove seus seguidores de acordo com a santidade de cada um (e a definição de “santidade” era mais em termos culturais do que neotestamentários). Afirmaram repetidas vezes que “Deus não vai confiar seu poder e autoridade a vasos impuros.” Esta conferência tinha o objetivo de

alistar aqueles que compareceriam no “Exército Santo do Final dos Tempos” de Deus, que iria acompanhar a Cristo na sua volta.

Esses ensinamentos referentes a “santidade” e “avivamento” estão entre as lamentáveis e deprimentes heresias que afligem periodicamente a igreja, tal como a onda anual de gripe que aflige a população em geral. Esta congregação deveria ter reconhecido o caráter fermentador do legalismo, especialmente em vista do que haviam ensinado sobre a graça na semana anterior. Mas, como o ensino sobre a “santidade” foi trazido para balancear a mensagem da graça (como se um erro pudesse trazer equilíbrio à verdade), ele foi aceito. Esta mistura de verdade e mentira foi danosa para muitos; para alguns as conseqüências podem ter sido espiritualmente letais.

De acordo com Paulo, o fermento espiritual realmente causa morte espiritual. Ele diz de forma bastante direta que basear nosso relacionamento com Deus na obra de Cristo e em nossos próprios esforços na realidade destrói esse relacionamento, tornando-o “sem valor” (Gl 5.2). O fermento dos fariseus envenena o pão da vida.

Na visão de Paulo, um gentio que vai a Cristo através da fé e se deixa ser circuncidado visando acrescentar à obra de Cristo acaba perdendo-O. Essas pessoas são “desligadas de Cristo” e “decaem da graça” (Gl 5.4). Ele sustenta que o pequeno corte da circuncisão é, na realidade, uma ameaça de morte. Nós vemos uma metáfora similar em 2 Timóteo 2.17, onde o fermento do ensinamento falso é comparado à gangrena; deixado sem tratamento, irá destruir todo o organismo.

Martinho Lutero, em seu comentário sobre Gálatas, diz que acrescentar qualquer obra religiosa ao evangelho da graça parece ser um assunto de pouca importância, mas “provoca maior dano do que a razão humana pode imaginar. Não apenas estraga e obscurece o conhecimento da graça mas também remove a Cristo e todas as suas bênçãos e compromete completamente o evangelho.”⁴

Paulo está frustrado e zangado porque os gálatas estão destruindo o evangelho de Cristo ao permitirem que a lei

religiosa seja acrescentada a ele. Lembrando-os do início deles na vida cristã, diz: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado” (Gl 3.1)? O que ele está dizendo, na verdade, é que a vida cristã madura não é uma mistura de graça e lei, mas é graça somente. “Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na carne?” (3.3).

Da mesma maneira que Jesus fez, Paulo reserva sua linguagem mais hostil aos mestres religiosos que misturam o fermento das obras do homem à aceitação de Deus por meio da graça. Chamando os gálatas de “enfeitiçados”, insinua que seus falsos mestres são feiticeiros. “Enfeitiçado” se refere ao “mau-olhado”, que era a maneira mais rudimentar de se praticar a feitiçaria no mundo mediterrâneo.⁵ O mau-olhado era um encantamento feito por um feiticeiro que ia sugando lentamente a vida de sua vítima (uma boa descrição do legalismo). Qualquer um que tenha rejeitado a vida como um dom de Deus e voltado a trabalhar para conquistá-la, certamente perdeu essa vida. No pensamento de Paulo, qualquer um que tenha agido dessa maneira tola e autodestrutiva com certeza foi enfeitiçado.

É vital relembrar que aqueles que lançavam esses “feitiços teológicos” sugadores de vida não pareciam feiticeiros, embora, de fato, o fossem. Pelo contrário, pareciam-se com os fariseus: respeitados, altamente disciplinados e santos. Lutero comenta: “Quanto mais santo o herege parece ser, mais perigosa será sua causa. Se os falsos apóstolos não possuíssem dons extraordinários, grande autoridade e aparência de santidade, se eles não tivessem declarado serem ministros de Cristo e pregadores sinceros do evangelho ... eles não teriam conseguido impressionar os gálatas com tanta facilidade.”⁶

O discernimento que Paulo tem quanto a esses falsos mestres não se baseia na aparência deles, seus dons, sua eloquência, seu conhecimento ou sua experiência. Em resumo, ele não tinha por esses impressionantes líderes tanta admiração quanto os gálatas. A Paulo não importa quão

talentosos eles sejam ou quão santos pareçam ser. O que interessa é saber se eles se mantêm fiéis ao evangelho da graça. E, ao ver que não, chama-os de feiticeiros e exige absoluta intolerância para com eles. Para Paulo, acrescentar qualquer obra farisaica ao trabalho que Cristo já completou não é apenas um pequeno desvio — é maligno e deve ser rejeitado (Gl 5.7-12).

Contradição Aparente

Da mesma forma, quando Jesus nos diz para termos cuidado com o fermento dos fariseus, ele quer dizer que deveríamos manter-nos afastados do legalismo deles (Mt 16.6). Regras religiosas parecem ser santas, mas, na verdade, são um veneno espiritual. Santidade proveniente de esforço próprio não é uma expressão mais sincera de fé; é feitiçaria e destruição da fé.

Se nós devemos rejeitar o ensino legalista e fermentador dos fariseus, o quê, então, devemos fazer com as palavras de Jesus em Mateus 23.3: “Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem”? Como podemos conciliar “acautelai-vos do fermento dos fariseus” com “fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem”?

A maioria dos comentaristas resolve a contradição de Mateus 23.3 da mesma forma que R. V. G. Tasker: “Jesus reconhece as reivindicações legítimas dos escribas, os especialistas em leis do partido dos fariseus, de serem os mestres da lei; e, tanto quanto eles se atenham somente a essa tarefa, suas palavras, insiste, devem ser respeitadas, mesmo se a conduta de algum deles for inconsistente com os seus ensinamentos.”⁷

Isto quer dizer: na medida em que esses professores da lei ensinem as Escrituras e as apliquem corretamente, nós devemos seguir seus ensinamentos — mas devemos fazê-lo com um olho crítico e discernimento de coração. A tendência humana é aceitar ou rejeitar um conjunto de ensinamentos como um todo. Usualmente, se um ensinamento parece bom, ele é engolido de forma completa e acrítica. Quando, mais tarde, elementos desse ensino se mostram errôneos

e capazes de provocar ferimentos, todo o conjunto costuma ser rejeitado.

Na minha própria congregação existem pessoas que no passado seguiram os ensinamentos dos pregadores do “evangelho da prosperidade e da saúde”. Estes pregadores diziam que se as pessoas enviassem dinheiro para o ministério, ele voltaria multiplicado por dez. Como isso não aconteceu, as pessoas ficaram amarguradas e rejeitaram a verdade do ensino bíblico do dízimo e das ofertas para a obra de Deus.

Quando um pregador abusivo baseia seus ensinamentos errôneos na Bíblia e, mais tarde, aparecem defeitos em seu ministério, sempre haverá alguns que irão rejeitar o ensino bíblico junto com o fermento que estava misturado nele. É por isso que Matthew Henry diz que “nós não podemos pensar o pior de boas verdades por terem sido pregadas por maus ministros, nem de leis boas por serem aplicadas por maus juízes”.

Observado no contexto, o endosso de Jesus ao ensinamento dos fariseus em Mateus 23 parece ser uma ressalva ao ataque difamatório que se segue. Embora Jesus, nesta passagem, pareça rejeitar totalmente os fariseus, ele não quer que nenhum ensinamento válido da Bíblia seja perdido. Jesus quer que respeitemos os detentores de cargos na igreja e os ouçamos de maneira justa.

Os bereanos podem nos servir de exemplo, pois deram a Paulo uma atenção completa porém, ao mesmo tempo, crítica. Como diz Lucas: “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram de fato assim” (At 17.11). Como os judeus de Beréia, nós precisamos usar de cautela para discernir tudo o que nos é ensinado.

O ensinamento de Jesus em Mateus 23.1-3 nos chama à maturidade e ao tipo correto de independência da autoridade religiosa. A partir desse ponto ele expõe as autoridades religiosas abusivas e suas práticas; e, finalmente, exorta-nos a rejeitar esses abusadores e a derrubar seus sistemas religiosos.

*Não existe nenhum jeito de desarmar um homem
a não ser através da culpa . . .
Se não houver culpa suficiente, precisamos criá-la...
Mas, com o homem de consciência limpa,
mantenha distância!*

Ayn Rand

*Jesus disse: "...e conhecereis a verdade
e a verdade vos libertará".
Se isto é verdade, então boa parte das igrejas
não conhece a verdade, pois elas geralmente
são um local de aprisionamento.*

Um missionário sul-africano

*Atam fardos pesados e os põem sobre os ombros
dos homens.*

Jesus Cristo

4

FARDOS PESADOS

Alice é uma viúva de sessenta e cinco anos de idade. Seu marido faleceu no ano passado, de câncer no pulmão. Quando ele adoeceu ela se voltou à religião em busca de conforto e direção. Como passava a maior parte do tempo em casa cuidando do marido, seu contato com a religião era através da televisão. Um dos seus televangelistas favoritos ensina que, se os cristãos tiverem fé suficiente, suas orações serão respondidas; quando não são respondidas, é devido à falta de fé. Alice começou a orar para que seu marido fosse curado, mas de vez em quando tinha dúvidas de que isso realmente aconteceria. Quando ele morreu, ela assumiu que era por causa dessas dúvidas que sua oração tinha falhado.

Após o funeral de seu marido, Alice caiu em uma depressão induzida pela culpa. Como resultado, ela tinha que permanecer em casa e, assim, tornou-se ainda mais dependente dos seus pregadores da televisão. O pregador que havia prometido orações atendidas em troca de fé prometia também vida abundante em troca de desempenho religioso. De acordo com esse pregador, a fórmula de Deus para nos conceder alegria e paz é jejum e oração — e doações generosas, regulares e fervorosas para a obra de Deus.

Alice estava ansiosa para expiar a culpa que sentia após a morte do marido, de forma que seguiu respeitosamente a fórmula do pregador. Ela jejuava, orava e enviava cheques para o tal ministério de TV. Este comportamento não resultou na paz prometida; sendo assim, ela ligou para o programa para pedir conselhos e oração. A pessoa que a atendeu garantiu-lhe que “a palavra de Deus não retornaria vazia” e que “no tempo certo, ela colheria o que havia semeado”. O único conselho que o conselheiro lhe deu foi que ela deveria aumentar suas orações e suas ofertas — o que ela fez.

Agora, depois de vários meses, ela se sente tão miserável quanto estava quando assumiu pela primeira vez os seus fardos religiosos — só que está sem dinheiro e perdendo as esperanças.

O Jugo da Lei

Os líderes espirituais abusivos do tempo de Jesus sobrecarregavam as pessoas comuns com várias regras e regulamentos religiosos. Além da lei de Deus, acrescentavam outras cargas, de tradições humanas. E as pessoas, quando não conseguiam mais carregar esse fardo, sentiam-se culpadas e espiritualmente fracassadas.

Os próprios fariseus passavam muitas horas por dia memorizando e discutindo a lei de Deus e milhares de refinamentos feitos pelo homem em torno dela. Eles se referiam a essa disciplina como “se colocar sob o jugo da lei”. Os que conheciam a fundo esse jugo tinham motivo para se orgulhar; mas para a pessoa comum, que não tinha nem tempo nem meios para alcançar tal conhecimento, o jugo se tornava um fardo esmagador.

Universalmente, a principal característica dos sistemas opressivos, tanto religiosos quanto governamentais, é a multiplicação de regras e regulamentos. Eles servem para controlar o comportamento quando seguidos e para promover a culpa quando transgredidos. Nos dois casos, a proliferação da lei confere às autoridades controle sobre as pessoas.

Para demonstrar a lógica de criar leis visando a manipulação através da culpa, Ayn Rand coloca as seguintes palavras na boca de um integrante da elite da Utopia: “Não há como governar homens inocentes. O único poder que qualquer governo tem é o poder de transformá-los em criminosos ... Portanto, quem quer uma nação de cidadãos que respeitam a lei? O que existe de bom nisso para quem quer que seja? Mas é só fazer vigorar leis que não possam ser observadas, nem cumpridas, nem objetivamente interpretadas, e se criará uma nação de transgressores da lei — e depois lucrar com a culpa.”¹

O “legalismo cristão” funciona exatamente assim. A maioria (mas não todas) das “pregações de santidade e avivamento” que eu tenho ouvido ao longo dos anos não difere muito da manipulação que gera culpa. Este tipo de legalismo estabelece padrões inatingíveis de pureza e desempenho espiritual; quando levados a sério, esses padrões provam que não atingimos o nível satisfatório — e aí temos de tentar com mais empenho e fazer mais. Dominados por sentimentos de culpa, nós fazemos qualquer coisa para expiá-los. Quando chamados à frente para expressar arrependimento, lá vamos nós. Quando orientados a cultivar um tempo devocional mais demorado, nós o fazemos (pelo menos por algum tempo). Quando exigem dinheiro, nós damos. À medida que os sentimentos de culpa se estabelecem (já que nunca atingimos o nível satisfatório), os abusadores espirituais vão encontrando campo para agir.

David Chilton explica as conseqüências desse tipo de manipulação através da culpa: “A culpa é uma força extremamente poderosa; quando nós a sentimos, ficamos distraídos, confusos e incompetentes ... Vamos nos tornando excessivamente dependentes dos outros quanto à tomada de decisões e começamos a evitar confrontações necessárias e ações independentes. Nós viramos escravos.”²

Recentemente, Alex me escreveu uma carta de vinte páginas contando em detalhes os últimos três anos em que esteve a serviço de uma organização evangélica no meio-

oeste dos Estados Unidos. A partir do momento em que começou a fazer parte da missão disseram-lhe que “Jesus esperava total dedicação de sua parte” e que “o verdadeiro discípulo deve escolher entre Deus e o conforto” e que “sacrifício e morte para si mesmo são essenciais para o crescimento espiritual”. Tudo isto, é claro, tem um fundo de verdade. Mas, nas mãos dos abusadores religiosos, a chamada para um discipulado radical se transforma numa licença para controlar e manipular.

Alex me contou como os líderes da organização lhe atribuíam trabalhos degradantes, um após o outro, com o propósito (segundo eles) de refinar seu espírito. Uma de suas tarefas era viajar, às próprias custas, para levantar fundos para a missão. Quando ele fez objeções, os líderes lhe disseram que ele estava mostrando sinais de rebelião e que no que tange a “morrer para si mesmo” ele ainda tinha um longo caminho a percorrer. Sentindo-se culpado por deixar de atingir, outra vez, o nível espiritual satisfatório, ele foi se submetendo cada vez mais aos pesados fardos impostos pelos líderes da missão.

Manipulação da Culpa

Rob e Bev tinham somente dezessete anos quando se casaram. Eles se casaram cedo porque Bev ficou grávida. Os pais e as mães dos dois apoiaram o casamento, mas também ficaram envergonhados. Eles expressaram o desapontamento que sentiam com reprovação: “Como é que vocês foram nos tratar desse jeito? Nós confiamos em vocês!” Bev e Rob deram o máximo de si para se sair bem no casamento, em parte (conforme admitiram) para trazer compensação aos pais por os terem desapontado.

Com vinte e poucos anos, Rob e Bev se tornaram membros duma igreja fundamentalista voltada para a família. Logo chamaram a atenção do pastor, que, depois de algum tempo, lhes ofereceu cargos de liderança na escola dominical e na manutenção dos prédios da igreja. O jovem casal respondeu entusiasticamente à confiança que o pastor tinha manifestado neles e se atiraram de cabeça em seus ministérios.

Mas, quando se deram conta da extensão das tarefas que tinham assumido, viram que era demais para eles. Gastavam, cada um deles, mais de vinte e cinco horas por semana em atividades ligadas à igreja. Isso era, evidentemente, mais do que o jovem casal e os três filhos que tinham na época podiam suportar.

O ministério lhes havia dado status, fazendo-os sentirem-se adultos responsáveis, de modo que desistir de um ou dois cargos era uma idéia difícil de considerar. No entanto, marcaram uma reunião com o pastor para discutir o dilema deles. Depois de ouvir sua história, o pastor desabou sobre sua cadeira, desapontado, e disse: “Como vocês podem me causar tamanha tristeza? Eu confiei em vocês!”

Abalados por estas palavras (as mesmas que tinham ouvido dos pais deles), Bev e Rob fizeram um voto de dedicação renovada aos seus ministérios. O mais provável é que em poucos meses estarão esgotados, o que resultará em outro grande fracasso — com todas as suas conseqüências.

Em muitas igrejas, a manipulação através da culpa é menos óbvia do que isto, mas seu propósito é o mesmo — controlar as pessoas vulneráveis. Quando crentes aceitam padrões baseados em desempenho pregados por seus líderes, eles têm de satisfazer esses padrões ou então carregar a culpa de haverem fracassado. De qualquer modo, o comportamento deles é manipulado e controlado. A genialidade desse sistema é que cada grupo religioso pode projetar seus próprios fardos pesados de modo a satisfazer as suas necessidades. Em um local, o padrão é ofertar dinheiro; em outro, é se revezar como professor da escola dominical; em outro ainda, é participar de comissões.

Mesmo que uma pessoa tenha vivido uma forte experiência de conversão, marcada por fervorosa afeição e devoção a Deus, acabará murchando espiritualmente sob o peso desses fardos. Quando o “primeiro amor” esfria, os sentimentos de culpa se intensificam. Isto acontece, não tanto porque o amor ao Senhor tenha esfriado, mas porque ele foi esmagado pelo peso da monotonia do desempenho religioso, tirando-lhe a alegria.

O Fardo de Deus

Os fardos religiosos podem ser divididos em três grandes categorias. A primeira é o “fardo de Deus” — isto é, a guarda da lei e as disciplinas que Deus supostamente exige de nós em troca de sua aprovação e aceitação. A segunda é o “nosso fardo”. Esta é a idéia de que o sucesso espiritual é um projeto do tipo faça-você-mesmo: nós devemos cuidar do nosso próprio pecado e produzir nossa própria santidade. A terceira é o “fardo deles”, o fardo dos líderes espirituais. Este acontece quando o peso de fazer nossos líderes parecerem bons e se sentirem bem recai sobre nossos ombros. O fardo deles consiste no trabalho que nós precisamos fazer para benefício deles, para atender às necessidades deles.

Vamos examinar isto mais de perto, a começar pelo fardo de Deus. O deus dos fariseus (na época e agora) é um cruzamento entre o Papai-Noel e um policial de trânsito. Ele está fazendo uma lista, conferindo duas vezes, tomando nota de multas para os levados e recompensas para os bonzinhos. Este deus supostamente requer que nós façamos um teste religioso padronizado. A aprovação nesse teste nos trará aceitação e favor; a reprovação resulta em rejeição ou maldição.

O problema teológico fundamental com este sistema (para qualquer um que tenha lido a Bíblia) é que as exigências de Deus não são meramente elevadas — elas requerem cem por cento de perfeição! Para passar neste teste, é necessário tirar tudo “A”. Só que a Bíblia deixa claro que ninguém consegue tirar nota dez: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Portanto, se a condição de Deus para sermos aceitos for guardar as leis, então todos nós estamos igualmente perdidos — o que é, obviamente, a razão pela qual todos nós precisamos de um Salvador.

A lei de Deus tem valor inestimável para nós, não como meio de aceitação divina, mas para revelar julgamento divino. “Todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei, para praticá-las” (Gl 3.10; veja também Rm 12.12-13, 20; Gl 3.19). Com a lei de Deus como nosso padrão, nós vemos

a absoluta inutilidade de toda e qualquer justificação por esforço próprio.

Mas, se a lei é colocada diante de nós como um obstáculo a ser vencido para que sejamos aceitos por Deus, ela nos destrói espiritualmente. Todo domingo, de manhã e à noite, milhares de santos bem-instruídos saem da igreja com uma determinação renovada de fazer todo o possível para morrer para si mesmos e viver para Deus. Uma semana depois, eles voltam, envergonhados e desapontados consigo mesmos. Alguns, menos honestos ou conscientes, podem até sentir orgulho das suas realizações espirituais da semana anterior...

De acordo com Larry Crabb, o problema de se apresentar o discipulado cristão como sendo a descoberta das exigências de Deus e o trabalho duro que exige atendê-las, é que “nossas igrejas vão acabar se parecendo com as sinagogas dos fariseus do primeiro século ... lotadas, ou com pessoas deprimidas que sabem que seus melhores esforços não são suficientes, mas querem tentar com mais empenho na semana seguinte, ou com pessoas orgulhosas que, assim como seus mestres, compreendem tão pouco a lei de Deus que pensam que a estão cumprindo”.³

Uma das razões pelas quais os líderes espirituais tendem a pensar que estão conseguindo viver de acordo com as expectativas de Deus é que eles são as pessoas que formulam essas expectativas. Ao longo dos anos, os pastores têm ensinado a igreja a valorizar as coisas para as quais foram treinados e que eles têm tempo de fazer, como o estudo da Bíblia e a oração. Como são eles mesmos que administram seu tempo, eles podem ir a quantas reuniões de oração quiserem e passar horas estudando as Escrituras. Já uma mãe com filhos pequenos ou um executivo que gasta duas horas por dia para chegar ao trabalho não têm condições para fazer isso.

Existe uma espécie de abuso espiritual que é desumanizante e que na verdade é pior do que o mau uso da lei de Deus. Ele acontece através de apelos que, sem uma definição clara, convidam as pessoas a “viver uma vida de maior profundidade”, a “deixar tudo no altar”, a “render-se”, a “renunciar” e coisas assim. Esse tipo de desafio, quando não é

esclarecido nem explicado, nunca dá descanso à nossa consciência. A questão que pessoas de coração sensível sempre estarão se fazendo é: “Será que eu me rendi ou renunciei o suficiente?” Isso estabelece sentimentos de culpa constantes e troca a salvação pela graça de Deus por uma salvação através da “minha rendição”, na qual ninguém jamais poderá descansar.

A lei é bem menos abusiva, porque, pelo menos, ela tem uma definição. Lendo os Dez Mandamentos, nós podemos ver prontamente quais deles nós transgredimos. Mas como eu posso saber se “já me rendi completamente”?

Archibald Hart conta uma história que ilustra dramaticamente os efeitos cruéis dessas exortações ambíguas a uma espiritualidade mais sublime. Certa vez ele conheceu uma jovem cujo nome era Sônia, a quem ele descreve como sendo “extraordinariamente talentosa”, “autoconfiante”, “atenciosa”, “bem-ajustada”, e possuidora de um “profundo compromisso e um óbvio amor por seu Salvador”.

Sônia encantou-se por um líder cristão que adotava uma interpretação muito rigorosa de Gálatas 2.9 (“estou crucificado com Cristo”). Ele exigia que seus seguidores morressem para si mesmos. Constantemente ouvindo suas exortações a “morrer para si mesma”, Sônia tentava, mas nunca se sentia como se tivesse realmente conseguido. “Sob este bombardeio constante ... Sônia foi deslizando desfiladeiro abaixo, cada vez mais rápido”. Incapaz de morrer para si mesma espiritualmente, ela finalmente foi até uma estrada de ferro, colocou a cabeça sobre um dos trilhos e acabou morrendo atropelada pelo trem.

Hart conclui: “Esta história verdadeira ilustra o poder de destruição que tem uma teologia enganosa.” A verdadeira teologia não é danosa para o eu. Quando faz alguma coisa, é para o reparar, levantar e fortalecer.⁴

Isso não quer dizer que nós não deveríamos jamais exortar as pessoas a assumirem um compromisso mais profundo. Mas, quando fazemos isso, devemos levar em conta o conselho de Bruce Narramore, que diz: “Nós precisamos seguir uma abordagem motivadora que comunica o fato de que

perdão e aceitação são um direito que cabe a cada pessoa que confia em Cristo e que o comportamento adequado provém deles, e não o contrário.”⁵

A manipulação religiosa que produz culpa começa exibindo diante de nossos olhos o manjar da aprovação, mas sempre termina nos fustigando com a vara da condenação. Se nós continuarmos entrando no jogo de tentar carregar o fardo de Deus (desempenho com cem por cento de perfeição), acabaremos tendo um colapso de exaustão — ou pior, como no caso de Sônia.

O Descanso de Deus

Falando para pessoas como Sônia, Jesus diz: “Vinde a mim todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.28-30).

É verdade que Deus exige muito. De fato, suas exigências são maiores do que nossa capacidade de atendê-las. As boas novas são que Jesus satisfaz completamente as exigências de Deus em nosso lugar. Os santos sabem que falharam com Cristo. Mas também sabem que ele nunca falhou e nunca falhará com eles. Cristo, nosso Salvador, tira tudo “nota dez” no exame de desempenho de Deus e, na medida em que nós cremos nele, estas suas notas são creditadas a nós. Nós não sabemos como prestar um louvor perfeito — mas ele sabe. Nós não sabemos como orar perfeitamente — mas ele sabe. Nós não sabemos como confiar e obedecer com perfeição — mas ele sabe. Nós não sabemos como amar perfeitamente — mas ele *é* amor.

Se os sermões que você ouve e os livros religiosos que você lê sobrecarregam e oprimem você, o mais provável é que eles não reflitam o ministério de Jesus Cristo.

Jesus promete descanso a todos os que estão cansados de tentar agradar a líderes religiosos. Ele oferece um jugo suave a todos os que vivem lutando sob o peso do fardo do de-

sempenho espiritual. Se sua religião é fatigante e geradora de fardos, a resposta de Deus não é um aumento do período devocional, um compromisso mais firme, o comparecimento a mais uma conferência ou mais um ato de consagração. A solução de Deus para o cansaço espiritual é descanso — descanso na aceitação amorosa de Jesus e em seu trabalho perfeito como carregador dos nossos fardos.

O apóstolo Paulo é inflexível quanto ao fato de que o nosso relacionamento com a lei (todos os testes e expectativas de Deus) é radicalmente e permanentemente alterado pela obra de Cristo. Ele diz que Cristo “vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos, tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial; removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.13-15). Jesus desarmou os poderes demoníacos, cancelando o “escrito de dívida, que era contra nós”. Fazendo cumprir este código escrito, portanto, os pregadores abusivos estão na verdade rearmando esses poderes demoníacos contra nós!

Jesus guardou a lei escrita de Deus em sua vida e a destruiu em sua morte. Jesus não só viveu um discipulado perfeito por nós, mas, em Cristo, Deus perdoou nossos pecados e cancelou os regulamentos que definiam nossos pecados. Nossos atos errados e o padrão que os expunha foram pregados na cruz. É justamente por isso que “agora . . . já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Não há dúvida de que Deus pretende ser Deus para nós e que nós nos chegamos a ele por seus padrões e nos termos estabelecidos por ele (ou, do contrário, nunca chegaremos a ele). Mas seus termos são coerentes com a sua natureza, que é misericórdia e graça livres e soberanas. Ele nos aceita, não por carregarmos seu fardo em nossos ombros, mas através de sua graça. A essência das boas-novas é que Deus nos declara justos no momento em que nós abrimos mão de nossas reivindicações de justiça e aceitamos como nossa a justiça de Cristo.

Falsos pastores sempre haverão de prestar culto, da boca para fora, à misericórdia e à graça de Deus; mais tarde, porém, eles mesmos irão solapá-lo com seus ensinamentos e ações. Eu tenho diante de mim uma cópia do *Handbook on Christian Discipleship* (Manual do Discipulado Cristão), que atualmente tem circulado bastante nos meios evangélicos e fundamentalistas americanos e canadenses. Nele eu leio:

A vida eterna não nos é dada com base na misericórdia de Deus. Ela é dada a nós com base em termos feito a vontade de Deus. Nós somos julgados de acordo com as nossas obras, de acordo com as realizações feitas em nosso corpo... Uma ênfase exagerada na obra consumada de Cristo pode destruir, como de fato tem destruído, a verdadeira essência do cristianismo. Não se enganem: é o conquistador que herda a vida eterna. Deus não tem prazer em pessoas indecisas e medrosas.

Contraste-se isso com a afirmação que Paulo faz de que nossa salvação “não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia” (Rm 9.16). E que “o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.4). Os bons pastores não irão apenas anunciar a graça, mas também praticá-la ao retirar de nossos ombros o fardo de Deus, no poderoso nome de Jesus.

Nosso Próprio Fardo

O segundo tipo de fardo que pastores abusivos colocam em nossos ombros é a nossa carga de pecado. O Peregrino de John Bunyan (em *O Peregrino*) é o exemplo clássico do homem sobrecarregado pelo seu próprio pecado; ele o carrega nas costas como um grande peso.

Os fariseus, tanto os de ontem como os de hoje, têm poder de nos carregar com nossos pecados por causa do modo como eles definem pecado — ou, deveríamos dizer, do modo como eles enumeram pecados. Para os sistemas abusivos espiritualmente, pecado é definido em termos de comporta-

mentos externos. Esses comportamentos são então escritos em listas. Em certos círculos, essas listas podem definir condutas e vestuários próprios e impróprios. Em outros círculos, o enfoque dessas listas seriam disciplinas espirituais, atitudes e discursos.

Definir pecado estritamente como comportamento externo é injusto e abusivo. Cria uma estrutura de classes baseada no desempenho, na qual o forte se sai bem e o fraco é reprovado. Os “santos” carregam seus fardos de pecado com toda elegância, ao passo que os “outros” carregam os seus de forma vergonhosa, pois os “santos” são capazes de negar e esconder seus pecados, ao passo que os “outros” (ou seja, os honestos) não o conseguem. Esse tipo de sistema dá à classe mais alta oportunidade para se orgulhar, e à mais baixa, oportunidade de se envergonhar.

Definir pecado em termos de listas de comportamentos era um ponto de conflito entre Jesus e os fariseus. Jesus vivia fazendo objeções à injustiça dessas listas. Ou melhor: ele fazia objeções à sua natureza superficial e perigosamente ilusória. Definir pecado como um comportamento exterior trivializa o pecado, bem como a pessoa e a obra daquele que nos salva de nosso pecado. Michael Horton explica:

“É mesmo uma grande ironia o fato de que aqueles que estão constantemente nos dizendo quais pecados devemos evitar, e como evitá-los, tenham realmente uma visão tão curta do pecado! Mas é verdade. Este era o caso no tempo de Jesus. Os fariseus, como vocês devem lembrar, eram adeptos de um programa perfeccionista. E, para provar que eram perfeitos, eles tinham que ver o pecado como algo externo — como ações, no lugar de atitudes inerentes à natureza humana caída.”⁶

De acordo com a Bíblia, contudo, o pecado que nos separa de Deus não está em primeiro lugar nas nossas ações, mas em nossos corações. A primeira coisa que precisa ser corrigida não é o nosso comportamento, mas nosso ser interior, que

necessita da limpeza do perdão e de cura radical. Paulo compreendia como é injusto definir pecado através de listas de comportamentos. Ele sabia também que o pecado do qual nós precisamos ser salvos vai muito além da nossa conduta. E entendia que tentar reprimir a conduta pecaminosa com regras é completamente inútil.

Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e falsa humildade, e rigor ascético; *todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.* (Cl 2.20-23)

Note que Paulo não diz que regras e regulamentos não são suficientes para reprimir o pecado, mas que eles são completamente inúteis e “não têm valor algum” na restrição do pecado.

Donald Sloat explica parte do que está errado com a idéia de pecado como comportamento externo: “O problema é que qualquer lista, por mais severa que seja, pode ser seguida, pois ela tem um limite e pode ser controlada. A pessoa que segue a lista começa a acreditar que é possível reduzir o estado do pecado interior através da redução de certos comportamentos externos. Em outras palavras, o foco está na manifestação do pecado (a lista) e não no estado interior do ser.”⁷

Para Jesus, pecado era, antes de mais nada, um estado interior do ser com sintomas que se manifestam em comportamentos exteriores. Ou, como ele explicou aos fariseus em dada ocasião: “Pecado não é o que entra no homem; pecado é o que já está no homem” (minha paráfrase de Mt 15.11).

O pecado, se definido como uma lista de “faça isso, não faça aquilo”, além de perder de vista o que é essencial, acaba levando a desvios fatais. Primeiro, sempre haverá

uns poucos que acham que realmente seguiram as regras. Eles não vêem a necessidade de um salvador e, assim, não entram pela porta do reino (Mt 23.13-14). E quem acredita que a salvação pode ser alcançada pela observância de regras e regulamentos mas sabe que não consegue cumpri-las, também tem a porta da graça soberana de Deus fechada na sua cara.

Para ajudar os fariseus (e nós) a entender a verdadeira natureza do pecado, Jesus explicou que adúltero não é apenas aquele que tem uma conduta adúltera, mas o que tem uma imaginação adúltera (Mt 5.28). Em Mateus 23.25 Jesus disse aos fariseus que apesar de eles “limparem o copo por fora” (manifestação de conduta externa), seu ser interior não se tornara menos avarento e egoísta. E apesar de eles parecerem brancos de limpeza por fora, por dentro estavam cheios de morte e putrefação (Mt 23.27).

Os fariseus pensavam: “Deus ajuda os que se ajudam.” Jesus trouxe de volta a verdade de que Deus ajuda os que confessam que não podem ajudar a si mesmos. “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.3). Jesus sempre insistiu que aceitassem uma definição radical de pecado que negasse toda cura através de esforço próprio. Enquanto nós tentarmos nos justificar em termos de uma lista do que fazer ou deixar de fazer, estaremos fugindo do contato com o Deus que justifica o injusto.

Uma vez que a lista de comportamentos externos tenha sido substituída pela definição de pecado dada por Jesus, nós todos caímos no mesmo nível de absoluta pobreza. O sistema abusivo de classes é desmantelado, as hierarquias espirituais são destruídas e todos nós vemos uma igual necessidade de um salvador. Este é, com certeza, o ponto de vista de Jesus; portanto, novamente, ele diz: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11.28-30).

Se você não agüenta mais tentar manter seus medos, compulsões e pecados sob controle, a primeira resposta de Jesus não é *mais* disciplina ou *mais* memorização das Escrituras, mas sim *descanso*. Descanso em sua aceitação amorosa e descanso em seu poder.

Portanto, resta um repouso para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso. (Hb 4.9-11)

Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer quanto o realizar, segundo a sua boa vontade. (Fp 2.13)

A nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos os ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica. (2 Co 3.6)

O Fardo do Líder

O terceiro tipo de fardo que líderes abusivos colocam sobre os ombros das pessoas é o próprio fardo deles, isto é, eles nos usam para preencher suas necessidades pessoais ou profissionais. Eles manipulam através da culpa, pressão social e “palavras proféticas” para garantir que as pessoas vão servi-los. O exemplo clássico disto na história da Reforma é o das indulgências vendidas pelo papa romano para cobrir o valor que excedeu o custo planejado da construção da Basílica de São Pedro. O papa ofereceu perdão de pecados em troca de uma contribuição para o seu fundo de construção. Conta-se que um agente de Roma, chamado John Tetzel, trabalhava às custas da ignorância das pessoas comuns, cantando para elas: “Quando a moeda cai dentro do cofre, uma alma cai fora do purgatório.”

Perto de minha casa há uma igreja que foi induzida a construir para o seu pastor uma casa cara em um bairro nobre. Os homens da congregação abriram mão de fins-de-semana e feriados para terminar a obra. O pastor convenceu a congregação de que o Senhor exigia este tipo de serviço para a “autoridade constituída” sobre eles (ou seja, ele mesmo).

Um amigo me contou, recentemente, sobre um pretenso “culto de cura” ocorrido na igreja que ele frequenta. O pastor visitante prometeu que em uma determinada noite iriam acontecer milagres, e especificou a “cura de ouvidos surdos”. Como resultado dessa propaganda, muitos surdos vieram naquela noite. Quando a reunião terminou, sem que nada especial tivesse acontecido (e sem que nenhum ouvido surdo fosse curado), o pastor visitante pediu à congregação que se unisse a ele em oração silenciosa. Após um momento em silêncio, ele falou solenemente à congregação: “Eu acabei de ter uma visão de que Deus estava pronto para curar todas as pessoas surdas nesta sala, mas vocês não tinham a santidade que ele exige. Por isto, o Senhor reteve a sua mão curadora.” Primeiro, as pessoas tinham sido cruelmente manipuladas para comparecer às reuniões; e agora estavam sendo desavergonhadamente usadas para justificar a falha do ministro.

Conheço um pastor que ajuda a liderar um grupo cristão que dá muita ênfase aos cultos de oração congregacional, mais do que a qualquer outra atividade da igreja. Para ser bem visto por esse grupo, ele acredita que precisa mobilizar as pessoas para os numerosos cultos de oração intercessória da igreja. Ele confere status àqueles que frequentam esses cultos e o nega aos que não o fazem. Além disso, prega que aqueles que hoje se sacrificam em oração serão depois recompensados com uma posição elevada no exército de Deus, no final dos tempos. Uma vez mais, as pessoas estão sendo manipuladas para atender as necessidades de seu líder.

Conheço um outro pastor cuja igreja não cresce numericamente há mais de doze anos. Frustrado pela sua evidente falta de sucesso, ele se voltou para a congregação para atender sua necessidade, impondo-lhes um programa de construção com a esperança de que um prédio novo, maior e mais atraente irá atrair mais gente. A congregação se dividiu sobre esta questão. Muitos deixaram a igreja, e aqueles que ficaram estão sobrecarregados com uma dívida devastadora.

Tanto no primeiro como no segundo caso, o líder da igreja

olhou para aqueles a quem ele tinha responsabilidade de proteger e servir e, ao contrário, decidiu fazê-los servi-lo. Ao invés de atender às necessidades dos membros de sua igreja, o pastor fez com que eles atendessem às necessidades dele.

Em Ezequiel 34, uma passagem que analisamos no capítulo três, Deus julga os pastores abusivos de Israel porque eles cuidam de si mesmos ao invés de se dedicarem ao cuidado do rebanho (v. 3). Aqui, como em qualquer outra parte das Escrituras, Deus deixa claro que os pastores devem existir em função das ovelhas, e não o contrário. Ai do pastor que abusa das ovelhas, agindo de forma contrária!

O pastor abusivo amarra vários fardos pesados sobre os ombros das pessoas. O bom pastor retira essas cargas.

Questões Difíceis

Depois de me ouvirem falar sobre essas questões, alguns pastores me perguntam como é possível manter as pessoas na linha, evitar que elas pequem ou fazer com que elas continuem ofertando, se todas essas cargas forem removidas. O que eles estão perguntando, na verdade, é: “Se não existir pelo menos uma leizinha para manter as pessoas na linha, elas não vão descambar?”

Minha resposta (a partir da minha experiência) é: “Sim, algumas podem descambar. Mas, pelo menos, você irá saber com o que está lidando — isto é, com corações não-regenerados.”

Existem muitas pessoas em nossas igrejas que nunca foram renovadas pelo Espírito Santo, que nunca nasceram de novo de fato. Por uma razão ou outra, elas simplesmente assumiram os fardos do cristianismo e adaptaram sua conduta às expectativas da cultura cristã. É importante descobrir quem são essas pessoas para que elas possam ser adequadamente evangelizadas e assim, nasçam de novo. Então, e somente então, elas poderão tomar o fardo leve e o jugo suave de Jesus e servir a ele em santidade nascida do amor.

Outras perguntas precisam ser feitas. Como líderes, nós deveríamos discernir o que é que nos motiva a buscar po-

sições de autoridade. Estamos assumindo a liderança de outros para atender ao chamado de Deus para nossas vidas? Para servir às pessoas? Ou o cargo de pastor é um meio de alcançarmos significância ou de adquirirmos alguma coisa a mais da qual temos falta?

As congregações também deveriam fazer a seus líderes perguntas elaboradas com a finalidade de obter respostas diretas. Toda congregação tem o direito de perguntar ao seu pastor, bem como aos outros integrantes do ministério, quais são os motivos que os levaram a procurar posições de liderança na igreja. E então, cada uma delas deveria conferir atentamente para ver se há evidências (fruto) na vida desses líderes e em seu ministério que sejam coerentes com os motivos alegados por eles.

*O que importa não é quem você realmente é,
mas o que as pessoas pensam que você é.*

Joseph Kennedy

*No início do século XX — ou melhor, no início
da era Vitoriana — as condutas começaram a ser
mais valorizadas do que os princípios . . .*

*Esta tendência veio bem a tempo para indicar
que condutas corrompidas que repudiavam a fé
e os princípios cristãos começavam a dominar
a cultura popular.*

R. J. Rushdoony

*Praticam, porém, todas as suas obras, com o fim
de serem vistos dos homens . . . Ai de vós,
escribas e fariseus, hipócritas! porque limpais o
exterior do copo e do prato, mas estes por dentro
estão cheios de rapina e intemperança.*

Jesus Cristo

5

ELES FAZEM SÓ PARA APARECER

É

da natureza humana querer ser bem-visto pelos outros. Alguns líderes, bem como organizações cristãs (à semelhança de certos políticos e partidos políticos), parecem absolutamente preocupados com sua imagem. Quando a igreja valoriza mais a conduta do que os princípios e a aparência do que a realidade, ela se torna aquilo contra o que Jesus falou contra em Mateus 23.5-7, 25-28. Quando um líder distorce a verdade e manipula o fraco para o bem das aparências, ele se torna abusivo.

Há pouco tempo eu recebi uma carta que ilustra o abuso que pode ocorrer quando um grupo cristão focaliza demais a sua imagem. A carta era um convite para eu ir à Romênia para dirigir conferências. Já que não me conhecia (exceto através do livro que eu tinha escrito), o pastor romeno que escreveu a carta achou necessário estabelecer algumas regras básicas. Ele explicou que desde a revolução a Romênia vinha sendo inundada por representantes de organizações cristãs querendo realizar grandes reuniões lá. O objetivo deles ao fazer isso parecia ligado à área de relações públicas. Eles tiravam fotografias e produziam fitas de vídeo para seus doadores. “Mas eles não pareciam se importar nem um

pouquinho conosco — só queriam saber de sua reputação como ministério internacional.”

Manipulando a Verdade

Quando eu era jovem, fundei uma missão evangelística de rua no coração de uma grande cidade da costa oeste dos Estados Unidos. O trabalho era financiado através do apoio de diversas igrejas locais. A eficácia da missão em alcançar gente que abusava de drogas e álcool foi comprovada; várias pessoas (algumas, com testemunhos dramáticos) entregaram sua vida a Cristo. Os testemunhos mais impressionantes eu apresentava nos meus relatórios às igrejas que nos sustentavam. Elas, entusiasmadas com o nosso sucesso, começaram a me enxergar com bons olhos. Isso me encorajou a escrever relatórios ressaltando ainda mais os nossos sucessos e subestimando (ou omitindo completamente) as nossas falhas. Portanto, mesmo não estando tecnicamente mentindo sobre nosso trabalho, eu estava projetando uma imagem distorcida dele.

Meu desejo cada vez maior de ser bem visto pelos nossos doadores foi gradualmente afetando meu modo de tratar a nossa equipe de voluntários. Nos dias em que éramos visitados pelos nossos contribuintes, eu punha a minha equipe nas ruas, falando com as pessoas e aparentando estar muito ocupada. Mesmo que eles tivessem planejado outras atividades importantes, eu me certificava de que eles agissem de forma a beneficiar as aparências.

Quando eu comecei a me sentir culpado com relação ao modo como estava agindo, fui conversar com o pastor presidente de uma das igrejas que contribuía conosco. Eu queria confessar e ser aconselhado. Depois de contar minha história, eu esperei por uma recriminação, ou talvez uma palavra de perdão. No entanto, ele me encarou com um olhar surpreso e disse: “E então, Ken, qual é o seu problema? Nós esperamos relatórios otimistas. Ninguém no ministério conta a pura verdade. Nós automaticamente levamos em conta o exagero.”

Se o que ele disse é verdade, então a igreja vive mentindo para si mesma e admite usar as pessoas para fins de relações públicas. Não é de admirar que o mundo desconfie de nós!

Agora eu estou envolvido com o ministério de cura, principalmente ensinando as pessoas a orar pelos enfermos. Eu freqüentemente fico sabendo da maneira como as pessoas doentes são manipuladas e usadas por uns e outros assim chamados “curadores pela fé”. É comum, em alguns ministérios de cura, a coação de pessoas para que declarem uma cura que realmente não ocorreu. Outros dizem que a cura de um doente não aconteceu porque a sua fé era falha. Nestes casos, a vítima da doença é revitimada por um líder que está desesperado para ser bem visto. Para o bem das aparências, pessoas sofrem abuso.

Fazendo da Negação uma Arte

Uma versão mais comum da mesma história é a do pastor que repreende a igreja, culpando-a pela baixa freqüência aos cultos ou pelo pouco apoio aos programas da igreja. Ao invés de olhar para os defeitos de sua própria liderança, o pastor foca a atenção nos defeitos da congregação. Tal pessoa está mais interessada em manter as aparências do que em descobrir o que está realmente errado.

Existe um tipo de líder abusivo que está tão preocupado com a manutenção das aparências a ponto de negar totalmente a fraqueza e a profundidade da queda do ser humano. Esta é tipicamente uma pessoa muito “positiva” — sempre sorrindo, sempre para cima. Os sermões deste pastor são repletos de respostas fáceis e conselhos prontos; suas tentações mais obscuras, seus problemas no casamento e suas falhas como pai ou mãe nunca são descobertos. A única luta pessoal que confessa se expressa no passado, de modo que todos vejam como ele venceu. Geralmente esse tipo de pastor reúne em torno de si um núcleo de liderança de “homens e mulheres positivos”, gente que nunca enfrenta problemas. Uma vez permitido ao pastor viver na negação, a ninguém mais é permitida a fraqueza humana. Tal negação sufoca a honestidade e promove o abuso.

Na congregação desse pastor, as pessoas logo compreendem que na vida da igreja não há tempo para exposição de pecados nem lugar para ministração da dor. Não há ninguém com quem compartilhar seus fardos. Finalmente, a congregação inteira é cooptada para a negação da realidade feita pelo ministro.

Viver na negação é destrutivo e deixa o campo preparado para que surjam problemas ainda maiores. Por exemplo, quando os parceiros de um casamento que está passando por problemas ficam com a impressão de que é mais importante parecerem estar bem do que serem honestos, eles escondem o seu tormento e se isolam em sua luta. Desligados do apoio humano e dos recursos espirituais da família que é a igreja, o casamento deles vai escorregando rumo ao abismo.

Quando uma família disfuncional vê que não há espaço na igreja para as imperfeições dela, acaba encobrindo-as. Todos exibem um sorriso e agem com base na doutrina não-falada de que é melhor *parecer* do que *ser* de fato uma família cristã. A dor permanece escondida e não-tratada, fazendo com que uma má situação fique ainda pior.

Não obstante, sempre haverá nessas igrejas almas desesperadas que irão expor sua dor e clamar por socorro. Um pastor amigo me contou como ele e sua equipe costumavam tratar essas pessoas. Ele disse: “Quando as pessoas nos procuravam com problemas sérios, nós sempre tentávamos dar um jeito de fazer com que parecessem estar bem o mais cedo possível. Nós desencorajávamos um compartilhar mais íntimo e tentávamos contornar os verdadeiros problemas. Quando alguém tinha problemas porque tinha sido magoado pela igreja, nós nos tornávamos defensivos e pressionávamos para que ficasse quieto. Era a velha ‘regra do não fale’ que tanto se vê em famílias disfuncionais.”

Nenhuma igreja tem os recursos humanos ou as habilidades espirituais ou psicológicas necessárias ao atendimento de todas as necessidades. Mas a provisão de um lugar seguro para que as pessoas exponham suas necessidades e sintam que foram acolhidas é um mandamento central da igreja e o mínimo que podemos fazer. Paulo diz claramente: “Levai

as cargas uns dos outros”; assim fazendo, segundo ele, “cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). Se nós negarmos as nossas cargas para manter as aparências, elas nunca poderão ser carregadas pelos outros.

A negação criada pelos líderes e transmitida por seus seguidores finalmente se torna um modo de vida para a própria família da igreja. Quando a congregação conspira para negar seus defeitos de forma a ser bem vista pelos de fora, ela começa a agir como qualquer outra família disfuncional.

Não Fale!

Um dos traços mais problemáticos na família da igreja ou denominação é a regra não-escrita do “não fale”. Esta regra implica que certos problemas do grupo não devem ser expostos porque isto seria ruim para a imagem da igreja e as coisas teriam de mudar. Também, é claro, fica proibido comentar a regra do “não fale”.

Permitir que este engano e supressão existam dentro de uma congregação não apenas promove inúmeros abusos como também é uma negação direta do que significa ser comunidade cristã. Se existem certas questões — como liderança, tomada de decisão ou a forma como se gasta o dinheiro — que você não pode discutir com os membros da sua igreja, você não está participando da comunidade cristã com eles. Ao invés disso, vocês estão compartilhando é de um compromisso com aquilo que Schaef e Fasell chamam de “organização de dependência”: “A comunicação na organização que causa dependência é freqüentemente indireta . . . Pessoas que sentem que têm conflito com alguma outra se recusam a declarar seus conflitos abertamente à pessoa em questão. Além disso, relutam em discutir esses conflitos em público. Ao contrário, evitam as partes interessadas e procuram outros para contar suas fofocas.”¹

Hoje, a fofoca é um dos males mais destrutivos na igreja e é significativamente encorajada pela regra do “não fale”. Quando as questões não podem ser tratadas pelas vias legítimas, elas são tratadas por vias ilegítimas. O que acontece,

na verdade, é o desabafo inadequado da frustração. Embora a fofoca alivie temporariamente a tensão e promova uma sensação de intimidade, no final das contas ela é um veneno.

Para líderes, a fofoca pode também funcionar como um meio de controle. Já que eles detêm o conhecimento, e como são eles que controlam o que acontece na igreja, podem agir como uma câmara de compensação autoritária de informações. Podem selecionar exatamente o que dizer, e a quem, sobre o grupo ou sobre alguém do grupo, fazendo assim com que as pessoas fiquem confusas ou intimidadas, e portanto, sujeitas ao seu controle.

Suponhamos que uma mulher da igreja tenha uma preocupação legítima com relação ao estilo de liderança autoritário do pastor. Primeiro ela fala sobre isso com o pastor, e este a ignora. Então ela compartilha com outros a sua preocupação. A esta altura, o pastor, percebendo-a como uma ameaça, parte para o contra-ataque, fofocando sobre ela para os líderes-chave da igreja. Confidencia-lhes que em uma recente sessão de aconselhamento matrimonial com ela e o marido, a mulher confessou uma profunda rebelião contra toda autoridade, especialmente autoridade masculina. Como pastor dela, ele, é claro, está muito preocupado com o seu “ódio contra a autoridade legítima”; mas isto (segundo ele observa) tem tudo a ver com o ataque que ela está fazendo a ele. Dessa forma, tanto ela como suas preocupações ficam desacreditadas, perdem o sentido e são deixadas de lado. Além disso, ela foi pessoalmente ferida, pois passou a ser rotulada como rebelde.

A fofoca pastoral é um meio de controlar o fluxo da informação e manter o poder. Um outro meio de controlar a informação é o que em certos grupos funciona como uma “linha de comando”. Os membros do grupo são orientados a levar todas as questões e preocupações para a pessoa que tem liderança direta sobre eles; eles nunca devem discutir qualquer problema que seja com nenhuma outra pessoa a não ser esse líder. Este, então, guarda consigo essa preocupação ou então passa-a para o líder a quem ele responde diretamente. Este tipo de sistema fechado permite que os

líderes controlem o fluxo de informação e silenciem qualquer pessoa ou questão que desejarem.

Grupos saudáveis prosperam no fluxo livre de informação. Seus membros têm pronto acesso às opiniões e preocupações dos outros. Grupos doentes normalmente sofrem de comunicação confusa, falha ou controlada. Arterburn e Felton explicam: “A comunicação, num sistema tóxico, não é uma interação de duas mãos. A informação é válida somente se vier do topo da organização e é passada a base, de cima para baixo ... Qualquer coisa que não se encaixe naquilo que eles já acreditam que seja verdadeiro provavelmente não será ouvido.”²

A falta de habilidade para tolerar a liberdade de expressão, questões honestas e falas diretas é uma marca característica de um sistema abusivo.

O Chamado à “Unidade”

Uma outra consequência abusiva da regra do “não fale” é que quando algum membro do grupo finalmente quebra o silêncio e começa a falar dos problemas do grupo, essa pessoa é perseguida. Dizem-lhe que tudo estava muito bem até ela começar a criar problemas. (Famílias incestuosas reagem exatamente da mesma maneira com relação à primeira filha que abra a boca para desmascarar o pai e expor a família.)

Se algum dedo-duro revelar os problemas do grupo ao mundo externo, o grupo inteiro irá se mobilizar para desacreditá-lo. Às vezes, até se considera forjar algum contra-ataque; o mais comum, porém, é questionar o estado mental e emocional de quem causou o problema. Quase nunca as questões reais são admitidas e tratadas. Em vez de se admitir o problema real, “o dedo-duro” é que se torna o problema. Dessa forma, foge-se de um exame honesto e se mantém a negação.

Foi isso que aconteceu recentemente a um amigo meu. Quando ele começou a questionar publicamente os erros doutrinários e abusos ministeriais de sua denominação, foi

apedrejado pela liderança. Ao invés de responderem às suas reclamações específicas e inequívocas, os líderes denominacionais começaram a especular publicamente que ele estaria agindo com agressividade porque se sentira ferido ou negligenciado por eles. Alguns disseram que ele sempre tinha tido problemas com autoridade. Outros, que diziam conhecê-lo bem, começaram a questionar se com sua atitude ele não estaria refletindo algum trauma de infância. Alguns de seus colegas pastores chegaram a fazer lobby em um jornal local para que não publicasse um artigo que ele havia escrito. Para eles, sua crítica (por mais precisa e justa que fosse) teria minado a “unidade da igreja”.

Um apelo superficial à unidade é um estratagema comum de grupos abusivos. Mas geralmente funciona, porque ninguém quer ser acusado de quebrar a unidade da igreja. Nós todos ansiamos pela unidade no corpo de Cristo. Mesmo os anjos anseiam por ela. Mas, como Gene Edwards diz: “Cuidado com o líder que consegue uma unidade excessiva.”³ Líderes abusivos freqüentemente apelam para a unidade para se protegerem de análises críticas. Como diz um sobrevivente de um grupo abusivo: “Estou cansado. Cansado de ser intimidado e ver outros intimidados e perseguidos, tudo em nome da unidade. Estou cansado de representar uma organização que tem uma fé tão frágil em si mesma que não consegue tolerar nenhuma dissensão nas suas hierarquias, nem um pouco de crítica construtiva às políticas impostas aos cristãos por um grupo ditatorial de homens.”⁴

Qualquer chamada à unidade deve ser examinada criticamente. É a verdadeira unidade cristã ou a uniformidade não-cristã que está sendo buscada? A verdadeira unidade é a submissão mútua que é livre e voluntariamente cedida momento a momento. Nunca é conseguida à força. Se se for definir unidade como todos concordando com o líder em todos os assuntos, o que se tem é a uniformidade de uma ditadura, não a unidade de todos se submetendo uns aos outros em reverência a Cristo. Se a unidade que está sendo

buscada implica calar-se com relação a preocupações profundas, não se trata da verdadeira unidade cristã e não precisamos nos submeter a ela.

Filactérios, Bíblias Enormes e Vozes Fervorosas

Os fariseus da época de Jesus estavam preocupados com um desejo de uniformidade entre seus seguidores. Eles tentavam impor uma ortodoxia uniforme na crença e na prática por meio da lei. Diante de suas práticas abusivas, Jesus botou a boca no trombone. Ao tomar essa liberdade, Jesus foi capaz de profetizar a verdade sobre eles, dolorosa mas necessária. Apontando a necessidade neurótica que eles tinham de serem bem-vistos uns pelos outros e também pelo público, Jesus declarou, referindo-se ao show que faziam: “Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam seus filactérios e alongam as suas franjas” (Mt 23.5).

O filactério era uma pequena caixa preta que continha uma porção das Escrituras. Todo fariseu trazia um filactério preso à frente para demonstrar publicamente sua devoção à lei de Deus. A idéia baseava-se em Deuteronômio 4.6-8, onde Moisés mandou que os israelitas imprimissem os mandamentos de Deus nos seus corações, que os contassem a seus filhos, que os amarrassem como símbolos em suas mãos e que os atassem em suas frentes. Estas instruções para “amarrar as leis de Deus às mãos e à frente” são, é claro, uma belíssima metáfora hebraica. No caso de “amarrar a lei de Deus às mãos”, nós devemos permitir que a lei de Deus informe o trabalho de nossas mãos, que dirija nossas ações. O significado de “amarrar a lei de Deus às nossas frentes” é obviamente deixá-la educar nossas mentes e guiar nossas decisões.

Reduzir esta bela metáfora a uma caixinha preta amarrada entre os olhos de alguém é perder completamente o sentido da coisa. E os fariseus o fizeram de uma forma cômica e evidente. Eles não só amarravam a caixinha nas suas frentes, como também a aumentavam para demonstrar a sua piedade superior. Para os fariseus, os símbolos de

devoção eram (e ainda são) mais importantes do que a própria devoção.

O equivalente moderno dos “filactérios aumentados” depende do que está na moda para um grupo religioso em particular. Todos esses símbolos e práticas podem parecer uma bobagem para qualquer um que não pertença ao grupo. Para alguns fundamentalistas, o “filactério aumentado” poderia ser uma grande Bíblia preta na versão apropriada, toda marcada e bastante folheada. Para outro grupo, poderia ser um modo afetado de falar ou entremear a conversação com “Glória a Deus”. Para alguns, pode ser o uso de terno e gravata; para outros, jeans e camiseta. Existem muitos exemplos.

Dentre as afetações religiosas utilizadas para dar a idéia de piedade, a que eu mais gosto de usar como exemplo é o que eu chamo de “voz de pregador”. Alguns pregadores alteram deliberadamente o timbre e o tom de sua voz quando sobem ao púlpito (eu acho que é para que soe mais parecida com a voz de Deus...). É como se estivessem *representando* o papel de servos de Deus, ao invés de simplesmente *serem* um servo.

“Aumentar o filactério” é feito para se mostrar, é claro. Diante da maioria desses modismos religiosos, muitas vezes meramente cômicos ou irritantes, nós deveríamos dar risada, ou simplesmente ignorá-los. Mas eles constituem também sinais de perigo. A apresentação de tantos sinais externos de devoção pode indicar que a autêntica vida espiritual no interior morreu ou está morrendo. Os filactérios aumentados também demonstram que quem os utiliza é muito preocupado com o modo como é visto pelos outros. Quando essas pessoas adquirem poder, elas se tornam perigosas e não podem ser seguidas ou merecer confiança. Quando são forçadas a escolher entre sua própria imagem e as reais necessidades dos outros, são sempre estes que acabam perdendo.

Em Mateus 23.25 Jesus expõe o perigo daqueles que se esforçam para serem bem vistos, enquanto negligenciam a integridade espiritual. “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas

por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça” (NVI). Estes são líderes que dão um polimento em si mesmos para os cultos de domingo; eles estabelecem os padrões na forma de adoração, mas por dentro existe apenas morte. Muitas dessas almas patéticas estão aprisionadas nos sistemas abusivos que criaram para os outros. Não existe mais espaço para eles falarem da *secura* e morte espiritual que os afligem, e ninguém para ajudá-los a carregar este fardo.

Lugares e Títulos de Honra

Jesus continua a desmascarar os fariseus apontando as necessidades deles: “Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens” (Mt 23.6-7). Que bom seria se todos tivessem um assento de honra em banquete em alguma ocasião na vida! Não existe nada inerentemente ruim em honrarmos uns aos outros; mas os fariseus *exigiam* honra. Eles precisavam desesperadamente ser reconhecidos como homens respeitáveis — o que eles realmente não eram.

O retrato que Jesus faz do desejo hipócrita que tinham de parecer “homens honrados” atinge proporções cômicas em Mateus 6. Aqui, Jesus descreve os fariseus anunciando a doação de esmolas com trombetas, de forma que possam ser “glorificados pelos homens” (v. 2). E também oram para se exibir: colocam-se em pé em lugares bem visíveis nas sinagogas e chamam a atenção para si mesmos nas esquinas para “serem vistos dos homens” (v. 5). Jesus adverte contra estas exhibições, dizendo: “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles” (v. 1). E ao orarmos, diz que devemos encontrar um local reservado e “fechar a porta” (v. 6).

Em Mateus 23, Jesus recrimina a sede de honra que os fariseus tinham, e sempre repreendeu seus discípulos pelo mesmo pecado (Mt 18.1-5; 19.27; 20.9-16; 20.28). “O desejo de ser o número um, de ser considerado grande, é o desejo que se combate com mais frequência nos Evangelhos... Em

Mateus 23, Jesus expõe o 'grandismo' como a principal fonte de uma fé falsa."⁵

A necessidade que os fariseus sentiam de honra e a sua ânsia de serem vistos como grandes é demonstrada no seu amor à saudação "Meu Grande", que é o significado literal de *Rabi* (mestre). O equivalente moderno de *Rabi* depende do grupo religioso em questão. Em alguns grupos, pode ser "Pastor" ou melhor, "Pastor Presidente". Em outros, o título "Doutor", "Reverendo", "Bispo" ou "Ancião" mostra quem é o número um. Estes títulos deixam o titular à parte das pessoas comuns, o que é, é claro, a razão de existirem.

Conheço líderes de igreja que ensinam todo mundo (inclusive membros de sua família) a referir-se a eles como Pastor Fulano ou Dr. Beltrano. Este treinamento, eu suponho, é calculado para acrescentar reverência ou honra à posição deles. Eu creio que a necessidade que um líder tem de um título para realçar sua autoridade está na proporção direta com a falta de verdadeira autoridade. A exigência de status especial indica uma falta de verdadeira confiança. Deve ser por isso que Jesus proibiu esses títulos honoríficos e a exibição de status.

"Vós, porém, não sereis chamados de mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será o vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado." (Mt 23.8-12)

Eu não consigo imaginar linguagem mais clara e mais forte. Se nós levarmos Jesus a sério aqui, todos teremos de repensar como nos dirigimos a nossos líderes. Num sentido mais literal e mais contemporâneo, o que o versículo 8 diz é: "Não sejam nunca chamados de Doutor, Reverendo ou Mestre, porque vocês têm um só Mestre e vocês todos são irmãos e irmãs." Esta é a repreensão mais clara possível a todas as

estruturas religiosas hierárquicas. Jesus é totalmente comprometido com a absoluta paridade dentro de sua igreja.

Ele continua: “A ninguém na terra chameis vosso pai; porque um só é vosso Pai, aquele que está no céu.” Isto quer dizer, mesmo que alguém exija ser chamado de Padre, Pastor, Doutor ou Reverendo, recuse-se a fazê-lo. Esse nivelamento social radical de todo o povo de Deus transforma a igreja em uma simples família de Deus — o que é, com certeza, a sua razão de ser (Ef 2.19; 1 Tm 3.15).

Ao longo destas linhas, é instrutivo notar como Paulo usa os cargos e títulos de “bispo” e “diácono” em suas cartas. Por exemplo, em Filipenses 1.1 Paulo omite o artigo definido quando se dirige a bispos (ou supervisores) e diáconos. Esta omissão estratégica significa que os títulos *supervisor* e *diácono* descrevem o serviço pastoral ou função ministerial específica e não os cargos deles. Em outras palavras, seus títulos indicam o que eles fazem para o povo e não as suas posições de hierarquia. Em seu comentário, Ralph Martin afirma: “Parece haver uma concordância geral de que aqui as palavras [supervisores, diáconos] descrevem não os titulares de um cargo eclesiástico, mas uma responsabilidade que foi assumida.”⁶

Jesus proibiu claramente o uso de títulos de cargos eclesiásticos; mas se o que Paulo diz é confiável, nós podemos usá-los se e quando eles denotam uma função. *Devemos* usá-los quando o fato de omiti-los for chamar atenção ou parecer estranho. Por exemplo, quando uma mulher em minha igreja me apresenta à sua mãe, ela dificilmente poderá fazê-lo sem se referir a mim como sendo seu pastor. Quando me inscrevo para um curso ou para obter créditos de pós-graduação, é legítimo dizer que eu tenho o grau de doutor.

Jesus não está dizendo que em sua família não deve haver quem funcione como pai ou mãe espiritual, assim como anciãos, doutores em teologia, professores ou líderes. Ao contrário, ele está dizendo que títulos que descrevem nossas funções ou serviços nunca deveriam ser usados para nos elevar acima dos outros ou para obrigar nossos irmãos e irmãs a nos olharem como “grandes”.

Paulo aborda esse tema em Filipenses 2: “Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo ... Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (vv. 3, 5-7).

Por mais que nós sintamos a necessidade de cargos ou símbolos de autoridade para melhorar nossa imagem e sustentar nossa confiança, Jesus não permite isto. O único caminho para a grandeza no reino de Deus é através de serviço humilde. E esta busca de humildade através de serviço humilde tem conseqüências eternas. “Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mt 23.12). De acordo com Dale Brunner: “Os dois verbos no futuro e na voz passiva nesta frase — “será humilhado” e “será exaltado” — se referem a vereditos do último julgamento.”⁷ Portanto, se o serviço humilde não for recompensado agora, ele o será naquela ocasião. E mesmo que o abuso espiritual não seja julgado agora, ele o será então. (Veja também Mt 16.27.)

Distorção de Frases

Líderes abusivos exibem sua piedade e cobiçam posições, títulos e cargos porque eles fazem tudo “para serem vistos dos homens”. Uma outra arma que é usada por líderes inseguros para melhorar e defender a imagem deles é a linguagem. Os líderes abusivos geralmente usam as palavras de forma enganosa e para serviço próprio. Eles não falam para comunicar, mas para confundir, manipular e intimidar. “Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou. Insensatos e cegos!” (Mt 23.16-17).

Os falsos mestres do tempo de Jesus afirmavam conhecer a intimidade e o pensamento de Deus acima e além do que é diretamente revelado na Escritura. Em Mateus 23.16-22

Jesus denuncia violentamente toda linguagem religiosa que é astuciosa, obscura, gnóstica, esotérica ou complexa. Autores de livros teológicos às vezes incorrem no erro de posarem de gurus que são os únicos capazes de brandir tal linguagem. Hoje, também temos “profetas” que proclamam revelações divinas do céu, de principados e potestades, bem como dos propósitos escondidos de Deus aos quais os meros mortais não têm acesso; especialistas em “cura pela fé” que afirmam conhecer o truque para descobrir que orações Deus responde para esta ou aquela doença; homens e mulheres que se colocam como mestres da Bíblia, afirmando que podem ver mais, muito mais no texto das Escrituras do que o permite uma leitura direta e descomplicada. Toda vez que um líder religioso declara que detém um conhecimento especial de Deus ou da Bíblia que permanece oculto ao restante de nós, é possível que estejamos na presença de ensinamento falso e abusivo, ou coisa pior.

Outra coisa que líderes abusivos fazem é usar a linguagem para confundir e nos despistar quando se sentem ameaçados. Mais cedo ou mais tarde eles irão dizer alguma coisa que é patentemente absurda e facilmente desacreditada. Ao invés de admitir o erro, eles se valem de palavras para escapular e evitar a prestação de contas em público.

Recentemente, um pastor afirmou que seu salário era de US\$ 70 mil por ano. Mais tarde, descobriu-se que a remuneração dele beirava os US\$ 500 mil por ano. Quando chamado a explicar a discrepância, ele disse: “Ah, eu estava me referindo ao meu salário real. Não estava incluindo minha moradia, carro, entretenimento e benefícios médicos e de aposentadoria...”

Já faz anos que nós ouvimos predições e profecias quanto a um iminente avivamento mundial. Quando o avivamento não vem conforme o previsto, os líderes que erraram na predição geralmente inventam maneiras criativas de negar seu erro. Há pouco tempo, os líderes de uma organização conhecida internacionalmente predisseram que um grande avivamento iria começar em um determinado país em um determinado mês e que eles seriam instrumentos de Deus no tal evento. O mês veio e passou, e nada que pelo menos

fizesse lembrar um avivamento aconteceu. Ao invés de admitir o seu erro, os líderes deram explicações evasivas, dizendo: “Mesmo que não tenha parecido que um avivamento aconteceu, ele realmente ocorreu. O avivamento começou no íntimo de umas poucas pessoas-chave através da renovação espiritual delas. O avivamento completo virá mais tarde.”

Isto significa a reformulação e distorção da definição de avivamento aceita pela igreja; foi um disfarce para proteger uma imagem. É muito parecido com dizer: “Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou.” Estas falas de duplo sentido obscurecem a verdade e protegem uma imagem.

Normalmente, a verdade sobre uma questão é evidente para os que são sensatos. Mas quando a verdade entra em conflito com a agenda pessoal ou institucional de líderes abusivos, eles sempre acham o que dizer para obscurecê-la. Os líderes espirituais têm o poder de obscurecer a verdade não apenas por causa de sua autoridade inerente, mas porque a maioria deles tem muita capacidade de comunicação. Nós queremos que os nossos pastores se comuniquem com facilidade e os recompensamos por isso. Mas essa habilidade valorizada, quando empregada por alguém em defesa própria, pode transformar-se numa ferramenta de abuso. Um amigo meu diz, com acerto: “Quem tem o microfone é quem conta a história.” A combinação de boas habilidades de comunicação com a autoridade da plataforma é uma arma poderosa.

É como disse a Vovó Sophie certa vez ao Allen, seu neto precoce: “Quanto mais esperto você for, melhores as suas razões para fazer as coisas erradas.”⁸ Quanto mais expertos formos como comunicadores, mais fácil nos será fazer o que é errado e fazer com que pareça certo.

A Ambição de Um Servo

Eu creio firmemente que aqueles que exibem sua devoção, promovem sua posição e estabelecem seu poder agem

assim por causa de sua insegurança básica. O homem ou mulher confiante não precisa aparecer, não precisa de discurso escorregadio ou evasivo para se promover ou se defender. Portanto, quando Jesus diz “Mas o maior dentre vós será vosso servo” (Mt 23.11), ele não está nos chamando para uma autonegação humilhante e paralisadora ou para uma autodegradação. Ele simplesmente está descrevendo com quem se parece um líder seguro e afirmado por Deus, e como ele age.

Um líder saudável pode muito bem ter uma alta auto-estima e ser muito ambicioso. Mas ele irá demonstrar essa ambição procurando oportunidades cada vez maiores para servir. Mesmo a ambição de Jesus em servir a nós todos — tornando-se Servo, o maior de todos — era baseada em uma calma confiança naquilo que ele era.

Sabendo este [Jesus] que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois deitou água na bacia e passou a lavar os pés dos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. (Jo 13.3-5)

Se vamos ser como Jesus, nós podemos ser ambiciosos — e podemos ser bem-sucedidos. Mas nosso sucesso será medido, não por quantas pessoas nós controlamos, mas por quantas nós aberta e honestamente servimos. Não se pode lavar os pés de ninguém de cima de um pedestal.

*O verdadeiro teste da religião é:
ela constrói asas para erguer o homem
ou é um peso morto para o puxar para baixo?
A pessoa é ajudada por sua religião
ou é perseguida por ela?
A religião a sustenta ou é sustentada por ela? ...
Os fariseus acreditavam que fazer a vontade de
Deus era observar os milhares de regrinhas
e regulamentos deles; e nada poderia estar
mais distante do reino de Deus,
de seu conceito básico, de seu amor.*

William Barclay

*Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!
porque fechais o reino dos céus
diante dos homens; pois, vós não entraís,
nem deixais entrar os que estão entrando...
Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas!
porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do
cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais
importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a
fé; devíeis, porém, fazer estas coisas,
sem omitir aquelas.
Guias cegos! que coais o mosquito
e engolis o camelo.*

Jesus Cristo

6

VALORIZANDO MINÚCIAS E PERDENDO O ESSENCIAL

*U*m jovem pastor tinha chegado recentemente para servir numa igreja que eu estava frequentando. Ele era casado e tinha três filhos pequenos. Não sabendo quanto custava viver na cidade onde a igreja estava localizada, ele tinha aceito sem questionar o salário que esta lhe oferecera. Uma vez na cidade, junto com a esposa e os filhos, ele descobriu que o salário combinado era terrivelmente inadequado. Sendo assim, em uma reunião da diretoria da igreja, ele pediu ao presidente do conselho que colocasse as necessidades financeiras de sua família na agenda daquela noite. Após uma oração de abertura, o presidente colocou a preocupação do ministro como o primeiro item da agenda.

Depois que o jovem pastor explicou que sua família não poderia sobreviver com seu salário atual, o presidente rapidamente sugeriu que este importante assunto fosse levado à reunião de orçamento — a ocorrer nove meses mais tarde. A moção foi aceita sem discussão, a questão foi encerrada e a reunião prosseguiu. A discussão do pedido de ajuda do jovem pastor tinha durado apenas seis minutos.

O item seguinte da agenda tomou o restante do tempo da

reunião (duas horas e meia). Tratava-se de um novo sistema de segurança para os prédios da igreja. A igreja possuía muitas máquinas de escritório caras e os membros da diretoria achavam que o sistema de segurança que possuíam na época não era adequado para proteger esses bens. Assim, o presidente propôs que vários milhares de dólares fossem gastos para melhorar esse sistema. A despesa foi autorizada; o trabalho deveria ser feito imediatamente.

Naquela reunião, um jovem pastor e sua família foram desonrados e tratados com banalidade. Eles finalmente tiveram que deixar a igreja. Mas a fotocopidora da igreja está segura...

Essa justiça travestida é um clássico exemplo da valorização de minúcias. De acordo com Johnson e Van Vonderen, “Em um sistema espiritualmente abusivo, o mundano se torna essencial, enquanto as necessidades reais e vitais das pessoas são negligenciadas em benefício das agendas.”¹

Esta história também ilustra que nem sempre o abuso espiritual é perpetrado pelo clero profissional e que as vítimas do abuso nem sempre são pessoas leigas. Isto pode funcionar da maneira contrária, dependendo de quem está no poder. Em muitas igrejas, o pastor tem o poder; mas em algumas igrejas “congregacionais” ou lideradas por presbíteros e diáconos, quem detém o poder são os leigos. Neste caso, eles têm o potencial para abusar do pastor, cujo salário é pago por eles.

Negligenciando Assuntos de Peso

Nos dias de Jesus, a classe que detinha o poder espiritual era a dos fariseus. Uma marca desse grupo era a sua preocupação com trivialidades e a sua cegueira para as questões essenciais de justiça. Quando Jesus confrontou esses “cegos” eclesiásticos, disse que eles eram escrupulosos em dar o dízimo até das ervas que eles plantavam — a hortelã, o endro e o cominho — mas negligenciavam a justiça, a misericórdia e a fé (Mt 23.23).

Dar o dízimo, ou dar um décimo, era (e eu acredito que

ainda é) a coisa apropriada a fazer. O próprio Jesus diz aos fariseus que eles deveriam continuar a fazer isso. O dízimo era, na verdade, um mandamento de Deus (Lv 27.30-33) e abençoado por Deus (Ml 3.6-12). No entanto, dar o dízimo é uma questão relativamente pequena na Bíblia, ao passo que justiça e compaixão são enfatizadas em quase todas as páginas.

Os fariseus, tanto os antigos como os de hoje, embora enfatizem questões religiosas menores, podem muito bem trapacear nos negócios, brutalizar esposas e filhos e ser indiferentes aos pobres e aos socialmente marginalizados. São capazes de concordar com os mínimos pontos das leis e, ao mesmo tempo, fazer votos e quebrá-los. No espírito moderno do farisaísmo antigo, os homens podem ir à igreja com a roupa certa, dar dinheiro, orar com fé, ser especialistas em assuntos das Escrituras e ainda assim negligenciar as questões que realmente importam no reino de Deus.

Existem muitas mulheres que não perdem uma única reunião da igreja; elas estão sempre disponíveis para ensinar na escola dominical ou participar de comissões. Os maridos dessas mulheres “dedicadas” freqüentemente se sentem rejeitados por elas, e seus filhos não têm a sua companhia à noite.

Valorizando minúcias e perdendo o essencial.

Coando Mosquitos

Líderes e sistemas espiritualmente abusivos caracterizam-se por inverter os valores espirituais. Posições inflexíveis podem ser tomadas em assuntos sem significância espiritual, ao passo que questões da maior importância são minimizadas. Ou, como Jesus mesmo ilustrou: “Coais o mosquito e engolis o camelo” (Mt 23.24).

Para o judeu consciencioso, mosquitos e camelos eram impuros e não podiam ser ingeridos (Lv 11.4, 42). Para evitar engolir mosquitos quando bebiam vinho, os fariseus coavam a bebida deles com gaze de musselina. Quando não tinham gaze à mão, eles coavam o vinho através de seus dentes, tirando os mosquitos com os dedos. Mas, diz

Jesus, enquanto os fariseus são tão cuidadosos em se proteger contra uma minúscula pinta de impureza, eles engolem uma tonelada de corrupção (com corcovas e tudo) e nunca notam. Este é o retrato vivo que Jesus dá de um líder que perdeu todo o senso de proporção, cujos valores espirituais estão completamente invertidos.

Não faz muito tempo, eu levei um grupo de pastores da minha cidade para uma conferência que eu estava dirigindo em uma cidade próxima. Após a conferência, nós todos fomos jantar com o pastor da igreja que nos hospedara. Quando vi que ele pedira vinho com a comida, eu tomei dois copos com a maior satisfação. Ao retornarmos à cidade, um dos pastores que tinham vindo comigo começou a advertir as pessoas que eu tinha problemas com bebida. Poucos meses depois, foi descoberto que ele vinha sendo infiel à esposa há três anos.

Coando mosquitos e engolindo camelos.

Outro pastor conhecido meu tinha a reputação de fazer cumprir um código minucioso com relação ao uso de roupas nos cultos da igreja dele. As roupas do coro tinham de ser passadas a cada semana, os homens que serviam a ceia tinham de usar terno escuro e gravata preta e qualquer pregador visitante tinha de usar uma camisa branca com uma gravata preta sob uma beca preta. Este mesmo pastor contraiu AIDS através da prática do homossexualismo.

Outro pastor que eu conheci se gabava do fato de que nunca tinha usado os envelopes ou selos da igreja nas suas cartas pessoais. Ele me disse isso pelo menos três vezes. Este mesmo homem seria demitido mais tarde por roubar dinheiro das ofertas, que ficavam guardadas no seu escritório entre um culto e outro.

Mais mosquitos e camelos.

Os conflitos que os fariseus iniciavam com Jesus eram geralmente sobre questões menores. Eles discutiam com ele a respeito do jejum (Mc 2.18), a guarda do sábado (Mc 2.24), comer com as mãos sujas (Mt 9.11), atitudes com relação a impostos (Mc 12.13-15) e outras coisas assim.

Eles valorizavam minúcias nos debates com Jesus porque,

como já vimos, as minúcias religiosas eram a paixão deles. Jesus, por sua vez, nutria uma paixão ardente pelo reino de Deus que estava chegando e por como este reino iria beneficiar pessoas reais de carne e osso.

Os fariseus ficavam furiosos pelo fato de Jesus viver curando pessoas doentes no sábado. Uma leitura conservadora das leis do Novo Testamento sobre o sábado apoiava a preocupação deles. Jesus, no entanto, tratava a observância do sábado como uma questão mínima se comparada à necessidade imediata de qualquer pessoa. Sem textos específicos das Escrituras para apoiar suas ações, Jesus curava pessoas doentes e endemoninhadas no dia santo.

Quando o foco de um ministério foge das necessidades pastorais para concentrar-se no protocolo religioso, em programas ou orçamento, ele está se tornando potencialmente abusivo. Para Jesus, as pessoas reais e suas necessidades reais são sempre a maior preocupação; a exatidão religiosa é sempre uma preocupação menor para ele.

Quem é fariseu se aflige com banalidades espirituais. Eles colocam fardos de ninharias religiosas sobre si mesmos e sobre os outros. A “instrução religiosa” de Jesus, por outro lado, é dada apenas em termos mais genéricos. Jesus não nos dá nenhum código sistemático de comportamento religioso como os deixados por Moisés, Buda e Maomé.

Além disso, Jesus fala pouco sobre moralidade social. Ele não diz praticamente nada sobre política, relações entre os sexos e relações entre nações. Seu silêncio sobre essas questões nos dá liberdade de ação. Ao contrário dos fariseus, Jesus não tem o mínimo interesse em estabelecer rígidas diretrizes religiosas e sociais para seus seguidores, mas prefere dar ênfase às questões significativas do reino de Deus.

A Porta do Reino

Quando Jesus iniciava um conflito com os fariseus, ele focalizava questões realmente significativas. Em Mateus 23.13, ele os acusa de nada mais, nada menos do que manter as pessoas longe de Deus: “... fechais o reino dos céus diante dos homens; pois, vós não entrais, nem deixais entrar os

que estão entrando.” Jesus enfatiza o que é importante e vai direto ao assunto.

Esta acusação contra os fariseus é crucial porque ela, mais que qualquer outra, demonstra o quanto eles, em seu fervor religioso, haviam se desviado dos propósitos de Deus. É uma acusação crucial também porque, se pudesse ser feita a qualquer líder de igreja hoje, significaria que o líder se havia desviado tragicamente de Deus e estaria impedindo as pessoas de chegarem a ele. Eu não consigo imaginar acusação mais séria.

E como, exatamente, os fariseus fechavam a porta do reino na cara das pessoas? Primeiro de tudo, mesmo que Jesus chame esses “fechadores de porta” de hipócritas, nem por isso nós deveríamos pensar que eles eram propositadamente hipócritas. Devia haver alguns charlatões e artistas da vigarice entre eles, uma vez que estes sempre estão presentes em todo grupo religioso. Mas, no geral, os fariseus eram como os elitistas religiosos de qualquer época. Eles pensavam sinceramente que estavam servindo a Deus e fazendo isso melhor do que qualquer outro. Mas, mesmo assim, Jesus os acusou de estarem de fato trabalhando para o inimigo.

A maneira mais óbvia pela qual estes líderes mantinham seus seguidores longe do reino de Deus era fazendo-os voltarem-se contra o Rei. “Foi a liderança farisaica que desviou Israel de Jesus e assim manteve Israel fora do reino de Deus que estava chegando através de Jesus.”² Este é o pecado contra o Espírito Santo que não será perdoado (Mt 12.22-32).

Os fariseus não queriam ser identificados com Jesus e sua nova comunidade, e faziam de tudo para impedir outros que se sentiam atraídos para ele. Querendo manter sua posição de guardas do portão (julgando quem estava dentro e quem estava fora da comunidade de Deus), os fariseus naturalmente rejeitaram Jesus, que proclamara a si mesmo como o novo “porteiro”: “Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas” (Jo 10.7). Jesus deixou claro que ele não apenas iria substituir os fariseus como guarda do portão, como também acabaria completamente com a compreensão tradicional que eles tinham sobre essa

passagem. Qualquer um que quisesse entrar seria bem-vindo, pecadores especialmente (Mc 2.17).

Em Lucas 17.20-21, os fariseus perguntam a Jesus quando virá o reino de Deus. Jesus responde: “O reino de Deus está dentro em vós”. O reino de Deus que todos os judeus piedosos anteciparam já estava chegando sobre eles, à volta deles, e eles o estavam perdendo por rejeitarem o Rei. Valorizando minúcias, eles tinham perdido o essencial.

Para completar esta tragédia, eles davam duro para que outros também o perdessem. Lucas 11.52, o versículo paralelo de Mateus 23.13, deixa isto ainda mais claro: “Ai de vós, intérpretes da lei! porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando.” Mas pela graça de Deus eles não foram completamente bem-sucedidos. Em outra ocasião, Jesus diz aos fariseus: “Publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus” (Mt 21.31).

De acordo com George Eldon Ladd, “o reino de Deus é um termo que compreende tudo o que a salvação messiânica incluiu.”³ Esta “salvação messiânica” incluía (e continua incluindo) perdão de pecados, o direito de apresentar-se diante de Deus, cura, livramento, justiça social e mais. Negar parte da salvação messiânica de Cristo é, de certa forma, fechar a porta do reino.⁴

A segunda maneira óbvia pela qual os fariseus estavam fechando a porta do reino para si próprios e para outros era por compreenderem erroneamente e, assim, distorcerem a lei de Deus. Ao invés de ensinar a lei como um dom de Deus que liberta pessoas caídas num universo caído (que era a perspectiva adequada do Antigo Testamento), eles sobrecarregavam o povo com a lei. Eles a interpretavam e a ensinavam como se fosse um conjunto de minúcias legalísticas, obscurecendo o verdadeiro reino de Deus.

A terceira forma pela qual eles fechavam o reino de Deus na cara das pessoas (esta forma é a mais aplicada nos dias de hoje) era fazendo com que ele custasse alguma coisa. Para falar mais diretamente, o reino de Deus que chega às nossas vidas através do Senhor Jesus Cristo nos é oferecido de

graça. Com relação à salvação, Deus trata conosco estritamente na base da sua misericórdia e da sua graça. Ele se recusa a nos vender qualquer coisa. Jesus, através de sua vida de perfeita obediência e morte sacrificial na cruz, assegurou a nossa entrada no reino e o nosso direito de permanecer nele. Todas as bênçãos de Deus em Cristo nos são dadas *livremente* — ou então, não recebemos coisa alguma.

Como os fariseus (os de ontem e os de hoje) se vêem na obrigação de *conquistar* uma posição diante de Deus, eles nunca a alcançam. E, ao convencerem outros a batalharem por isso, estão negando a estes a entrada no reino. “Porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós” (Mt 23.15). Estes pastores abusivos são “guias cegos e insensatos” e não devem ser seguidos nem merecer nossa confiança. Valorizar minúcias e perder o essencial pode ser mortífero, tanto para seguidores como para líderes.

Respondendo ao Abuso

Isto nos leva ao problema mais difícil e controverso de todos. Ao perceber que podemos estar sob os “cuidados” de guias cegos e insensatos, o que deveríamos fazer? A resposta nem sempre é simples. Alguns, por terem um julgamento limitado pela imaturidade ou distorcido por feridas do passado, irão pular do barco muito cedo. Outros, com base em um falso senso de lealdade ou medo de perder a bênção de Deus, vão se acomodar à situação até que se vejam forçados a partir. Entre os dois extremos errados existe uma forma de discernir e fazer um bom julgamento.

Em primeiro lugar, se um membro de uma igreja acredita que o pastor está agindo de maneira abusiva, Mateus 18 diz que esse membro deve ir em frente e confrontar o pastor. A partir disso, o processo de disciplina na igreja deveria tomar seu curso, se possível. Nós iremos estudar isto com mais detalhes no capítulo dez, intitulado “Disciplina Saudável na Igreja.”

Uma reação legítima ao abuso espiritual pode ser suportar

a situação por um tempo. Quem sabe, algum santo maduro e independente sinta-se chamado a ficar e orar, esperando o arrependimento do pastor ou a sua saída. Outras pessoas talvez sintam que investiram demais numa igreja para permitir que um guia cego a destrua.

Há pouco tempo um amigo me contou sobre uma congregação que diminuiu para oito pessoas nas mãos de um pastor abusivo. Dentre os que ficaram, dois eram marido e mulher que continuaram a orar pela renovação do seu líder e da igreja. Quando a denominação finalmente começou os procedimentos para fechar a igreja, o pastor teve uma “experiência no Espírito Santo”, como eles disseram. Essa experiência transformou radicalmente sua vida — o que, é claro, afetou a igreja. A congregação logo começou a crescer em tamanho e influência e hoje é uma luz à frente de sua denominação. O casal que permaneceu teve uma verdadeira chamada espiritual — estas chamadas são válidas.

Nós devemos considerar todo abuso, seja espiritual ou de outro tipo, como uma escala progressiva. Eu suspeito que todas as igrejas (e também todas as pessoas) sejam, até certo ponto, abusivas. Todas as nossas instituições são feitas de pessoas caídas e pecadoras. O abuso pode vir pela negligência passiva ou pela manipulação ativa, mas todos nós tratamos os outros com amor menos que perfeito. Ao avaliar-mos o abuso e decidirmos o que fazer a respeito dele, precisamos discerni-lo em termos de graus. Alguns abusos menores, nós devemos ignorar; alguns, devemos confrontar e perdoar; e de outros nós devemos fugir.

Se um amigo meu me constrangesse com algum comentário cortante, eu provavelmente não daria importância, especialmente se esta não fosse uma característica típica dele. Eu não deveria valorizar essa questão secundária. Indo mais acima na escala do abuso, eu posso gritar com meus filhos ou negligenciar minha esposa. Nestes casos, eles deveriam me confrontar com relação a isso e eu deveria me arrepender. Aproximando-se mais do topo do espectro, suponhamos que um homem bata sistematicamente em sua

esposa e violenta sua filha adolescente. Neste caso, esposa e filha devem sair de casa e relatar esses crimes à polícia.

Negligência e rudeza num grau menor não deveriam ser chamadas de abuso; o abuso é algo mais sério. Se alguém diz: “Meu pai era abusivo porque uma vez ele me deu uma surra que eu não merecia”, o termo perde todo o seu significado.

Discernindo e avaliando o abuso na igreja, nós não podemos pensar em termos perfeccionistas. Digamos que uma vez por ano o pastor pressione a congregação para fechar o orçamento. Essa atitude pode indicar insegurança ou falta de fé da sua parte; agora, chamar isso de abuso espiritual tira a importância do verdadeiro abuso. Se todo pecado ocasionado por insegurança for considerado abuso, então o termo perde seu significado. Portanto, na extremidade inferior da escala, alguma rudeza ou manipulação menor deveriam ser levadas a Deus em oração e esquecidas.

Subindo na escala, nós todos deveríamos intervir e confrontar uns aos outros nos casos de hipocrisia significativa. Nem todos nós vivemos o que pregamos, seja em casa, seja na igreja. Já que cada um de nós tem uma capacidade incrível de racionalizar suas próprias inconsistências, é preciso que alguém as aponte a nós. Como pastor, quem sabe eu diga “Deus não tem favoritos, assim como sua igreja também não. Nós somos todos igualmente aceitos em Cristo”, e mesmo assim mostre preferência por aqueles que são ativos no serviço à igreja ou aqueles que me fazem sentir bem. Neste caso, alguém precisa me confrontar com relação a isto e eu devo me arrepender.

Mais acima na escala, há igrejas que se tornaram o que eu chamaria de “organizações cristãs significativamente aberrantes”. Trata-se de grupos, igrejas e organizações paraeclesiais que aderem à doutrina principal do cristianismo mas controlam quase totalmente as decisões e ações de seus membros. Ron Enroth relaciona estudos de casos desses grupos no seu livro *Churches that Abuse* (“Igrejas que Abusam”). Aqueles que se encontram aprisionados

em uma instituição assim deveriam provavelmente correr dela. Estes grupos são usualmente tão fechados contra críticas e vivem em tão profunda negação que tentar confrontá-los iria apenas causar maior mal ao confrontador.

Para resumir, eu diria que se o abuso é menor e ocasional, quem sabe o melhor seria ignorá-lo. Se é significativo, deve-se confrontar o perpetrador. Se é sistemático, progressivo, implacável e bem-defendido, nós provavelmente precisamos partir.

O abuso espiritual geralmente não se apresenta em preto-e-branco. Ele normalmente se evidencia na parte cinza (meio) do *continuum*, e avaliá-lo nem sempre é fácil. Se nos tornamos muito idealistas na nossa busca de um pastor ou igreja perfeitamente não-abusivos, iremos andar de lugar em lugar sem nunca encontrar um lar. Valorizar minúcias não é perigoso apenas para líderes, mas para seguidores também.

Às vezes uma pessoa de tendência abusiva apodera-se de uma posição de poder em uma igreja que, em outras circunstâncias, nada teria de abusivo. Se nós somos feridos por alguém assim, não podemos culpar o grupo todo por causa disso. Por outro lado, um bom líder pode ter herdado um sistema basicamente abusivo de igreja que ele não tenha tido tempo de mudar. Tais líderes deveriam poder contar com nosso apoio. Se nós não dermos espaço a considerações específicas de cada situação, acabaremos nos trancando num tipo de perfeccionismo que coloca exigências intoleráveis sobre os líderes. Privá-los de misericórdia e graça se torna então a *nossa* contribuição para a carga de abuso espiritual da igreja.

Por Que é Difícil Sair

Mais de duas décadas de liderança em igrejas e no campo missionário têm me mostrado, no entanto, que o erro que a maioria das pessoas comete com relação ao abuso eclesial não é o de sair prematuramente, mas o de ficar tempo demais. Isso será abordado no capítulo “Quem é fisgado e por quê”. Por enquanto, convém explicar algo sobre a na-

tureza sutil e paradoxal do abuso que freqüentemente torna difícil criticá-lo e escapar dele.

Antes de tudo, líderes abusivos conseguem adeptos porque eles são, de uma ou outra maneira, atraentes. O que atrai neles pode muito bem ser seu genuíno compromisso com a obra de Deus e seu desejo sincero de treinar discípulos maduros. A intenção de mutilar pessoas pode não estar de fato presente neles. Eu conheço diversos pastores a quem considero significativamente abusivos. Os membros de suas congregações reconhecem sua sinceridade com relação às coisas de Deus e assim continuam a apoiá-los, e portanto continuam a absorver seu abuso.

Convém deixar claro, contudo, que os bons motivos dos líderes não são razão para eles continuarem machucando as pessoas. Afinal, os fariseus, a quem Jesus se opôs, eram muito sinceros com relação a Deus. Eles amavam a Deus e a sua palavra. Eles O adoravam. Eles pensavam que estavam agradando a Deus ao ensinar aos outros aquilo em que realmente acreditavam. Mas uma pessoa pode ser tão prejudicada por um pai bem-intencionado quanto por um criminoso sádico.

Existe um ministério de rua na costa oeste dos Estados Unidos que objetiva alcançar viciados em drogas, alcoólatras e prostitutas (homens e mulheres). O evangelho que os membros de sua equipe pregam é bem evangélico. Seus convertidos recebem aconselhamento espiritual e ajuda prática, abrigo temporário e colocação profissional. Tudo isso é muito bonito — mas existe um preço significativo pago por qualquer um que aceite ajuda desse ministério. Para receber ajuda desse grupo, a pessoa tem que abrir mão da liberdade de consciência e do direito de tomar decisões pessoais. Os líderes do projeto controlam as vidas de seus seguidores quase totalmente. Eles ditam a eles o que devem pensar e dizer, o que podem usar, com quem vão se casar e onde podem viver.

Quando os líderes são questionados com relação ao seu “autoritarismo opressor”, eles explicam que estão fazendo apenas o que o amor requer. “Quem vive nas ruas”, dizem,

“não tem auto-disciplina; portanto, deve-se impor disciplina a eles.” Eles podem parecer benevolentes por causa de seu trabalho entre as pessoas mais problemáticas de nossa sociedade. Mas pode-se dizer que eles vitimam essas pessoas, tornando-as permanentemente dependentes.

Esses abusadores bem-intencionados têm de ser confrontados. O abuso precisa terminar. Mas não podemos esperar que eles vão ver ou admitir o mal que estão fazendo, pois isso provavelmente não acontecerá. Existe uma curiosa inocência nesses líderes. Eles agem com crueldade sem que haja objetivo consciente em fazer isso. Em princípio, eles não pretendem ferir as pessoas. Ironicamente, o que eles querem fazer é, na aparência, bom — evangelização, compromisso com a missão da igreja, respeito à autoridade, crescimento da igreja, discipulado maduro, contabilidade equilibrada na igreja. Eles não conseguem ver que se tornam abusadores ao perseguir esses bons alvos. Se reconhecem o abuso, geralmente fazem pouco caso. “Afinal”, eles dizem, “eu estou buscando em primeiro lugar o reino de Deus.” Não percebem que estão, na realidade, fechando a porta para ele.

Este paradoxo do abuso eclesial aparece no nível institucional. Uma organização cristã pode professar alvos bíblicos enquanto arruina espiritualmente seus membros. Um compromisso institucional com “atingir a comunidade” ou com o “apoio às missões estrangeiras” pode empobrecer e desumanizar as pessoas, dependendo de como estes compromissos são mantidos. Como uma máquina bem lubrificada, esta instituição trabalha ano após ano. Como seus alvos são corretos, a maioria das pessoas (especialmente suas vítimas) tem dificuldade para criticá-la. Assim, ela continua a assegurar o consentimento de seus membros, mesmo daqueles que ela machuca mais.

Um outro paradoxo ainda é a natureza dual das pessoas abusivas. Um pai pode ser cruel e abusivo em um momento e cheio de bom-humor e gentileza no momento seguinte. Mulheres que apanham de seus maridos costumam me contar quão arrependido e atencioso o marido fica depois disso.

Episódios de gentileza dão falsas esperanças e, com isso, convencem a vítima a permanecer onde está.

Assim como acontece nas famílias e casamentos, também ocorre nas igrejas. Momentos de cuidado e preocupação genuínos por parte do pastor mantêm as vítimas de abuso da igreja na espera. Mesmo os abusadores mais endurecidos de algum modo sabem que as pessoas não irão aceitá-los para sempre, portanto (seja por culpa ou por astúcia) eles aprendem a arte da gentileza circunstancial, ou o que os psicólogos chamam de reforço intermitente.

Assim, ao avaliar a integridade de um líder ou grupo cristão, nós não olhamos primeiro para suas motivações, seus alvos ou seus momentos de gentileza; antes de tudo, temos de olhar para o seu fruto. Se o líder baseia constantemente sua autoridade no cargo que possui e não no serviço que presta, se ele faz de tudo para se exhibir, se ele exige privilégios ou títulos especiais, se ele valoriza minúcias em detrimento das reais necessidades pastorais e se seu comportamento destrói as pessoas ao invés de construí-las, então o tal líder deve ser confrontado e mudar — ou ser abandonado.

Independentemente do que decidimos fazer em resposta ao real abuso espiritual em si, existe uma coisa essencial que nós devemos fazer: precisamos perdoar o abusador. Nisto, também, estamos seguindo o exemplo de Jesus. Porque, apesar das palavras duras dirigidas aos abusadores espirituais de seu tempo, Jesus estava pronto a perdoá-los: “Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas e vós não o quísestes!” (Mt 23.37). Ele perdoou a todos, especialmente os que abusaram dele. Em muitos lugares do Novo Testamento, Jesus insiste em que nós sigamos seu exemplo, perdoadando aqueles que nos fazem o mal. “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt 6.14-15).

O abuso significativo que sofremos na família ou na igreja

pode ser extremamente difícil de perdoar porque o perpetrador é uma pessoa com autoridade, alguém que deveria ter nos protegido. A traição aumenta mais o abuso quando uma pessoa de alta posição viola nossa confiança. A dor profunda e o dano sofrido não se assemelham a nenhum outro. Quando o amado se torna o amado inimigo, nós somos levados ao extremo dos nossos próprios limites, e até além, pela ordem de Cristo para perdoar (Mt 5.43-47). Nestas horas, nós devemos ir a Deus, pedindo-lhe o poder do Espírito Santo para fazer o que ele manda. “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas” (At 1.8). Quando nos negamos a perdoar, o inferno no qual mergulhamos é ainda mais doloroso do que o abuso que sofremos (Mt 18.32-35).

Se a nossa decisão inicial for permanecer num relacionamento abusivo, deveremos fazer qualquer coisa para assegurar o arrependimento do abusador ao mesmo tempo em que lhe oferecermos completo perdão. Precisamos deixar muito claro que se nós vamos desenvolver, com aqueles que nos feriram, qualquer coisa parecida com comunhão cristã, estes devem em algum momento reconhecer seu pecado e arrepender-se dele. Nenhum relacionamento de verdade entre cristãos pode existir sem que haja esta limpeza. Nós podemos perdoar sem o arrependimento deles, e isto irá nos libertar das amarras de uma crescente amargura; mas nunca teremos um relacionamento reconciliado com eles até que se arrependam.

Num instituto bíblico onde ensinei, a esposa de um de meus colegas me pediu ajuda com relação a seu marido. Ela disse que ele, ocasionalmente, a violava física e sexualmente, e me perguntou se deveria deixá-lo. Eu disse que nós deveríamos primeiro fazer todo esforço para fazer com que ele mudasse. “Se ele se recusar”, eu lhe disse, “você tem meu apoio para deixá-lo.”

Ela explicou que tinha feito o possível para fazer com que ele mudasse, confrontando-o repetidamente com seu pecado e expressando com a maior clareza como isso a feria. Eu perguntei: “Como ele reage a isso?”

Ela respondeu: “Ele encolhe os ombros e diz: ‘Se você fosse uma cristã de verdade, você iria simplesmente me perdoar.’”

“E você, o que diz?”, eu indaguei, ao que ela respondeu: “Eu digo: ‘Sim, claro, eu quero perdoar você e vou perdoá-lo; mas antes nós temos que falar sobre isso. Você tem que ver o que está fazendo comigo, e parar.’”

Se nós permanecemos em uma situação na qual estamos sendo abusados, temos de falar sobre ela com o perpetrador. Mais cedo ou mais tarde, nós precisamos chegar a um acordo. Se ocorrer mudança, houve arrependimento. Se não, talvez tenhamos razão suficiente para partir.

Vamos agora analisar com mais atenção quem é fisgado pelo abuso, e por quê; o que leva um líder a cair nos padrões do comportamento abusivo e o que faz com que os seguidores aceitem isso.

*Quando o senso de valor próprio de uma pessoa
se torna cego, ele se deflete em direção ao poder
para buscar realização . . .*

*Essa pessoa irá buscar o poder sobre outros a fim
de elevar sua própria auto-estima.*

Viktor Frankl

*Fé tóxica é um relacionamento perigoso e
destrutivo com uma religião que permite que a
religião, não o relacionamento com Deus,
controle a vida da pessoa.*

Stephen Arterburn e Jack Felton

*Sabeis que os governadores dos povos os dominam
e que os maiores exercem autoridade sobre eles.*

Não é assim entre vós.

Jesus Cristo

7

QUEM É FISGADO, E POR QUÊ

Na sociedade ocidental moderna, em que ninguém é legalmente ou socialmente compelido a ir à igreja, os abusadores espirituais precisam da “cooperação voluntária” de suas vítimas. Neste capítulo, nós iremos considerar por que algumas pessoas se submetem voluntariamente ao abuso espiritual. Ao mesmo tempo, queremos perceber melhor o porquê de outros se tornarem seus abusadores.

Este é, com certeza, um assunto extenso; para esgotá-lo, seria necessário um volume inteiro. Numa tentativa de estabelecer limites em torno do tópico, eu resolvi escrever principalmente sobre as minhas próprias experiências e observações. Isto me ajuda a limitar a discussão, mas levanta outros problemas. Alguns leitores, a partir de suas próprias experiências e profundas convicções, hão de se indagar por que eu dei atenção a uma questão e ignorei outra. Outros poderão pensar que eu ignorei completamente justo aquilo que era mais importante; e ainda outros acharão que eu tratei com leviandade assuntos que na verdade eu nem pretendia tratar. Assim, deixe-me reiterar: o que se segue não pretende ser uma abordagem completa do assunto. As convicções que eu expresso são baseadas em minha observação e experiência pessoal do ponto de vista pastoral.

Que tipo de gente se deixa atrair por um líder abusivo? Na minha experiência, as vítimas geralmente têm uma tendência involuntária para um relacionamento assim. Ou seja, alguma coisa na formação dessas pessoas as predispõe a se submeterem a uma liderança de estilo controlador e manipulador.

A História de Karen

A história de uma jovem mãe solteira que frequentou nossa igreja por pouco tempo é uma ilustração impressionante de como algumas pessoas são preparadas para se submeter a pessoas autoritárias. Karen nos procurou com um monte de necessidades emocionais e financeiras. Nós a atendemos colocando-a em um grupo caseiro que lhe deu bastante apoio; pagamos a maior parte das suas dívidas mais urgentes e consertamos seu carro. Embora ela se mostrasse agradecida, ficou evidente que gentileza era algo estranho para ela; nosso amor e aceitação a deixavam meio constrangida.

Minha pregação, que geralmente enfatiza o fato de Cristo nos aceitar pela graça, também era um problema para Karen. Ela disse ao líder do seu grupo de estudos nos lares que meus sermões eram “desequilibrados” e não representavam o “pleno conselho de Deus”. No domingo seguinte, após o culto, ela me parou à porta e, tremendo de raiva, exigiu que eu lhe dissesse por que eu “tratava o pecado com tanta brandura”. Ela queria saber quando eu iria finalmente pregar sobre “santidade, compromisso e morte para o eu”.

Eu respondi com alguma coisa como: “Bem, eu acho que não dá para dizer tudo em um sermão...” Diante disso, ela se virou e saiu, e não voltou mais.

Na época em que isto aconteceu, ela estava recebendo aconselhamento de um amigo meu. Após pedir (e receber) sua permissão para me informar sobre o passado dela, ele me contou sua história.

Karen cresceu no que nós chamaríamos de um lar disfuncional e abusivo. Seu pai era um alcoólatra e sua mãe, uma perfeccionista tirânica. A mãe de Karen fazia-lhe exi-

gências que não eram cabíveis e então a castigava por não tê-las satisfeito. Ela queria que Karen tivesse “valores religiosos”, por isso mandou-a para uma igreja da localidade que era famosa por seu ensino moralista. Foi nessa igreja que Karen aprendeu alguma coisa que a predis pôs ao abuso espiritual no futuro. Seu pastor e seus professores de escola dominical a convenceram de que se ela se esforçasse o máximo para cultivar as “virtudes cristãs”, Deus a abençoaria. Karen, desesperada pela aceitação de Deus e pela aprovação da igreja, realmente passou a dar tudo de si. Seu desempenho era particularmente excepcional na escola dominical e, na lista de sua classe, seu nome ostentava muitas estrelas.

Apesar de seus esforços honestos e escrupulosos, a vida de Karen não melhorou; pelo contrário, só piorava. O alcoolismo de seu pai foi se tornando ainda mais intolerável e a dureza de sua mãe se deteriorou em crueldade sádica. Era óbvio que o desempenho religioso de Karen não produzira a bênção prometida. Ao invés de concluir que havia algo errado com a fórmula “obras = bênçãos”, ou que seus líderes religiosos estavam errados, Karen concluiu que o erro era dela — ela ainda não tinha feito o suficiente. Ao invés de desistir, ela fez um voto de fazer ainda mais e tentar com mais empenho ainda. De algum modo, ela se agarrou à falsa esperança de que se ela fosse boa o suficiente, Deus um dia iria sorrir para ela.

Se lhe tivessem ensinado o evangelho da graça gratuita de Deus e que ela era aceita por Deus simplesmente porque Jesus a tornara aceitável, Karen poderia ter sido poupada de um bocado de dor e teria conseguido escapar das garras do abuso espiritual, mais tarde. Mas essa combinação entre a sua insegurança e o conceito de Deus como um furioso perfeccionista foi levando-a de uma igreja autoritária para outra, à procura de uma maneira de fazer o suficiente para ganhar a aprovação de Deus.

A educação religiosa fundamentalista de Karen deu a ela uma consciência moral. Essa convicção íntima do certo e do errado conflitava fortemente com o pecado no qual ela caiu no início de sua adolescência. A necessidade de afeto

e aceitação de Karen, que seu lar e a sua igreja não tinham preenchido, foi parcialmente satisfeita através de relações sexuais. Na luta entre as necessidades humanas e a consciência religiosa, venceu a necessidade humana (como acontece com frequência).

Cada vez que o seu vazio emocional era preenchido através de um encontro sexual, ela se sentia ainda mais solitária, mais envergonhada e mais fracassada por haver pecado. Ela acreditava que Deus tinha bons motivos para não abençoá-la. Ao invés de desistir, ela era estimulada pela sua consciência culpada a buscar um desempenho religioso ainda maior. Karen se tornou uma contradição viva — como disse o meu amigo conselheiro, “uma guerra civil ambulante”. Ela estava habituada à atividade religiosa e ao pecado sexual ao mesmo tempo. O vazio da religião a levava à afirmação no sexo, que por sua vez levava-a de volta à religião a fim de expiar seu pecado. Ao longo dos anos, eu tenho falado com muitos cristãos (a maioria, pastores) que têm sido pegos nesse círculo vicioso.

Karen ficou grávida aos dezesseis anos e se casou com o pai do bebê, que tinha dezoito. Com o tempo, ele se tornou o mesmo tipo de alcoólatra abusivo que o pai dela havia sido. Quando seu vício se tornou perigoso, Karen pegou os dois filhos e se mudou do meio-oeste para o sul da Califórnia. Foi nessa época que ela se envolveu com nossa igreja.

Depois de sua breve estada conosco, Karen começou a frequentar uma igreja de nossa área que era conhecida pelo seu legalismo e estilo autoritário de liderança. A essa altura, Karen se sentia forte o suficiente para tentar mais uma vez viver a vida santa que, segundo ela pensava, finalmente faria com que ela estivesse bem diante de Deus. A lista de “faça isso, não faça aquilo” da igreja e a tendência desta para controlar sua vida deram a ela um caminho a seguir.

A Motivação pela Vergonha

Existem muitos como Karen, que foram convencidos cedo em suas vidas de que Deus é um déspota perfeccionista.

Geralmente uma falta de aceitação em casa e na igreja os compele ao desempenho religioso, justamente aquilo que os líderes e igrejas abusivos vivem exigindo. Se essas pessoas nunca são tocadas pelo evangelho da graça radical, permanecem a vida inteira suscetíveis à manipulação religiosa.

Algumas vezes a motivação ao desempenho religioso baseado na vergonha é intensificada por um pecado específico, seja real ou imaginário. Um conhecido meu cresceu ouvindo seus pais e sua igreja dizerem que o destino dele era o ministério pastoral ou o campo missionário. Quando ele se formou na universidade, foi para o mundo dos negócios. Apesar de muito bem-sucedido, ele vivia assaltado pelo medo de não ter dado lugar à “vontade de Deus” em sua vida. A culpa e a vergonha resultantes disso levaram-no a procurar compensar doando à igreja todo o dinheiro que ela pedisse e participando de todo comitê para o qual o convidassem. Seu desempenho religioso compulsivo transcendeu toda noção realística de serviço cristão. Sua necessidade de expiar um pecado imaginário ajustava-se perfeitamente às exigências autoritárias de sua igreja. Foi assim que ele foi fisgado pelo abuso espiritual.

Conheço um ministro cristão de alto nível que se masturba compulsivamente. Ninguém em sua igreja ou denominação sabe disto. Tudo que eles vêem é um homem que não consegue dizer não a ninguém. Acossado pela vergonha, ele se esforça em vão para apaziguar sua consciência colocando-se dia e noite à disposição de sua igreja e dos líderes da denominação.

Aqueles que foram criados acreditando que Deus é um tirano perfeccionista serão vulneráveis a líderes que exigem desempenho religioso para satisfazê-los. Outros que sofrem de culpa crônica e procuram suavizar essa culpa através de obras religiosas são vítimas potenciais de líderes que irão manipulá-los e controlá-los.

O Abusador Inseguro

Eu tenho observado dois tipos clássicos de abusadores espirituais. O tipo mais comum é o líder que se sente insignifican-

te e busca significância através do domínio de outros. Sua vida está infestada de dúvidas e medos interiores. Uma probabilidade é que essa pessoa tenha sido pessoalmente ferida por abuso espiritual no passado e se apegue ao poder como uma forma de autodefesa. Pode não haver desejo consciente de ferir; as injúrias aos outros são subprodutos da busca dessa pessoa de “se tornar alguém” enquanto se protege.

Os pastores que buscam o poder na tentativa de compensar um senso de fraqueza interior geralmente tratam como capacho aqueles que se encontram sob a autoridade deles. Líderes que, lá no íntimo, se julgam desqualificados geralmente tratam os outros com mais severidade do que aqueles que são mais seguros de si. Alguns não têm um senso saudável de independência; suas táticas abusivas podem ter origem num simples cutucão do cônjuge, de algum amigo ou dos líderes de sua denominação.

Liderar uma igreja atrai essas pessoas carentes por causa da autoridade que lhes é conferida sem o mínimo de crítica. O cargo de líder cristão carrega consigo a autoridade de “homem ou mulher de Deus”. O prestígio dos ministros cristãos declinou drasticamente na cultura ocidental, mas ainda é significativo em muitos círculos. Em nenhuma outra ocupação (exceto a militar) a pessoa pode se mudar para uma cidade e imediatamente ter influência sobre um grande número de pessoas. O púlpito permite aos pregadores desfrutar de uma atenção exclusiva semana após semana, sem interrupção ou desafio. O poder do pastor vai além da autoridade derivada do púlpito: ele tem poder sobre os outros através de seu papel de conselheiro espiritual, administrador e presidente. Além disso, ele controla significativas somas em dinheiro. Não é de admirar que muitos pastores se tornem autocratas eclesiásticos.

Quando esse poderoso indivíduo é também muito inseguro, tem medo de falhar e pouco controle de seus impulsos, pode se revelar perigoso. O irônico — e, no entanto, largamente reconhecido entre conselheiros — é que os abusadores com freqüência compartilham as mesmas histórias problemáticas daqueles que são por eles abusados.

Alguém como Karen pode reagir às experiências debilitadoras de sua infância gravitando em torno de pessoas que perpetuem suas próprias experiências de abuso. Outros, com passado similar ao dela, podem reagir protegendo-se contra futuros abusos e assumindo o papel de controladores. Uma vez que o relacionamento abusivo é tudo que eles conhecem, eles continuam nesse tipo de relacionamento, só que exercendo um papel diferente.

Um amigo meu é diretor de um grande grupo de aconselhamento cristão. Sua equipe de mais de trinta conselheiros vê centenas de clientes de muitas igrejas a cada ano. Ele me conta que é fácil para seu grupo detectar que igrejas na área estão manipulando espiritualmente as pessoas. Uma vez por semana toda a equipe se reúne para fazer relatórios das sessões dos pacientes da semana anterior. Muitos deles relatam, com bastante frequência, ter encontrado diferentes pacientes das mesmas igrejas, e todos com os mesmos problemas. Eles têm visto ao longo dos anos que as igrejas mais legalistas, autoritárias e controladoras produzem a maior parte dos casos com que trabalham. E comprovam que as pessoas problemáticas geralmente gravitam em torno de igrejas que exacerbam seus problemas emocionais.

Meu amigo contou-me também que os pastores dessas igrejas abusivas costumam procurá-lo em busca de ajuda. Ele está impressionado pelo fato de que os perpetradores de abuso usualmente lutam com os mesmos conflitos interiores que afligem aqueles a quem eles ferem. Como diz o clichê: "Pessoas feridas ferem pessoas". Pessoas feridas em posição de poder frequentemente fazem mau uso desse poder, usando-o para controlar e manipular aqueles que elas sentem como ameaça. Agem assim para criar um senso de ordem e segurança pessoal.

Eu lembro que há muitos anos eu me vi tentado a cair nesse mesmo padrão. Na época, eu era pastor de uma grande igreja. A congregação estava bem estabelecida e era, por tradição, controlada por um conselho de presbíteros e diáconos. O conselho e eu divergíamos em muitas questões,

assuntos de ministério e políticas que eram importantes para mim. Eu sentia que eles estavam frustrando minhas tentativas de liderar a igreja. (Novamente, é claro que o abuso espiritual nem sempre vem do pastor. Ele pode vir de qualquer um que tenha poder no grupo.) Eu não classificaria a manipulação deles sobre mim ou o seu domínio sobre a igreja como extremamente abusivo, mas certamente era opressivo.

Depois de uma reunião particularmente tumultuada, eu fiz um voto de nunca mais me colocar sob o controle de homens como aqueles. Tivesse eu sido mais ferido ou se tivesse me faltado força, eu poderia ter deixado aquela posição e encontrado um grupo onde eu pudesse funcionar mais como um ditador. Felizmente, na igreja seguinte eu tinha bem mais liberdade e líderes com quem eu compartilhava a mesma filosofia de ministério. Aquele voto íntimo nunca foi colocado em ação.

Cura para o Abusador

Um amigo que era abusador espiritual, hoje arrependido, me contou como foi que chegou a esse ponto. Sua infância, conforme ele descreveu, foi “religiosa, mas nula de aceitação ou aprovação”. Quando ele saiu de casa, procurou um lugar onde pudesse se sentir valorizado; também queria um trabalho onde as pessoas precisassem dele. Acabou caindo no ministério profissional cristão (aliás, uma história muito comum). Ele me contou como em sua primeira igreja ele rapidamente reuniu à sua volta aqueles membros que satisfaziam suas necessidades, aqueles que o apoiavam sem críticas. “Com o tempo”, disse, “eu estabeleci um sistema de classes, com meus apoiadores no topo e aqueles que se colocavam como uma ameaça para minha liderança na base. Este sistema me ajudou a alimentar a ilusão de que eu estava fazendo as coisas certas.”

Meu amigo me contou a dor e a destruição que ele infligiu naqueles que estavam na base e como ele treinou os que se encontravam no topo para que seguissem seu estilo abusivo. Então, ao adquirir um entendimento mais profundo da graça

e da misericórdia de Deus, ele finalmente foi liberto de sua compulsão para controlar os outros. Agora se arrependeu publicamente e está procurando desfazer o dano.

O evangelho, em toda a sua verdade e poder, é a única cura para o abusador, como o é também para as “karens” deste mundo. Até encontrarem o verdadeiro evangelho, eles continuarão procurando e achando um ao outro. A pessoa habituada a receber abuso precisa do abusador, tanto quanto o abusador ou abusadora precisa das suas vítimas. O abusador precisa de alguém para dominar; a vítima necessita de alguém que a domine. As vítimas consideram-se merecedoras de tratamento abusivo; os abusadores se acham no direito de proporcionar o mau-tratamento que as vítimas pensam que lhes é devido. Quando o abusador e a vítima encontram um ao outro, eles criam uma simbiose doentia correntemente chamada de *co-dependência*.

O abusador encontra conforto em ser Deus para alguém. A vítima se sente segura em ser engolida pela necessidade de uma outra pessoa. Pode ser que nenhum deles queira conscientemente a dor que resulta disso tudo. A dor é simplesmente o preço que deve ser pago. O pagamento, contudo, deixa cada participante mais e mais em débito. Só declarando a total e permanente falência e dependendo completamente da misericórdia e graça de Deus podem eles achar vida, dignidade e uma saída. Somente morrendo para o aparente conforto e segurança encontrados em relacionamentos abusivos e co-dependentes os participantes podem encontrar verdadeira liberdade e o tipo certo de independência. Veremos mais sobre isto no próximo capítulo.

O Abusador Narcisista

O segundo tipo clássico de abusador é o narcisista heróico, grandioso ou messiânico que é obcecado por um desejo de se tornar grande ou de fazer algo sem precedentes para Deus. A realização dessa fantasia requer a cooperação de outros e acesso ao dinheiro deles. Assim como o líder anterior, este pode não desejar conscientemente ferir alguém;

mas outros *são* feridos na medida em que são usados para os “sublimes propósitos” do líder e de Deus.

Às vezes, a primeira e a segunda categoria de líder se combinam em uma pessoa. Os exemplos mais óbvios são os líderes das seitas maiores. Na esfera política, um ego defeituoso combinado com complexo messiânico e acesso a um grande poder produz um Hitler, um Mussolini ou um Stalin.

Assim como o primeiro tipo de líder abusivo, os abusadores narcisistas são muito complicados. São, de certa forma, ainda mais perigosos do que os abusadores inseguros, porque aparentam ser tão virtuosos, tão comprometidos, tão talentosos e dedicados a Deus... O que eles aspiram é mais do que apenas um lugar seguro para si: eles querem ser glorificados.

O potencial para o narcisismo adulto tem raízes na infância. A maioria dos menininhos (e, conforme me disseram, algumas meninas) passa por um estágio narcisista no qual eles se imaginam realizando feitos heróicos por aqueles que estão à sua volta. Eu mesmo sei que fiz isto. Eu me lembro vividamente de realizar na minha mente de seis anos de idade um resgate dramático de minha família e minha professora de primeiro grau, a senhorita Trimble, salvando-os de um prédio em chamas. Os meus modelos eram Tarzan e Super-Homem. Este é um estágio em que o tempo e a realidade amadurecem na mente da maioria das pessoas.

O líder heróico, porém, nunca abandonou essas fantasias da infância. A alma de um verdadeiro narcisista insiste em resistir ao processo de maturação. Os narcisistas adultos se apegam ao sonho de um dia fazer alguma coisa realmente excepcional e sem precedentes para fãs que os adoram e para Deus. Eles fantasiam sobre escrever um best-seller que mudará o curso da história da igreja, sobre evangelizar a nação, sobre estabelecer a única igreja verdadeira, sobre aliviar a fome do mundo, ou sobre se tornar um comandante do exército de Deus no final dos tempos. Eles têm um grandioso senso de auto-importância. Achrom que têm todo direito ao sucesso ilimitado. Acreditam que merecem a adulação humana e o favor divino.

Os líderes narcisistas tendem a desvalorizar os outros a fim de poderem manter sua opinião exagerada quanto à sua própria importância. Eles são capazes de se frustrar ou irritar com a dor dos outros, caso esta interfira na realização de seus próprios desejos. Líderes narcisistas não são apenas artistas trapaceiros. Eles realmente acreditam que têm o direito à grandeza pública e que as necessidades dos outros à sua volta não têm a mínima importância.

Eles são potencialmente perigosos porque precisam de seguidores para aplaudirem a sua visão e virtudes e para justificar suas ações. O que mais os assusta na vida é o medo de serem alguém sem importância, sem nome e sem visibilidade.

A plataforma mais acessível para este tipo de líder, infelizmente, é o púlpito. Sua primeira apresentação atrás de um púlpito pode ser a primeira vez que ele experimente a atenção e o poder pelos quais anseia. Se ele for realmente talentoso e quiser trabalhar duro, ele verá a possibilidade de realizar esse sonho. Quando parte desse sonho se realiza e o líder messiânico finalmente prova o poder pelo qual anseia, ele passa a querer mais e mais. Isto se torna um tipo de vício.

Para adquirir o apoio público de que precisam, esses líderes freqüentemente fazem afirmações extraordinárias sobre si mesmos ou providenciam para que outros as façam em seu benefício. Tais afirmações podem incluir uma unção especial, um sacrifício pessoal incomum, encontros sem precedentes com Deus, treinamento incomparável, um ensino ou um dom de liderança singular, uma revelação da verdade que não está disponível para outros, ou conhecimentos secretos do plano de Deus para o final dos tempos. Estas e outras afirmações significam que Deus tem um chamado especial para este líder, e portanto, é o dever das pessoas “não-especiais” admirá-lo e segui-lo, o que elas freqüentemente fazem em bandos.

As declarações messiânicas de grandeza geralmente são descaradas e diretas, mas às vezes são mais sutis. Recentemente eu ouvi por acaso um líder do tipo messiânico

pregar sobre Hebreus 13.17: “Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas como quem deve prestar contas.” A essência de sua mensagem era que a igreja deveria obedecer e submeter-se a ele; de outra forma, ele teria que prestar contas. Se eles não lhe obedecessem e não se submetessem, explicou, o julgamento de Deus cairia sobre ele, o pastor, e seria mandado para o inferno. Eu não só fiquei surpreso com a sua exegese terrível e sua exagerada opinião sobre si mesmo, mas também passo pelo fato de sua congregação ter aceito isso! Eles saíram comentando uns com os outros que a partir daquela hora eles realmente deveriam tentar se tornar mais obedientes e submissos.

Uma vez estabelecidas as declarações do líder, de que ele é “importante” e “especial”, fica muito difícil para os “meros seguidores” o desafiarem. Com o tempo, esse líder não tem por que prestar contas a ninguém. Isto lhe possibilita agir como quiser e exercer controle sobre os seus seguidores.

Mas não é sempre fácil manter o controle. As pessoas têm necessidades próprias e, cedo ou tarde, vão senti-las e querer satisfazê-las. O líder messiânico tenta evitar que elas reconheçam ou expressem suas necessidades prometendo algo melhor no futuro. Com a finalidade de convencê-las a não viverem de forma honesta hoje, ele lhes promete: “O avivamento está chegando”, ou “O grande mover de Deus vem logo aí”. Manter os seus seguidores alienados do hoje possibilita que ele continue operando em seu próprio interesse.

Outra tática para manter as pessoas alienadas do presente é fomentar a confusão, entremeada de crises. Uma forma é estabelecer políticas ou iniciar programas que não pareçam seguir nenhum padrão coerente. Ou anunciar profecias que conflitam com as pronunciadas na semana anterior, mas sem dar nenhuma explicação. O tumulto resultante evita que as pessoas descubram o que está de fato acontecendo. Isso serve para encobrir o fato de que quase nenhuma atividade produtiva pode estar ocorrendo e que o pouco que é realizado requer um esforço excessivo.

Como ninguém (exceto os que estão no topo) sabe o que está acontecendo, a fofoca é implacável.

A crise é necessária para turvar mais as águas. Inimigos — demoníacos, políticos ou eclesiásticos — são inventados para promover uma mentalidade de assédio do tipo “nós contra eles”. O líder freqüentemente age como se seu grupo estivesse em guerra contra o mundo. Isso mantém os seguidores olhando para fora, de forma que não irão ter energia ou vontade de examinar suas próprias emoções dolorosas e relacionamentos rompidos.

Um meio bem eficaz de controle para um líder messiânico é convencer seus seguidores de que eles estão em uma missão extraordinária junto com ele. Se um líder consegue convencer seus seguidores de que ele é o único instrumento de Deus, isto os torna únicos por o estarem apoiando. Este grupo pode dizer ou deixar implícito que “Nós somos um movimento especial de Deus”, “Nós somos o único grupo que proclama a verdade”, “Nós somos o remanescente fiel”, “Nós somos a espada afiada de Deus para esta geração”, ou “Nós estamos treinando para o exército de Deus do final dos tempos”.

Uma vez que esta atitude esteja enraizada no grupo, a combinação entre orgulho e medo mantém os seguidores em formação. Todo mundo quer se sentir especial, e alguns são fisgados por se sentirem parte de uma elite. Outros temem partir para não fugirem à vontade de Deus e serem acusados de desertar de seu chamado especial. Isto nos leva à questão de quem é fisgado pelos líderes messiânicos e quem se oferece voluntariamente para o abuso que eles infligem.

Os Seguidores do Narcisista

A maioria de nós precisa de heróis. Nós queremos alguém que entenda e saiba lidar com um mundo que está obviamente fora de controle. Queremos um pai ou um irmão mais velho em quem descansar — alguém para endossar nossas vidas. E, quando achamos que o encontramos, nós lhe conferimos um grande poder e liberdade de ação. Provavelmente vamos fazer vista grossa para seus erros, racionalizar suas

inconsistências e desculpar os pecados que cometer contra nós. Podemos agir como se fosse um privilégio ser usado e abusado em prol de sua nobre causa. Preferimos ser vítimas conformadas do que ficar na nossa e não fazer parte de algo importante. O sacrifício de nossa individualidade é um pequeno preço a pagar para ser parte de um “grupo especial”.

Os jovens e idealistas são especialmente vulneráveis aos messias. Eles viveram tempo suficiente para saber que o mundo, incluindo suas próprias vidas, não está bem, mas não o suficiente para perceber que qualquer solução é complexa. Os messias auto-designados dão respostas fáceis e claras aos problemas.

Jovens conscientes de suas fraquezas tendem a gravitar em volta de líderes que parecem possuir sabedoria e força. Talvez por se sentirem impotentes contra a tentação e o pecado, querem alguém que tome decisões e estabeleça limites para eles. Eles querem a igreja do Novo Testamento, onde as coisas são feitas como devem. Os imaturos querem alguém que seja maduro e firme com eles.

Os jovens são atraídos por uma causa. Para eles, pode até parecer nobre o submeter-se a exigências religiosas extremas a fim de “fazer diferença”. A idéia de ser um dos escolhidos de Deus é intoxicante. Mas parte dessa atração pode ser fuga. Submeter-se a uma causa, assim como tomar drogas ou álcool, é uma fuga do crescimento e do estabelecimento de uma identidade pessoal.

A falta de sofisticação é também um perigo para os jovens e inexperientes. Eles não tiveram muita experiência com as pessoas em geral e com líderes em particular para poder julgá-los bem. Se um líder afirma conhecer as respostas e é cheio de confiança, o jovem pode acreditar nele. Se um líder messiânico se apossa da “cadeira de Moisés”, por que não deixar?

Como já vimos antes, o líder messiânico promete alguma coisa no futuro para subverter a vida honesta de agora. Só que algumas das necessidades de seus seguidores podem acabar se tornando tão agudas que eles sejam forçados a mudar de idéia. Mas se eles superam o orgulho de fazer

parte de uma elite espiritual e se levantam acima do medo de não estar fazendo a vontade de Deus, ainda assim podem ser mantidos na linha por uma outra força. Eles podem raciocinar: “Eu já investi demais neste líder e neste grupo não posso abandonar meu investimento. Pode ser que com o tempo ele se pague, e então ele terá sido válido.”

Continuar a investir em um perdedor é um fenômeno comum. Um investidor que é fisgado pelas ações de uma certa empresa pode continuar a apostar nelas, mesmo que ela esteja arruinada. Quem já gastou muito dinheiro em um carro usado é capaz de continuar a pagar consertos que custam mais do que o carro vale. Uma mulher ou criança pode se agarrar a um relacionamento com um alcoólatra ou viciado em drogas na esperança de que um dia ele vá se libertar disso. Da mesma maneira, muitas pessoas continuam a apoiar um líder que as fere; esperam contra toda esperança que ele finalmente vá cumprir o que prometeu.

A menos que haja conversão e arrependimento, estes líderes nunca cumprem suas promessas. O único messias que sempre cumpriu o que prometeu é Jesus Cristo. Todos os outros só trazem desapontamento.

*Muitos obreiros cristãos parecem confundir
sentimento de culpa com convicção divina.*

*Se algo pode nos fazer sentir culpados
ou suficientemente mal com relação a nós mesmos,
raciocinam, então o Espírito Santo fez
(ou está fazendo) sua obra.*

Bruce Narramore

*A Reforma foi uma época em que os homens
ficaram totalmente embriagados, porque haviam
descoberto, no porão empoeirado do final do
medievalismo, uma adega repleta de graça,
envelhecida 1500 anos — garrafas e mais garra-
fas de puro destilado de Escritura, do qual um
pequeno gole convenceria qualquer pessoa de
que Deus nos salva unilateralmente.*

*A palavra do evangelho — depois de todos aqueles
séculos de tentativas de subir aos céus por meio
da preocupação com a perfeição de seus próprios
esforços — subitamente se tornou em um simples
anúncio de que os salvos foram libertos
antes mesmo de terem começado.*

*A graça era para ser bebida pura:
sem água, sem gelo e definitivamente sem soda.*

Robert Farrar Capon

*Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente
sereis livres.*

Jesus Cristo

*Agora, pois, já nenhuma condenação
há para os que estão em Cristo Jesus.*

O Apóstolo Paulo

8

CURADOS PELA GRAÇA

*H*á pouco tempo eu passei três horas falando sobre abuso espiritual em um programa de rádio em que eu respondia perguntas feitas por telefone pelos ouvintes. Durante o programa, esbocei o material que você leu nos primeiros sete capítulos deste livro. As chamadas que recebi “no ar” confirmaram dramaticamente a necessidade deste estudo: todas elas partiam de “sobreviventes” de abuso na igreja. A maioria queria saber como superar a culpa e a vergonha que os predispunham ao abuso e como ser curado da culpa e da vergonha adicionais que o abuso infligiu.

Eu respondia tentando aplicar algum aspecto da graça de Deus a cada necessidade específica apresentada pelas pessoas que me telefonavam. A cada uma eu afirmava: “A única cura para o abusador, bem como para o abusado, é uma boa dose da misericórdia e da graça de Deus.”

Após duas horas e cinquenta e cinco minutos, diante da necessidade de encerrar a entrevista, o apresentador do programa disse: “Então, Ken, o que você está dizendo, em poucas palavras, é que se nós soubermos, com certeza, que estamos realmente bem com Deus e com as outras pessoas porque Jesus nos dá esta condição, então ninguém poderá nos controlar e manipular novamente. E se o abusador

perceber que ele também é completamente amado e aceito por Deus, ele nunca mais precisará controlar pessoa alguma novamente.” A conclusão dele foi muito acertada.

Movidos pela Vergonha

Como vimos, os abusadores e suas vítimas são muitas vezes levados a desempenhar esse papel pela insegurança que sentem e pela dor relacionada a ela. Eles descrevem esta dor interior de diversas formas. Alguns se sentem acusados por um senso de imperfeição pessoal; outros dizem que se sentem corroídos pelo medo de serem punidos por algum tipo de fracasso. O termo que talvez descreva melhor esses estados internos é *vergonha*.

Existe uma importante distinção entre *culpa* e *vergonha*, apesar de alguns usarem estas palavras indistintamente. Culpa é a punição emocional por mau comportamento; ela corresponde a algo errado que fizemos. A vergonha, por outro lado, nos acusa por sermos quem somos; tem a ver com o nosso ser. Uma aguda sensação de culpa nos leva a odiar o que nós fizemos. Esta dor pode levar-nos a arrependêr-nos e a tentarmos fazer alguma restituição. Uma forte sensação de vergonha, por sua vez, nos leva a odiarmos quem nós somos.

As pessoas reagem à insegurança, ao ódio de si mesmas e à vergonha de diversas formas. Karen, que eu descrevi no capítulo anterior, se submeteu ao abuso por parte de pessoas e instituições porque sentimentos de vergonha a faziam sentir que ela merecia o abuso. A vergonha clama por punição, que é exatamente o que os líderes abusivos oferecem.

Líderes abusivos podem se sentir profundamente envergonhados, mas, ao invés de procurarem uma pessoa punitiva para se submeterem a ela, procuram pessoas para dominar. Aqui e ali eu encontro líderes que se sentem pessoalmente falhos e inadequados e que se colocam acima das demais pessoas com a finalidade de obter alívio para sentimentos doentios relacionados a eles mesmos. Obtendo uma posição de superioridade sobre os outros, acalmam

temporariamente sua insegurança. No entanto, logo precisam de outro alívio, e assim continuam procurando maneiras de exercer poder sobre os outros. O uso ilegítimo do poder é como beber água salgada: quanto mais se bebe, mais sedento fica.¹

Em muitos relacionamentos abusivos, portanto, o denominador comum entre a vítima e o abusador é a vergonha. A vergonha busca um tratamento abusivo em um e dispara um comportamento abusivo no outro. Se a solução para o ódio a si mesmo e a vergonha pudesse ser encontrada, isto seria um longo caminho andado em direção à cura, tanto do abusado como do abusador.

Vergonha e Lei

O que é que causa esta vergonha profunda e disseminada em tantos de nós? O que é que cria em nosso íntimo o sentimento de que somos falhos, de que não temos valor?

Conselheiros, teólogos e sociólogos dão várias respostas a estas questões. A resposta que eu apresento aqui é a que eu acredito ser dada por Paulo. Na compreensão deste apóstolo, a culpa que nós temos e a vergonha que nós sentimos estão relacionadas ao sentido que nós damos à lei. O uso que Paulo dá à palavra “lei” (*nomos*) é complicado e muito discutido. Para nossos limitados propósitos aqui, eu sigo as convicções da maioria dos estudiosos do Novo Testamento, de que Paulo vê a lei em pelo menos dois sentidos distintos e opostos — um positivo e o outro negativo. C. F. D. Moule diz: “É claro que o termo ‘lei’ é usado por Paulo em dois sentidos muito distintos — respectivamente, o ‘revelatório’ e o ‘legalista’.”²

Paulo, às vezes, apresenta a lei como algo bom e útil que revela a vontade de Deus para as nossas vidas. A santa lei de Deus, resumida e simbolizada pelos Dez Mandamentos, nos mostra como devemos nos relacionar com Deus e com os outros. Neste sentido, a lei de Deus é um dom de sua graça dado a nós enquanto tentamos viver em um mundo caído. Assim sendo, Paulo diz a Timóteo que “a lei é boa se alguém

dela se utiliza de modo legítimo" (1 Tm 1.8). A lei pode ter uma função corretiva na qual ela nos prepara para a fé em Cristo (Gl 3.19-25). Paulo acreditava também que a lei era necessária para controlar a sociedade como um todo (1 Tm 1.9). Neste sentido positivo, "a lei é santa, e o mandamento, santo e justo e bom"; portanto "sabemos que a lei é espiritual" (Rm 7.12, 14).

Mas Paulo fala muito mais da lei em termos negativos, especialmente quando ele descreve como nós somos justificados diante de Deus e encontramos libertação da culpa e da vergonha. Antes da sua conversão a Cristo, Paulo pensava que ele tinha obtido a justificação e libertação da culpa e da vergonha por guardar a lei. Seu encontro com o Cristo ressuscitado trouxe consigo a deslumbrante descoberta de que sua aceitação diante de Deus nada tinha a ver com seus esforços pessoais. Sua real justificação e libertação da culpa e da vergonha vieram como um dom da graça de Deus. Ele chegou a ver que tudo o que fizera para guardar a lei era lixo, de forma que pudesse ganhar a Cristo "não tendo justiça própria, que procede da lei" (Fp 3.9).

A vinda de Cristo deu fim à validade de todo o ensinamento recebido por Paulo sobre o papel da lei quanto à sua justificação diante de Deus. Ao invés de alcançar justificação por intermédio da lei, ele percebeu que viver debaixo desta significava viver amaldiçoado. "Todos quantos, pois, são das obras da lei, estão debaixo de maldição" (Gl 3.10). Paulo viu que ninguém jamais poderia cumprir completamente 613 ordens e proibições; portanto, a lei transformava a todos em pecadores.

Paulo e outros como ele, que ignoram a lei como um modo de ser aceito por Deus, são, mais cedo ou mais tarde, acusados de "antinomismo" — isto é, ser tolerante para com o pecado. A verdade é exatamente o oposto. Paulo levava o pecado muito a sério para pensar que este poderia ser tratado por meio do esforço humano, por mais heróico que fosse. Em Romanos 5.6-10 nós somos descritos como "fracos", "ímpios", "pecadores" e "inimigos". O pecado nos torna totalmente incapazes de agradar a Deus através dos

nossos próprios esforços. A lei por si só nunca pode salvar, somente pode condenar.

Paulo refere-se ao “fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.8-9). E, como veremos a seguir, quanto mais devemos nós ser salvos por ele da ira de uma consciência culpada e de uma vergonha profundamente arraigada.

Não importa por quanto tempo nem com quanto esforço nós tentemos ser corretos e fazer tudo certinho — nunca funciona. A vergonha está sempre à mão e o ódio a nós mesmos está à nossa volta. Simplesmente não há meio de ganhar aceitação e perdão. Se estas coisas nos vêm, vêm de graça, como presentes imerecidos, à custa de outra pessoa.

Como vimos, Cristo pode dar à lei um uso lucrativo. Mas Paulo insiste que ela nunca pode ser usada de forma legalista para ganhar aceitação, aprovação ou favor de Deus, ou de quem quer que seja (Rm 10; Gl 2.16, 21; 3.13; Fp 3.9).

A linguagem grega na qual Paulo escreveu não tinha palavras para *legalística*, *legalista* ou *legalismo*. Mas quando Paulo fala depreciativamente da lei, ele tem em mente o que chamamos de *legalismo*. Toda vez que a lei (o código escrito, conforme Rm 7.6 ou Cl 2.14) é usada por líderes para manipular seus seguidores, ela se torna a ferramenta básica para o abuso espiritual. Líderes autoritários não somente distorcem a lei como também acrescentam a ela suas próprias prescrições e proibições a fim de aumentar seu controle sobre as pessoas. Para uma pessoa movida pela vergonha, estas leis se tornam o princípio interno da auto-acusação.

Qualquer voz (interna ou externa) que exija que façamos mais e tentemos mais a fim de merecermos a aprovação divina ou humana, é a isso que Paulo se refere como “a maldição”. O estudo de Ron Enroth sobre igrejas abusivas mostra como o legalismo é eficaz para o propósito de amaldiçoar e controlar pessoas pela manipulação da culpa e da vergonha. Ele diz: “A preocupação com a manutenção de regras cristãs aumenta sentimentos de culpa nos membros,

e isto age como um mecanismo eficaz de controle para os abusadores do poder.”³

Libertos da Lei

O evangelho de Jesus Cristo, adequadamente pregado e entendido, é a única cura para o mau uso da lei. As Boas Novas são o único meio de neutralizar o legalismo, que é a ferramenta básica do abuso espiritual. Quando nós vemos que só somos completamente aceitos por Deus através da vida, morte e ressurreição de Jesus, todas as leis religiosas perdem seu poder manipulador sobre nós.

Quando Paulo anuncia nossa libertação da opressão do legalismo, ele geralmente fala da nossa morte para a lei. Uma das vezes mais interessantes e valiosas em que isso acontece é em Romanos 7.1-4. Aqui, Paulo diz, com efeito, que nós éramos casados com a lei e estávamos sob seu controle. Agora, em Cristo, nós morremos para esse esposo abusivo e nos casamos com Cristo, de quem damos frutos.

No filme *Dormindo com o Inimigo*, a personagem de Julia Roberts é casada com um alto executivo que é controlador, tirânico e muito poderoso. Como todos os fariseus escrupulosos, ele vive preocupado com detalhes relativos ao desempenho. Exige que sua esposa pendure as toalhas de banho de forma impecável e que ela aja perfeitamente em público. Quando ela acidentalmente transgredir uma de suas regras (leia-se “leis”), ele a pune — verbalmente, emocionalmente e fisicamente. Seu poder abusivo sobre ela é virtualmente total e torna a vida dela insuportável.

Ela precisa se ver livre dele. Divorciar-se está fora de questão — ele é muito possessivo e poderoso para permitir isso. Um dos dois deve morrer para que a liberdade dela seja assegurada; sendo assim, ela simula sua própria morte. E, uma vez conseguido fazer isto, ela foge para outra cidade a centenas de quilômetros de distância e assume uma nova identidade. Pela sua “morte”, ela aparentemente se livra de uma vida de tormentos.

Se pararmos a história aqui, teremos uma ilustração de como Paulo entendia nossa morte para a lei.

Porventura ignorais, irmãos, pois falo aos que conhecem a lei, que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida? Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ela vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei, e não será adúltera se contrair novas núpcias. (Rm 7.1-3)

O pano de fundo para esta ilustração de como a morte, ou do marido ou da esposa, dissolve todas as obrigações legais é encontrado em Romanos 6.14: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça.” A lei define o pecado e nos acusa de pecado. A lei confirma a nossa culpa, e assim sela a nossa ligação ao pecado. Enquanto a lei dominar sobre nós, estaremos sujeitos à constante acusação de sermos pecadores. A única maneira de escapar dessa opressão e da auto-acusação que ela traz é romper radicalmente com a lei.

Paulo explica que isso acontece através da morte. Possivelmente o mistério mais maravilhoso do evangelho é que nós de fato estamos “em Cristo” — em sua vida, morte e ressurreição. Nós realmente participamos de sua experiência, até mesmo da sua experiência de morte.

Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição; sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado. (Rm 6.4-7)

“Toda a virtude da morte de Cristo quanto à satisfação das

exigências da lei se torna nossa, e somos libertos da escravidão e poder do pecado aos quais a lei havia nos entregue.”⁴

Segundo Paulo, a lei amarra os vivos, não os mortos; e nós estamos mortos. Nós fomos radicalmente libertos da tirania de nosso primeiro marido — a lei. Somos livres para casar-nos com um novo marido e para sujeitar-nos a ele. O fruto de nosso primeiro casamento foi o pecado e a vergonha (Rm 6.14). O fruto de nosso segundo casamento é o caráter e as obras de Deus (Rm 7.4).⁵

A Natureza da Lei

Vamos agora examinar mais de perto o caráter de nosso antigo marido, a lei, para ver por que nós precisamos tão desesperadamente nos libertar dele. Em primeiro lugar, a lei nos fala somente quando é ofendida. Ela só pode se relacionar conosco como acusadora. “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20), “Porque a lei suscita a ira” (Rm 4.15). O caráter acusatório da lei é consistente onde quer que ela seja encontrada. Quando um guarda de trânsito nos manda encostar, nós sabemos que estamos para ser acusados de uma transgressão. A polícia nunca nos pára para elogiar nosso modo de dirigir. Quando recebemos uma notificação da Receita Federal, não é para descobrir o que nós fizemos de certo, mas o que fizemos de errado. Oficiais de justiça nos contatam apenas para nos acusar e punir. Propriamente utilizada, a lei tem um lugar na vida cristã e na sociedade; mas, como marido, é abusiva.

Outra característica deste marido abusivo é que ele nunca leva em consideração circunstâncias atenuantes. Há ocasiões em que, devido à fraqueza ou ignorância, nós ofendemos a lei. Isto não importa para este marido. Se nós estamos errados, qualquer que seja a razão, devemos ser punidos. E, para piorar as coisas, este marido frio e impessoal está sempre certo e nós, sempre errados. Não podemos apelar nem negociar com ele.

O pior aspecto de estar casado com a lei é que ela nunca morre. Nós nunca somos libertos dela por sua morte. Por-

tanto, se a morte é a nossa única esperança, *nós* temos de morrer. A boa notícia é que foi precisamente isso o que aconteceu em Cristo. “Ou, porventura, ignorais que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte?” (Rm 6.3). “Também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo” (Rm 7.4).

Se um casamento é anulado pela morte de uma das partes, então nosso primeiro casamento, com a lei, é nulo. Uma vez que entendemos completamente esta verdade no sentido literal, a lei como ferramenta de abuso é neutralizada e os fardos pesados caem. Quando negamos a um líder o uso manipulador da lei, estamos a caminho da recuperação. Não se deve dizer que a recuperação seja sempre instantânea. Alguns hábitos, inclusive a vergonha e a vulnerabilidade para a manipulação, são difíceis de matar.

O uso legalista da lei e as prescrições e proibições que dela advêm são os filhos bastardos da santa lei de Deus e realmente nos levam para longe dele. “O legalismo procura nos impedir de seguirmos a Cristo, atraindo-nos em direção a outro evangelho, um evangelho que diz que a cruz não é suficiente.”⁶ O legalismo é a primeira das cargas que Jesus procura levantar de nossos ombros sobrecarregados.

Lidando com a Consciência

Em 1967 eu fui recrutado pelo exército dos Estados Unidos. Como soldado, fiquei sujeito à autoridade de todos os que tinham maior hierarquia no exército. Na primavera de 1969, fui dispensado honrosamente, mas permaneci na base dois dias enquanto esperava transporte para casa. Durante esses dois dias eu era um civil, livre da autoridade militar; mas os dois anos anteriores tinham me habituado à subserviência. Mesmo sendo um homem livre, continuei me submetendo à autoridade à qual eu não era mais sujeito.

Muitos cristãos dizem que ouviram, entenderam e crearam no evangelho. Mas quando eles continuam a se submeter à manipulação legalista de abusadores espirituais, *nós* temos que admitir que as Boas Novas não penetraram

neles completamente. Para alguns, isto leva tempo. Portanto, precisamos reforçar continuamente a verdade de que nós, de fato, morremos para a lei e não estamos mais sujeitos a ela. Meditar nas passagens bíblicas que nos asseguram da natureza radical de nossa aceitação por Deus através de Jesus pode ajudar.

Muito do poder abusivo da lei é devido à natureza da nossa consciência. A consciência é a voz interior que pronuncia os julgamentos de nossos motivos e ações. Ela nos elogia por fazermos o que pensamos que está certo e nos condena por fazermos o que pensamos que está errado. Atenção às minhas palavras: “o que *pensamos* que está certo” e “o que *pensamos* que está errado”. A consciência funciona como um computador programado por valores culturais. Se nós programamos nossa consciência com a verdade, ela irá nos julgar de acordo com a verdade. Neste caso, nossa consciência será de imenso valor para nós. É um tipo de bússola moral. Se, por outro lado, nós o programamos com uma mentira, ela irá nos julgar de acordo com aquela mentira. Como dizem os especialistas em computação: “Entra lixo, sai lixo”. É por isso que não podemos deixar nossa consciência ser sempre o nossa guia.

Para a pessoa que é fundamentalmente dirigida pela vergonha, a consciência é uma ferida aberta que não sara. A consciência das pessoas que acreditam que são essencialmente defeituosas está sempre acusando-as por quase tudo que elas pensam, dizem e falam. Qualquer abusador espiritual habilidoso poderá, armado com um código de “faça isso, não faça aquilo”, exercer um grande poder sobre essa pessoa. Quem já é vulnerável à manipulação através da vergonha torna-se ainda mais vulnerável à medida que os pesados fardos religiosos vão se acumulando.

O abusador religioso, sabendo como explorar essa vulnerabilidade, irá erroneamente dizer ou deixar implícito que isso é a convicção do Espírito. Tal convicção só pode ser aliviada por se fazer mais e tentar com mais empenho. Se o líder diz que o nosso problema é falta de submissão, nós nos submetemos ainda mais. Se o líder percebe nosso proble-

ma como falta de oração, nós oramos com mais fervor. Se o líder disser que não temos doado o suficiente, nós iremos enfiar a mão no bolso novamente. O propósito dessa manipulação da nossa culpa e vergonha é nos levar a seguir o caminho que ele quer que sigamos. A grande mentira aqui consiste em acreditar que o alívio da culpa e vergonha virá através do nosso esforço próprio. O atrativo com que nos acenam é a promessa de paz; a vara pronta a nos esfolar as costas é a ameaça de uma consciência atormentada.

Há pessoas que são imunes a esse tipo de manipulação espiritualmente abusiva. Uma categoria é a daqueles que são impenetráveis às cutucadas da culpa porque “têm cauterizada a própria consciência” (1 Tm 4.2). Com o tempo, o ferro quente da hipocrisia habitual anestesia a ferida da consciência.

Uma outra categoria de gente que não é afetada pela condenação do código escrito são as pessoas como Jó. Jó era inculpável, honesto e perfeito em todos os seus caminhos (Jó 1.1). Portanto, ele podia fazer face ao tormento de seus “amigos” acusadores, insistindo:

Longe de mim que eu vos dê razão, até que eu expire, nunca afastarei de mim a minha integridade.

À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprova a minha consciência por qualquer dia da minha vida. (Jó 27.5-6)

Mas nós não podemos declarar nossa justiça pessoal com a certeza e o vigor de Jó; portanto, devemos encontrar outra maneira de nos defender de uma consciência acusadora e das autoridades que buscam manipulá-la. Essa “outra maneira” é através da compreensão e da ação baseada na nossa união com Cristo. Nós que temos crido em Cristo compartilhamos não apenas a sua morte (como vimos), mas também a sua vida. Nós participamos da sua vida ressurreta, que nos aguarda além da sepultura. Além disso, compartilhamos os méritos de sua vida terrena (Rm 5.17).

Nosso pai terreno, o primeiro Adão, pecou, e os resul-

tados disso foram culpa, vergonha e morte. Todos nós nascidos de Adão compartilhamos seu pecado e culpa, bem como o julgamento que se segue. “Porque em Adão, todos morrem” (1 Co 15.22). Mas o último Adão, Jesus Cristo, nasceu de uma virgem, não da linhagem de Adão. Ele viveu uma vida perfeitamente obediente diante de Deus e não teve parte no pecado de Adão. De fato, sua vida radicalmente reverteu a desobediência de Adão e seus efeitos. Como o restante de 1 Coríntios 15.22 diz, “todos seremos vivificados em Cristo.”

O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação.

Se pela ofensa de um, e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça, reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. (Rm 5.16-17)

O pecado de Adão colocou todos nós sob acusação. Para reverter isso, a obediência do último Adão, Cristo Jesus, trouxe “justificação”. Portanto, quando nós recebemos de *Deus* consciência a “abundante graça de Deus e o dom da justiça”, podemos então “reinar em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.”

“Justificação” (ser declarado justo diante de um Deus santo) é um dom da abundante graça de Deus para conosco. Este dom não tem nada a ver com o nosso desempenho, seja bom ou mau. Ao contrário, tem tudo que ver com o que Jesus fez. O dom da justiça de Deus para nós significa que os méritos da vida perfeitamente obediente de Cristo são agora creditados a nós. Assim como participamos da vida terrena do primeiro Adão, agora participamos também da experiência terrena do último Adão.

Entre outras coisas, isto significa que embora não obedecemos a Deus perfeitamente, Jesus o fez e, aos olhos de Deus, seu sucesso substitui nossa falha. Nós não oramos,

amamos, louvamos, perdoamos ou sofremos perfeitamente — mas Jesus, sim, e seu desempenho é creditado a nós. É como se todas as notas dez do boletim dele fossem transferidas para o nosso boletim.

“Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.4). A lei não pode mais dominar sobre nós de modo a nos fazer ter vergonha. “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Se nós nos asseguramos disso, a vergonha que nos torna vulneráveis à manipulação através da culpa é neutralizada. Sim, nós pecamos, e sim, nós devemos viver em arrependimento diário. Mas nós nos arrependemos não apenas de nossos pecados e falhas, mas também de nossa justiça e sucesso. Não são apenas nossos vícios que precisam de perdão, mas também nossas virtudes, porque nós todos estamos aquém da perfeição. Nosso desempenho, bom ou mau, nada tem a ver com sermos aceitos por Deus. Ou nós somos igualmente salvos em Cristo, ou igualmente perdidos fora de Cristo. Tomar consciência desta boa nova nos liberta da vergonha que nos tirava a força.

Paulo diz que nós devemos “conservar o mistério da fé com a consciência limpa” (1 Tm 3.9). E conservar estas profundas verdades da fé realmente limpa a nossa consciência. Uma consciência limpa é o dom de Deus para seguidores de Jesus e um sinal de que eles têm uma compreensão madura de sua unidade orgânica com Cristo. Estas são pessoas que, de acordo com David Seamands, estão “pela fé recebendo as perfeições de Jesus Cristo, de modo que perfeição não é mais a obtenção de perfeito desempenho, mas o dom de um correto relacionamento com Deus.”⁷

Lidando com o Acusador

A mais poderosa arma que a Palavra de Deus nos dá para curar uma consciência impura e nos defender contra a condenação é o sangue de Cristo. Em Apocalipse 12.10-11, João nos conta que o Acusador (Satanás) nos acusa dia e

noite. Suas constantes acusações nos afetam basicamente através da nossa consciência. João prossegue dizendo que nós derrotamos essas acusações através do sangue do Cordeiro. Nas Escrituras, sangue sempre se refere a morte — usualmente, morte violenta. Portanto, o “sangue do Cordeiro” em Apocalipse 12.11 se refere à morte violenta de Cristo na cruz. E, assim, é por um entendimento apropriado da morte de Jesus que nós neutralizamos as acusações de Satanás e de quaisquer abusadores espirituais.

Em Colossenses 2.12-15 Paulo mostra como isso ocorre:

... tendo sido sepultados juntamente com ele no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos, tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.

Aqui Paulo declara simplesmente que a acusação de pecado é retirada duas vezes de nós por meio da morte violenta de Jesus. Antes de tudo, nossos pecados são perdoados (v. 13) e então a própria base da definição de nosso pecado é destruída (v. 14): o código escrito com seus regulamentos que se opunham a nós foi pregado na cruz por Jesus. Não apenas os nossos pecados foram apagados, mas também as suas descrições se foram para sempre. Agora, Satanás, o acusador, não tem mais base para acusação — nenhuma lei na qual se basear, e portanto, nenhum crime do qual nos acusar. É assim que ele foi desarmado (v.15).

O problema é que esses líderes de igreja que pregam a lei como uma forma de manipulação e controle estão na verdade rearmando o Diabo na sua tarefa de acusação. O que Jesus realizou na cruz é efetivamente revertido pelo legalismo

religioso. Ou, como Paulo explica em Gálatas 4, quando nós voltamos a colocar-nos debaixo da lei, na verdade estamos voltando a submeter-nos às influências demoníacas das quais tínhamos sido resgatados.

Então, quais são os passos práticos que devemos dar para nos defender? Como é que, através da morte de Cristo, nós podemos impedir que o Acusador continue manipulando a nossa consciência? Quando praticamos o mal (ou pensamos que o estamos praticando), nossa consciência nos condena e exige alguma forma de pagamento ou punição. Nossa resposta instintiva é tentar aplacar a consciência, punir-nos ou então deixar outros nos punirem. Se realmente fizemos algo errado, a reação apropriada seria arrepender-nos, pedir perdão a Deus e a quem mais tivermos prejudicado e, sempre que necessário, restituir o que foi lesado. Mas quando isso se dá por meio de uma culpa persistente e indefinida, sob a manipulação de Satanás e de abusadores espirituais, nós devemos reagir aplicando, cuidadosamente e especificamente, o sangue de Cristo à nossa consciência.

Satanás e seus agentes eclesiásticos tentam evitar que nós coloquemos a nossa fé no sangue do Cordeiro. Tentam, ao invés disso, manter-nos concentrados em nossos próprios esforços para curar nossa consciência perturbada. Os capítulos nove e dez de Hebreus deixam claro que todos estes esforços humanos são completamente inúteis: "... se oferecem dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam incapazes para aperfeiçoar aquele que presta culto" (Hb 9.9). Por mais que haja submissão à autoridade, morte para o eu, oração a Deus ou doações a uma organização, nada disso será suficiente para purificar uma consciência culpada ou tomada de vergonha. Todas estas obras são vãs tentativas de aplacar nossa consciência e constituem aquilo que o escritor aos Hebreus chama, com muita propriedade, de "obras mortas".

Ao invés de obras mortas religiosas, nós devemos colocar nossa fé no sangue de Cristo, "que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus", para limpar nossa consciência das "obras mortas" (Hb 9.14).

O desempenho religioso não pode suavizar a culpa, pois não há esforço próprio que consiga expiar pecados. Se o esforço próprio funcionasse, “os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não teriam mais consciência de pecados?” (Hb 10.2). Pelo contrário, a auto-ajuda religiosa só faz é reforçar nossos sentimentos de culpa. “Entretanto, nesses sacrifícios faz-se recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que sangue de touros e bodes remova pecados” (Hb 10.3-4). As obras mortas religiosas prometem libertar-nos da culpa, mas o que elas fazem é lembrar-nos dela. A idéia de que nossas obras podem nos livrar da vergonha e da culpa é uma mentira. Um antigo provérbio diz: “A mentira tem pernas curtas” — isto é, ela não nos leva longe e não consegue nos dar apoio por muito tempo.

O escritor aos Hebreus insiste que a única cura para a nossa culpa (seja real ou imaginária), como também para a vergonha que nos torna vulneráveis ao abuso espiritual, é o sangue de Cristo. Então, precisamos abandonar todo e qualquer desempenho religioso como meio de nos tornarmos aceitáveis a Deus e aos outros. Ao contrário, “aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo os corações purificados de má consciência, e lavado o corpo com água pura” (Hb 10.22).

Paulo diz que ele “não anula a graça de Deus; pois se a justiça é mediante a lei, segue-se que Cristo morreu em vão” (Gl 2.21). Se nós pudéssemos expiar nossos pecados através de desempenho religioso, então não precisaríamos de um Salvador para derramar seu sangue por nós. Mas Jesus já verteu seu sangue. Então, por que deveríamos nós continuar a sofrer por pecados pelos quais ele já sofreu?

Em termos práticos, isto significa que, quando as acusações de Satanás ou de abusadores espirituais apunhalam nossa consciência, é melhor não discutir. Aliás, devemos, sim, concordar que somos pecadores e que realmente precisamos ser punidos. Então, com completa segurança na fé, nós podemos mostrar à nossa consciência e aos nossos acusadores o sangue do Cordeiro — a morte violenta de

Jesus, que já foi punido por nós. A consciência exige pagamento pelo pecado, e a boa notícia é que esse pagamento já foi feito completamente e para sempre. Como Lutero disse certa vez: “Vocês não deveriam crer nas suas consciências e nas suas emoções mais do que na palavra que o Senhor, que ‘recebe pecadores’, anuncia a nós.”

E Agora, O Que Fazer?

Lendo este livro, você pode ter concluído que a sua igreja tem problemas mas não é abusiva. Os problemas que ela enfrenta são resultantes de forças sociais diferentes do abuso espiritual.

Outros leitores talvez descobriram que, sem dúvida, sua igreja é significativamente abusiva; portanto, precisam decidir se vão ficar e lutar por uma mudança, ou sair.

Outros ainda estão pensando. Sua igreja pode exibir alguns sintomas de abuso, mas não todos eles. Quem sabe ela tenha virtudes que parecem compensar seus possíveis abusos.

Para ajudá-lo a avaliar sua igreja e a decidir o que você deveria fazer, vamos lembrar e resumir os sintomas da religião abusiva de acordo com Jesus em Mateus 23:

1. Os líderes abusivos baseiam sua autoridade espiritual na sua posição ou cargo e não no serviço que prestam ao grupo. Seu estilo de liderança é autoritário.

2. Os líderes de igrejas abusivas geralmente dizem uma coisa mas fazem outra. Suas palavras e ações não batem.

3. Eles manipulam as pessoas fazendo-as se sentirem culpadas por não terem uma vida espiritual satisfatória. Colocam cargas pesadas sobre as pessoas e não fazem o mínimo para aliviar essas cargas. A gente sabe que está em uma igreja abusiva quando as cargas se tornam cada vez mais pesadas.

4. A grande preocupação dos líderes abusivos é fazer parecer que tudo vai bem. Eles fazem tudo para manter uma boa aparência e sufocam quaisquer críticas que possam dar a entender que eles não vão bem.

5. Eles procuram títulos honrosos que os coloquem acima do grupo, promovendo um sistema de classes que os mantenha lá em cima.

6. Suas comunicações não são diretas. Seu discurso se torna especialmente vago e confuso quando estão se defendendo.

7. Eles valorizam questões mínimas em detrimento das que são realmente importantes. Têm consciência de minúcias religiosas mas negligenciam a agenda mais ampla que Deus deu à sua igreja.

Se sua igreja alcançou uma pontuação elevada nestes indicadores negativos, ela tem uma marca significativa de abuso espiritual. Neste caso, é preciso fazer alguma coisa. Você pode decidir ficar e lutar por uma mudança. Tenha em mente, no entanto, que a maioria dos sistemas religiosos abusivos é muito bem pensada e articulada. É improvável que um líder abusivo vá reagir bem às suas objeções racionais e críticas construtivas. O abuso espiritual nunca resulta de um pensamento confuso. É causado pela sede de poder.

Talvez sua única opção seja sair da igreja. Mas pode não ser fácil.

Um dos principais indicadores de um sistema abusivo é a dificuldade que as pessoas encontram para abandoná-lo. Jesus deixava que as pessoas o abandonassem. A porta de trás estava sempre aberta. O líder que segue mesmo a Jesus também permite que as pessoas se vão quando elas assim decidem. Líderes abusivos, por outro lado, levantam obstáculos significativos aos desertores.

Para superar estes obstáculos, pergunte a si mesmo: “Jesus mesmo não nos disse que não confiássemos nos fariseus e não fôssemos atrás de guias cegos?” Pergunte-se se você pode continuar dando seu tempo, energia e dinheiro para sustentar alguma coisa que você sabe que é destrutiva. Você pode continuar colocando sua família em risco através de sua exposição contínua às toxinas do abuso espiritual?

Às vezes, a maior demonstração de amor que nós podemos dar a um líder abusivo é deixá-lo. Às vezes, o gesto mais humano de todos é deixar uma igreja abusiva morrer.

Se tiver que deixar uma igreja abusiva, pode ser que você passe por um doloroso período de raiva, depressão e até desespero. São reações normais. Tome tempo para se cuidar. Resista às exortações bem-intencionadas de amigos que dizem para “sair dessa em nome de Jesus”. Se você tivesse sido atropelado por um ônibus, precisaria de tempo para se recuperar. O que lhe aconteceu foi quase tão sério quanto isso. Dê tempo ao tempo. Deixe-se curar.

Finalmente, resista à tentação de desistir da igreja por causa de uma experiência negativa. A verdade é que existem mais igrejas boas do que ruins. Procure uma igreja na qual você possa contar sua história com segurança e encontrar cura. Nunca desista da igreja — Deus não desiste.

O Fogo Já Passou

Quando eu tinha cinco anos de idade, meu avô e eu estávamos no meio de um enorme campo de trigo que estava seco e pronto para a colheita. Ele me disse que se algum dia acontecesse de eu estar naquele lugar quando o campo pegasse fogo (o que acontecia de vez em quando), eu não deveria correr. Chamas sopradas pelo vento correm mais rápido do que qualquer pessoa. Ao contrário, eu deveria atear fogo imediatamente no lugar em que eu estava e depois ficar no meio dos restos queimados das plantas, de modo que o incêndio maior não poderia me alcançar. Ele disse: “O fogo não pode passar onde já tiver passado fogo.”

O fogo do julgamento de Deus, a terrível punição para o pecado, já passou através de Cristo. Agora, aqueles que estão em Cristo não têm julgamento ou condenação a temer, porque o fogo não pode passar onde já tiver passado fogo.

Quando nos armamos com esse evangelho e nos seguimos firmemente nesta fé, podemos nos deleitar em uma consciência limpa. As acusações do diabo e dos abusadores espirituais perdem seu poder manipulador sobre nós. E estamos livres para aprender a viver com espontaneidade e leveza de coração.

Essa libertação, por sua vez, irá levar a outra libertação: a libertação da amargura contra os que abusaram de nós no

passado. O profundo senso de libertação e de perdão radical nos libera para perdoarmos livremente os outros.

Os fardos de amargura destroem a paz, a alegria, a liberdade e a própria vida. A amargura nos mutila, nos escraviza e nos torna inúteis para o reino de Deus. Este é o projeto do inimigo; esta pode ser a principal razão para ele promover o abuso espiritual. Muitas pessoas se tornaram inúteis pela amargura resultante do abuso, mas o perdão abre o caminho de volta à vitalidade espiritual.

Jesus veio não apenas para tirar de nossas costas os fardos do abuso eclesástico, mas também para nos livrar das cargas mutilantes da amargura. O perdão de Jesus foi perfeito, e seu poder para perdoar realmente habita dentro de nós. Pode ser muito difícil perdoar aqueles que nos fizeram mal, mas o poder de Jesus está conosco nesta luta.

A inclinação para o poder existe dentro de qualquer pessoa; mas no cristão, ela se transforma em disposição para servir.

Donald Bloesch

Duas cidades foram formadas por dois amores: em uma, os príncipes e as nações que lhe estão sujeitas são governados pelo amor ao poder; na outra, príncipes e súditos servem uns aos outros em amor.

Santo Agostinho

Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva.

Jesus Cristo

Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria.

O Apóstolo Paulo

9

LIDERANÇA SAUDÁVEL NA IGREJA

*N*os primeiros capítulos deste livro, nós aprendemos com Jesus a identificar e rejeitar o abuso espiritual. Este capítulo pretende ajudar-nos a reconhecer a boa liderança quando a vemos. Se transformarmos os comentários negativos de Jesus sobre líderes abusivos em afirmações positivas, isso será um começo para se definir uma liderança saudável e não-abusiva.

De acordo com Jesus, os líderes abusivos se apossam de autoridade e poder baseados em sua posição e cargo (Mt 23.2, 7). Já os líderes saudáveis se afastam de títulos honorosos e são eficazes no cuidado das necessidades do povo de Deus. É através de uma liderança servidora que o líder não-abusivo exerce influência.

Líderes abusivos oprimem e manipulam homens e mulheres colocando pesados fardos sobre os seus ombros (Mt 23.4). Eles multiplicam regras e regulamentos para induzir culpa e vergonha nos seus seguidores, com a finalidade de controlá-los. Já os líderes não-abusivos aliviam essas cargas, guiando seus seguidores a Jesus Cristo para que possam descansar e provendo-lhes jugos que são leves e bem ajustados (Mt 11.28-30).

Líderes abusivos fazem tudo para serem vistos (Mt 23.5). Conquistam títulos importantes, exigem privilégios especiais e insistem em agir sob regras diferentes (Mt 23.6-7). Ostentam símbolos externos de espiritualidade, mas no interior estão espiritualmente mortos. Usam palavras enganosas com a finalidade de se autopromover. Para eles, é mais importante *parecerem* ser homens e mulheres de Deus do que realmente *serem* homens e mulheres de Deus (Mt 23.16-22). Os líderes saudáveis, por sua vez, não gastam nem tempo nem energia com sua imagem. Eles vivem com simplicidade e transparência diante das pessoas. Falam com franqueza e cumprem a sua palavra (Mt 5.37).

Líderes abusivos invertem valores espirituais; eles valorizam questões menores enquanto dão o mínimo às necessidades prioritárias das pessoas. Esmeram-se no desempenho religioso mas negligenciam a justiça e a misericórdia (Mt 23.23-24). Já os líderes não-abusivos estão prontos a aliviar a pressão dos protocolos religiosos quando estes conflitam com as reais necessidades humanas. Eles valorizam as questões essenciais (Mt 12.9-13).

O líder abusivo fecha a porta do reino de Deus na cara das pessoas (Mt 23.13), negando-lhes a plenitude do ministério messiânico de Jesus ou ensinando que para obtê-lo é preciso pagar um preço. Já o líder saudável escancara as portas do reino de Deus, proclamando que este nos é dado plena e gratuitamente pela graça através da fé no Rei.

Aqueles que cultivam estilos de liderança abusivos geralmente o fazem a partir de profundas necessidades pessoais. Os autoritários são, em sua maioria, medrosos e inseguros. Como se sentem ameaçados, procuram criar para si ambientes seguros mantendo controle sobre outros. Os líderes saudáveis, pelo contrário, conhecem o perdão gratuito de Deus e a abundante aceitação através de Cristo, e portanto estão capacitados a amar, aceitar e servir a outros a partir dessa posição de verdadeira força.

Certos líderes abusivos usam as pessoas na sua busca por heroísmo pessoal, porque sua meta na vida é se tornar alguém grande. Mas os líderes não-abusivos fazem da obedi-

ência a Deus e do atendimento às necessidades legítimas de outras pessoas o seu objetivo de vida. Se for necessário heroísmo durante o serviço, o líder verdadeiro está pronto para isso, mas confiado no poder de Deus. Qualquer proeminência conquistada através do heroísmo será incidental.

Assim, analisar as características negativas dos líderes abusivos nos proporcionou um ponto de partida na identificação dos atributos positivos dos líderes saudáveis. Agora veremos, em termos mais amplos, o que o Novo Testamento nos ensina acerca de liderança.

Liderança no Novo Testamento

Muitos de nós que questionam a estrutura e a função do governo da igreja ficam surpresos quando lêem o que o Novo Testamento realmente ensina sobre este assunto. Os escritores do Novo Testamento parecem estranhamente despreocupados com relação ao governo e liderança da igreja. Ao contrário de nós, eles parecem ter pouco interesse em determinar quem assume os cargos e como as decisões são tomadas. O que é mencionado sobre estes assuntos é tão ambíguo que os mais profundos estudiosos da Bíblia chegam a conclusões radicalmente opostas a partir dos textos. Grupos os mais diversos, desde católicos romanos, irmãos livres, anglicanos, até batistas, presbiterianos e pentecostais, todos olham as mesmas passagens do Novo Testamento para apoiar as suas diversas estruturas eclesiais. Isto deveria nos fazer pensar duas vezes antes de afirmar o que a Bíblia “ensina claramente” com relação à ordem na igreja e à liderança.

As estruturas de governo e liderança da igreja primitiva podem não ter sido rigidamente definidas e padronizadas. Uma coisa é clara, contudo: que a igreja, durante o período neotestamentário, rejeitou a hierarquia enquanto estrutura governamental básica. Em Mateus 20.25, Jesus disse aos seus seguidores: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam”. Isto quer dizer, o mundo estrutura suas instituições hierarquicamente, com aqueles que governam dominando os que são governados. Ele prosseguiu, dizendo: “Não é

assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande *entre* vós, será esse o que vos sirva” (v. 26). Ou seja: é bom desejar grandeza, mas na igreja, a grandeza é a recompensa por um serviço eficaz.

Jesus mesmo era um líder espiritual e tinha seu próprio grupo de seguidores. Ele vivia entre eles como um que servia. Ele lavou seus pés. Entregou sua vida por eles. O ensino de Jesus como também o seu exemplo de líder a serviço foram revolucionários: um líder servindo a seus seguidores! Nenhuma outra figura política ou religiosa jamais tinha feito isso.

O livro de Atos e as Epístolas revelam que a igreja primitiva pôs em prática o ideal igualitário de Jesus. Na igreja do Novo Testamento, os líderes estavam entre o povo, servindo-o. Com o passar dos anos, contudo, a igreja primitiva foi pouco a pouco retornando às estruturas hierárquicas que Jesus havia condenado. Com o tempo, a velha prática de domínio sobre o povo transformou-se novamente em norma.

As hierarquias eclesiásticas, tanto as de hoje como as de então, baseiam-se numa nítida distinção entre clero e leigos. O ministério profissional (clero) existe à parte do povo (leigos). Para o clero, as regras são diferentes. Eles têm privilégios diferentes, respondem a um conjunto diferente de expectativas e são julgados por padrões diferentes de conduta.

O povo pensa que o clero tem acesso privilegiado à sublime sabedoria de Deus. Os líderes espirituais protestam contra essas suposições, mas suas atitudes freqüentemente contradizem suas palavras. É verdade que os leigos podem desenvolver atividades rotuladas como “ministério”; mas o verdadeiro “ministério” geralmente é defendido com tenacidade e protegido com todo zelo.

Essa diferença dá aos líderes posições elevadas nas hierarquias eclesiásticas, conferindo automaticamente a eles o poder de manipular e controlar aqueles que se encontram sob sua tutela. A distinção *clero versus leigo* é essencial à construção de hierarquias que freqüentemente se tornam abusivas.

Um amigo que sabia que eu estava escrevendo sobre abuso espiritual me enviou uma cópia do estatuto de uma deter-

minada igreja. Sob o título “Princípios de Ordem na Igreja”, eu li: “O relacionamento entre pastor e membros não é de igualdade, mas de autoridade. O pastor governa os membros como o pastor de ovelhas governa suas ovelhas, como o pai governa seus filhos e o rei governa seus súditos.”

Se essa distinção entre líder e liderado fosse eliminada, isso ajudaria a limpar o ambiente no qual o abuso espiritual prospera. O meio mais correto e mais eficaz de se fazer isso é simplesmente ler o Novo Testamento e deixar o texto falar por si mesmo. Torna-se evidente que não existia qualquer tipo de hierarquia na igreja primitiva.

Igualdade no Espírito

A ausência de estruturas hierárquicas na igreja neotestamentária é uma ruptura radical não apenas com o mundo mas também com a maneira como o povo de Deus se organizava no Antigo Testamento. Sob a Antiga Aliança, o povo de Deus estava estruturado em uma hierarquia com uma liderança masculina de elite (profeta, sacerdote, rei e outros). Estes líderes existiam à parte do povo com seu próprio conjunto de regras, privilégios e expectativas. A marca que definia estes líderes profeta-sacerdote-rei era a unção do Espírito Santo. De fato, a maioria das pessoas do Antigo Testamento não tinha o Espírito Santo. O Espírito era dado apenas a uns pouquíssimos homens idosos. Assim, nos tempos do Antigo Testamento, esse relacionamento privilegiado com o Espírito Santo deixava os líderes à parte do povo.

No dia de Pentecostes, a distinção existente na Antiga Aliança (clero-leigos) se dissolveu com o derramamento do Espírito Santo sobre todo o povo de Deus. O evento tinha sido predito em Joel 2.28-29, e Pedro reconheceu que o derramamento ocorrido no Pentecostes fora o cumprimento da profecia de Joel:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor,
que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne;
vossos filhos e vossas filhas profetizarão,

vossos jovens terão visões,
e sonharão vossos velhos;
até sobre os meus servos e sobre as minhas servas
derramarei o meu Espírito naqueles dias,
e profetizarão. (Atos 2.17-18)

Na Antiga Aliança, apenas os profetas ungidos pelo Espírito podiam profetizar; mas sob a Nova Aliança, a distinção profeta-povo desapareceu. Agora, uma vez que todo o povo de Deus tem o Espírito Santo, espera-se que todos profetizem.

Esta experiência de comunidade com o Espírito Santo significa que outras distinções sobre as quais se constroem hierarquias também desaparecem. Não apenas o ancião irá liderar, mas também o jovem. Não apenas o judeu irá falar por Deus, mas também o gentio. Não apenas homens irão ministrar, mas também mulheres. Este é o cenário para a afirmação radicalmente anti-hierárquica de Paulo em Gálatas 3.28: “Não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” A estrutura hierárquica previamente existente foi destruída, e todos os cristãos foram feitos um pelo mesmo Espírito que cada um de nós recebeu (Ef 4.4-5).

Na Nova Aliança, os cargos de liderança não são herdados, nem são concedidos a membros de uma classe específica. A função ministerial não é mais hierárquica, mas carismática (baseada em dons). O Espírito Santo da Nova Aliança é o Espírito da profecia de Joel, que distribui ministério e liderança a todos aqueles que Deus escolhe. O Espírito não toma consciência de idade, raça, sexo ou posição. Ele concede dons a quem ele quer, para o bem comum (1 Co 12.7-11). Agora, os papéis de liderança não caracterizam uma classe especial, mas um modo particular de serviço. Em decorrência disso, os líderes “trabalham *entre vós*”, como Paulo costuma dizer.

A ausência de líderes hierárquicos nas igrejas locais que Paulo fundou se evidencia na maneira como ele constrói as suas epístolas. Para começar, ele não as endereça aos líderes, mas escreve diretamente à igreja como um todo.

Quando quer corrigir alguma prática do culto, ele endereça a carta, não ao líder do louvor, mas à igreja. Quando expressa preocupação com uma questão pastoral, ele confronta não os pastores, mas o povo. Quando ele trata com uma preocupação administrativa, dirige suas palavras não aos administradores, mas a toda a congregação. Paulo nunca faz distinção do clero enquanto classe, responsabilizando-o pelos negócios da igreja, nem o responsabiliza por implementar as orientações apostólicas.

Quando Paulo fala de dons espirituais especializados dentro do corpo (o que inclui dons de liderança), ele exige absoluta igualdade entre eles (1 Co 12.12-26). Quando se refere especificamente àqueles que têm dom de liderança, como apóstolos e profetas, ele fala deles como servos entre o povo (Ef 4.11-13), não como governantes deste.

Disciplina sem Hierarquia

A linguagem da hierarquia é visivelmente ausente no Novo Testamento, mesmo em lugares onde se esperaria encontrá-la. Se há um momento em que o clero deveria se manifestar e assumir a liderança, este é quando houvesse necessidade de disciplinar um pecado sério. No entanto, o Novo Testamento sempre apresenta a questão da disciplina na igreja como uma responsabilidade da comunidade e não da liderança.

A carta magna da disciplina na igreja é Mateus 18.15-18. Começa: “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só.” A quem, na igreja, cabe a autoridade e a responsabilidade para iniciar a disciplina? Àquele que primeiro percebe o pecado! Jesus deixa claro que a disciplina na igreja não é responsabilidade da liderança, mas um dever do povo de Deus como um todo. Quando nós atribuímos as questões de disciplina aos líderes, estamos desobedecendo a Deus e perpetuando uma falsa distinção entre “clero” e “leigos”.¹

Como Jesus, Paulo também vê a disciplina na igreja como uma função da igreja, e não da liderança. Quando confronta pecado flagrante em duas ocasiões na igreja de Corinto (1 Co 5.1-13; 6.1-11), ele fala ao povo como um todo, não

aos pecadores ou aos líderes. Ele não apela para sua condição de apóstolo para ir atrás dos ofensores, nem instrui os líderes a fazerem o mesmo com base na função que eles exercem. Ao contrário, ele responsabiliza a igreja toda por sua falha em lidar com essas questões. Em 1 Coríntios 5.1-13, o homem que está em pecado não é mencionado, nem sua parceira. Todo o povo de Deus falhou, e é esta falha *do povo* o que preocupa mais a Paulo. Em 1 Coríntios 6.1-11, Paulo aconselha o defensor e o acusador somente depois de repreender a igreja toda por permitir que semelhante coisa acontecesse. Portanto, em todo o ensinamento neotestamentário sobre a disciplina na igreja, os líderes nunca recebem uma responsabilidade diferente ou maior do que a do resto do povo.

O Novo Testamento não apresenta nenhuma estrutura governamental específica essencialmente autoritária; mas em todo ele se vê bem claro que nenhuma distinção clero-leigo existia na igreja primitiva e que jamais se pretendeu que tal distinção existisse. Como Gordon Fee sintetiza: “A liderança no Novo Testamento nunca é vista como externa ou superior ao próprio povo, mas simplesmente, como parte do todo, essencial ao seu bem-estar, mas governada pelo mesmo conjunto de normas. Os líderes não são colocados à parte pela ‘ordenação’; ao contrário, seus dons são parte da obra do Espírito entre o povo todo.”²

O estilo de liderança exemplificado por Jesus e seus seguidores é baseado na disposição de servir e motivado por esta. Seu propósito é nada mais, nada menos do que a reprodução do caráter de Jesus e suas habilidades em toda a igreja. A recompensa de tal liderança é liberdade e alegria, tanto para líderes como para seguidores.

No entanto, cabe aqui um importante comentário. Todos os membros do corpo de Cristo são iguais, mas isto não faz com que todos nós sejamos idênticos. Os dons dados por Deus separam algumas pessoas para serviços especiais à comunidade. Alguém que tenha sido chamado para ser médico é diferente de outros em virtude de educação e

treinamento especiais. Da mesma forma, quem é chamado para o ministério do pastorado é diferente de outros em virtude de treinamento e educação especiais. No entanto, esse treinamento não eleva o ministro; pelo contrário, exige dele um trabalho mais eficaz e que requer mais habilidades. O apóstolo Pedro assim orienta os ministros: “Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, ... não como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho” (1 Pe 5.2-3).

Poder Servidor

Quando eu apresento meus pontos de vista sobre liderança servidora em conferências e seminários, os pastores que se encontram no grupo muitas vezes perguntam: “Como pode um ‘líder-servo’ ser ao mesmo tempo um líder *forte*?” Os pastores parecem ter uma preocupação especial com a relação existente entre autoridade e poder na liderança. De fato, o exercício do ministério pastoral parece que atrai um grande número de homens inseguros que querem se ver no papel de líderes, como aqueles que mandam.

Cheryl Forbes comenta sobre como a organização americana *Christianity Today Inc.* aproveitou a preocupação dos pastores com questões de poder e liderança para lançar a revista *Leadership* (“Liderança”), direcionada a pastores. Ela nos lembra que o tema do primeiro número tratava de “Poder e Autoridade”. Na introdução, os editores perguntaram: “Quem faz a igreja funcionar?” “Quem deveria ter autoridade e poder?” ... Os editores assumem que poder é uma coisa que os pastores precisam ter.”³

Forbes diz que os editores do primeiro número perderam de vista o ponto central da verdadeira liderança cristã: “O primeiro número de *Leadership* pode oferecer uma ajuda prática para o ministro manobrar e manipular até chegar ao controle, mas oferece pouquíssima orientação teológica quanto à natureza e o papel de um verdadeiro líder. Não há lugar para Jesus, o líder-servo.”⁴

Eu me lembro muito bem de quando li o primeiro fascículo

da revista, e como no começo ela me atraiu por todas as razões equivocadas. Como pastor jovem e inseguro que eu era, encarregado de uma grande igreja, eu achava que o conselho que eu mais precisava tinha a ver justamente com isso: como eu poderia obter controle de forma a realizar o que eu tinha sido chamado a fazer.

É óbvio que o líder de uma igreja precisa de poder para funcionar. Agora eu entendo, no entanto, que ele adquire autoridade, não sendo o vencedor no jogo do poder, mas sendo bem-sucedido como servo. Este princípio se aplica não apenas no corpo de Cristo, mas também no mundo. Poder e influência, quem ganha são aqueles que servem ou que parecem servir. Servir às pessoas bem e na hora em que elas desejam ser servidas geralmente nos confere autoridade. George Grant reconhece a operação deste princípio até mesmo em algumas funções do governo: “Existe um princípio fundamental de domínio ... através do serviço. Este princípio é entendido pelo estado moderno do bem-estar social. Os políticos e planejadores reconhecem que a instituição que fornece caridade em nome do povo irá ganhar a lealdade do povo. Então, eles servem e, assim, ganham domínio.”⁵

Mesmo as instituições seculares estão descobrindo o poder através do serviço. Ainda que possa ser pervertido por alguns, Deus instituiu este princípio dentro da estrutura da criação. A capacidade de servir é o caminho ordenado por Deus para o poder e a influência. Jesus Cristo, o maior de todos os servos, nos mostrou o caminho:

Jesus lhes disse: “Os reis dos povos dominam sobre eles... Mas vós não sois assim: pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor e aquele que dirige seja como o que serve... Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve” (Lc 22.25-27).

A questão “Como é que um servo pode ser também um líder forte?” revela ignorância, não somente com relação à Bíblia e às forças sociais, mas com respeito à história da igreja. No decorrer da nossa história, os maiores líderes dependeram,

não do poder hierárquico ou institucional, mas do apoio voluntário de seus seguidores. Quanto maior a fidelidade e eficácia demonstradas pelo serviço de um líder, tanto mais liberdade as pessoas lhe dão para liderar. A maioria das pessoas entende que se alguém se dedica a edificá-las e a resolver seus problemas, a essa pessoa se pode confiar poder. O verdadeiro servo dissipa qualquer medo quanto a sua liderança.

Esta dinâmica deveria também funcionar no sentido inverso, de forma que quando um líder começa a abusar do poder que lhe foi confiado, seus seguidores esvaziam esse poder. Este tipo de dinâmica entre os líderes e seus seguidores não apenas protege as pessoas do abuso espiritual como também serve para alertar abusadores espirituais em formação.

A iniciativa da congregação na área da responsabilidade serve também como um tipo de medicina preventiva. Se uma congregação deixa claro, já de início, que o único poder que ela admite é o poder para servir, aqueles que chegam com outros propósitos irão procurar outro lugar. Quando a única autoridade oferecida a um líder é a autoridade para edificar os outros, isso espanta qualquer um que esteja em busca de poder autoritário.

Estilos de Liderança

Embora o verdadeiro líder seja aquele que usa o seu poder para servir a outros, isto não implica em um estilo fixo de liderança. Um componente importante do coração de um servo é a flexibilidade para lidar com a variedade de necessidades humanas com que ele é confrontado. Um líder-servo pode agir de maneira não-diretiva com uma pessoa e exatamente da forma oposta com outra. O verdadeiro líder pode ajudar um grupo a alcançar um consenso e ao mesmo tempo agir quase como um autocrata em outros grupos. As necessidades das pessoas e o nível de maturidade delas devem determinar o tipo de serviço prestado pelo líder-servo.

Isto precisa ser deixado bem claro, considerando-se os meus comentários negativos anteriormente feitos com rela-

ção à liderança autoritária. A liderança autoritária não é ruim em todas as situações. Cristãos novos, assim como qualquer principiante, precisam de autoridades que lhes provejam estrutura e direção.

Já mencionei que anos atrás eu dirigi uma missão urbana que trabalhava com jovens envolvidos com drogas e álcool. Naquelas circunstâncias, eu achei que seria necessário — aliás, um gesto de amor — começar estabelecendo limites firmes. Aqueles garotos convertidos nas ruas não tinham estrutura em suas vidas e não possuíam auto-disciplina, não tinham noção de tempo nem limites pessoais. A conversão não fazia deles adultos maduros. Ele necessitavam de um apadrinhamento forte e diretivo, e o amor exigia que eu e outros crentes maduros proporcionássemos isso. Mas logo aqueles que estavam desejosos de crescer e amadurecer o faziam. Depois que isso acontecia, eu me tornava menos diretivo, encorajando mais e mais liberdade (às vezes mais do que eles queriam). No tempo certo, eles passavam a agir como adultos, e alguns até chegaram a assumir responsabilidades de liderança ao meu lado.

Um líder-servo se torna fortemente diretivo quando o amor exige. Quando necessário, ele (ou ela) pode intervir e tomar o controle de uma situação perigosa. Mas, quando os seguidores começam a funcionar de forma responsável, o relacionamento pai-criança anteriormente existente evolui para uma amizade entre iguais.

Jesus mesmo reconheceu que diferentes pessoas encontram-se em níveis diferentes de maturidade. A um, ele disse: “Vai, e não peques mais.” A outros, ele disse: “Vão a todo o mundo e façam discípulos.” Certa vez ele descreveu o “servo fiel e sábio” como aquele que prepara comida para outros membros da casa. A uma pessoa, este servo sábio e fiel irá servir leite; a outro, servirá carne.

Ser um líder-servo não consiste em ter um estilo fixo de liderança, mas sim um compromisso de ir ao encontro das pessoas lá onde elas estão e assisti-las até que atinjam a maturidade. E o resultado de tal liderança é alegria para o seguidor e para o líder.

O Fruto do Serviço

Quando o apóstolo Paulo sintetiza o fardo do seu próprio ministério pessoal, ele diz à igreja de Corinto: “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria” (2 Co 1.24). Nestas poucas palavras, ele diz qual é o objetivo essencial da liderança servidora.

Eu acho muito interessante o fato de ele começar com uma dissuasão ao abuso eclesiástico. Antes de estabelecer o propósito positivo de sua liderança, ele alerta contra o tipo equivocado de liderança: “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé”. Como eu já disse anteriormente, Paulo era o apóstolo mais dotado de uma consciência apostólica, e, ainda assim, nunca se colocou acima de seus seguidores. Ele nunca se posicionou como senhor sobre seus convertidos — embora sempre discutisse com eles sobre questões que o deixavam profundamente preocupado. Ao invés de exigir submissão de seus seguidores, ele tentava provar a veracidade de sua opinião. Em vez de impor sua autoridade, ele os persuadia a concordar com ele; ganhar a discussão dependia da força de seus argumentos, não do poder da sua posição.

Se Paulo não era senhor de suas igrejas, então, o que ele era? Em 2 Coríntios 1.24, ele se descreve essencialmente como um cooperador. A Nova Versão Internacional traduz a palavra “cooperador” (*synergos*) como “cooperamos com vocês”. Esta auto-designação humilde resume a função de Paulo como líder. Ele se define como alguém que trabalha com os coríntios como servo, não como aquele que se coloca acima deles como governante. Ele enfatiza sua função como servo mais do que seu cargo de apóstolo.

Paulo conta aos coríntios qual é o propósito global de sua liderança servidora: “Somos cooperadores de vossa alegria”. Imagine, o maior missionário evangelista da era neotestamentária (e de todos os tempos) vê como sua primeira responsabilidade para com os seus convertidos promover, não a fé, a santidade ou a obediência, mas a alegria deles!

Convém não esquecermos que ele está escrevendo a coríntios problemáticos e briguentos. No curso desta carta,

ele *irá* incentivá-los à santidade e à obediência, bem como desafiá-los a fazerem doações financeiras; mas ele sempre sustenta que ser um bom cristão é antes de tudo conhecer e amar Deus. E, se nós chegamos a Deus, não é porque fomos marretados a golpe de porrete para fazer isso, mas porque somos atraídos por sua misericórdia e graça, assim como pela alegria que ele tem em nós. Thomas Smith ajuda-nos a entender essa prioridade de Paulo de promover a alegria entre seus seguidores: “Quem entende a dinâmica da fé e da vida cristã irá perceber que o que Deus quer do seu povo é, antes de tudo e no final de tudo, os seus corações. Ele está interessado no seu povo e quer que esse povo se interesse por ele, pelo que ele é. A alegria é, inextricavelmente, ligada à fé em Cristo e ao amor a Cristo.”⁶

Ou, dito em palavras mais simples: vir a Deus é vir para a alegria.

Isso pode parecer estranho para alguns líderes cristãos, mas não deveria. Conhecer Deus é experimentar alegria. Salmo 43.4 diz: “Então irei ... Deus que é a minha grande alegria”. O escritor do Salmo 16.11 diz a Deus: “Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente”. Karl Barth insiste que esta é também a meta do estudo teológico: “A teologia evangélica tem a ver com Emanuel, Deus conosco! Tendo este Deus como seu objeto, ela não pode ser outra coisa senão uma ciência alegre e agradecida.”⁷ Vir a Deus é vir para a alegria.

Além disso, as disciplinas cristãs trazem alegria. Existe alegria na leitura da Bíblia. “Os preceitos de Deus são retos e alegram o coração” (Sl 19.8). Existe alegria na oração. Quando Jesus nos instrui a orar, ele diz: “Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa” (Jo 16.24). Há alegria na liderança cristã. Quando o apóstolo João confessa sua própria motivação para servir seus seguidores, ele diz: “...vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa” (1 Jo 1.4).

Ao final do dia, a recompensa por ter servido bem a Deus e ao seu povo é alegria. Quando Paulo discute com os tessalonicenses a sua própria recompensa por trabalhar entre eles,

ele pergunta: "Pois, quem é a nossa esperança ou alegria...? Não sois vós?" Então, ele afirma: "Sim, vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!" (1 Ts 2.19-20). Converter-se a Cristo é converter-se à alegria. A alegria está na essência da experiência cristã, e a alegria é a recompensa do líder por está-la promovendo entre os outros.

Quando os autores do antigo credo afirmaram que "a principal finalidade do homem [e da mulher] é glorificar a Deus e agradar-se dele para sempre", eles não estavam falando de coisas separadas. Como observa John Piper: "Eles disseram 'principal finalidade', não 'principais finalidades'. Glorificar a Deus e agradar-se dele para sempre eram uma só finalidade na mente deles."⁸ Se a principal finalidade dos cristãos é agradar-se de Deus, então deveria ser fácil concordar com Paulo que a principal finalidade da liderança cristã é promover essa atitude em seu ministério.

Paulo estabelece este mesmo ponto negativamente na sua carta aos Gálatas. Os religiosos legalistas e assassinos da graça, sendo os abusadores espirituais da Galácia, tinham amarrado pesadas cargas religiosas e as colocado nos ombros dos convertidos de Paulo, destruindo a alegria deles. Paulo lhes pergunta: "Que é feito, pois, da sua exultação?" (Gl 4.15). Abusadores espirituais satanicamente inspirados vêm em todas as formas e tamanhos, mas sempre atacam a alegria. Piper pode estar certo quando afirma que: "O objetivo número um de Satanás é destruir a alegria da nossa fé."⁹

A alegria é, em última instância, um dos frutos pelos quais as pessoas que crêem são reconhecidas, de acordo com Jesus. O líder saudável há de conhecer a alegria e irá promovê-la em seus seguidores.

A disciplina na igreja vem do próprio evangelho.

*O objetivo do evangelho é a reconciliação,
a reconciliação forjada por Cristo
e ofertada aos pecadores.*

John White e Ken Blue

*Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo
entre ti e ele só. Se ele te ouvir,
ganhaste a teu irmão.*

Jesus Cristo

10

DISCIPLINA

SAUDÁVEL NA IGREJA

Muita gente vê a disciplina na igreja como uma ferramenta tradicional de abuso espiritual. Em sua experiência, “disciplina” sempre foi invocada pelos líderes para controlar e punir seus seguidores. Portanto, a própria expressão *disciplina saudável na igreja* lhes parece um paradoxo — uma contradição em termos.

Anos atrás eu fiz um estudo bastante abrangente sobre a disciplina na igreja ao longo dos últimos dois mil anos.¹ Uma questão primária que eu queria responder era por que a disciplina tinha caído em desuso entre as igrejas ocidentais.² De acordo com minhas pesquisas, a principal razão é que, no passado, a disciplina na igreja tornou-se muitas vezes tão cruel, destrutiva e contraproducente que boa parte da própria igreja reagiu eliminando-a completamente.

Mas a maneira adequada de se reagir a uma disciplina errônea na igreja não é a ausência de disciplina, mas sim o uso de uma boa disciplina. Como Geddess MacGregor coloca: “Abandonar a disciplina porque ela tem sido mal-administrada é tão temerário quanto o seria abolir o louvor com a desculpa de que ele tem sido mal-conduzido.”³

Abusos Passados

Se quisermos restaurar uma disciplina saudável e não-abusiva na igreja, primeiro precisamos entender o que é que deu errado no passado. A tendência ao abuso nessa área normalmente se inicia quando a finalidade da disciplina na igreja tem uma definição muito restrita. Historicamente, a principal meta da disciplina na igreja era a purificação da congregação. Falando por muitos dentro e além de sua própria tradição, João Calvino estabelece que os principais propósitos para a disciplina são: (1) que aqueles que levam uma vida suja e infame não possam ser chamados de cristãos nem profanar a Ceia do Senhor; e (2) que os bons não sejam corrompidos pela companhia dos perversos.⁴

Isto quer dizer que a disciplina na igreja serve para sustentar a pureza da igreja como corpo e para impedir a corrupção moral de seus membros. O teólogo moderno G. C. Berkouwer faz eco com a visão histórica da igreja de que a disciplina serve prioritariamente para promover a pureza na congregação: “Quando se vislumbram pecados que profanam o santuário e o nome santo de Deus, segue-se a admoestação: ‘Portanto, consagrem-se e sejam santos, porque eu sou o Senhor seu Deus...’ A disciplina do Novo Testamento tem uma ligação muito íntima com a santidade da igreja.”⁵

A história da disciplina na igreja nos mostra que uma preocupação singular com a santidade pessoal e corporativa levou muitos líderes a tomar medidas drásticas e até cruéis com aqueles que eram julgados impuros. Em alguns casos extremos, a pessoa impura era removida da igreja por execução. Um exemplo disso é a Inquisição Espanhola.

Ao mesmo tempo que as Escrituras fazem uma conexão entre a santidade congregacional e a disciplina na igreja (1 Co 5.1-13), elas também ensinam que existem outros motivos importantes. São eles: (1) chamar o ofensor de volta ao discipulado cristão; e (2) restaurar relacionamentos pessoais que tenham sido violados pelo pecado (Mt 18.15-18)⁶. Se nosso objetivo ao usar de disciplina na igreja é primeiro restaurar o relacionamento do ofensor com Cristo

e com a igreja, então obrigatoriamente teremos de tratar essa pessoa com carinho e respeito.

Embora a disciplina na igreja não tenha sido largamente praticada nas igrejas ocidentais nos últimos cem anos, ultimamente ela tem retornado com força. Infelizmente, algumas igrejas não aprenderam com a história. Elas estão uma vez mais se agarrando à idéia de disciplina na igreja simplesmente como um meio de controlar o comportamento de seus seguidores.

Disciplina Abusiva: Um Exemplo

Outro dia um amigo meu me fez um relato horripilante de como a disciplina era conduzida dentro da congregação que ele freqüentava na época. Era uma igreja conservadora e doutrinariamente ortodoxa. Ninguém que tivesse lido sua declaração de fé suspeitaria que havia ali alguma coisa errada. Mas o pastor deste grupo de 150 pessoas portava-se como um ditador autoritário. Ele reuniu à sua volta um pequeno grupo de apoio que o fortificava e compartilhava o seu poder. O pastor e os líderes usavam o que eles chamavam de “disciplina corretiva” para manter o resto dos membros na linha. Quando eles notavam que alguém estava pisando fora da linha (isto é, se desviando das crenças doutrinárias ou de seu detalhado código de conduta), esses líderes, em grupo, iniciavam a *disciplina corretiva*.

Como um primeiro passo no procedimento disciplinar, o pastor e pelo menos um outro líder iam fazer rapidamente uma visita à casa do alegado ofensor. O pastor e seu assistente (ou assistentes) explicavam o que estava errado com a pessoa e exigiam mudança. Esperava-se que o acusado concordasse plenamente com os líderes e promettesse fazer rapidamente as mudanças prescritas. Se não houvesse total concordância quanto ao pecado alegado ou às mudanças exigidas, ou se o acusado não mostrasse um espírito de submissão, então era imposto o segundo estágio da disciplina.

Este segundo estágio consistia em um anúncio a toda a igreja de que o acusado estava “sob disciplina”. O ofensor

era impedido de participar da Ceia do Senhor e de todas as reuniões da igreja, exceto do culto de domingo de manhã. Esperava-se que todos os membros da congregação limitassem o contato com o acusado. Quando se tratava de alguém que fazia parte do ministério da igreja, tal pessoa era imediatamente excluída do seu papel. O ofensor permanecia “sob disciplina” até o pastor e seus assistentes suspendessem as sanções disciplinares.

Depois de um período de virtual ostracismo, o pastor e seus assistentes determinavam se as medidas disciplinares estavam produzindo os efeitos desejados. Se não, a pessoa disciplinada era culpada de estar cometendo o pecado de “contumácia”, isto é, “o crime de desprezar a autoridade”. Este pecado era passível de ser punido com a excomunhão.

A excomunhão era feita em uma reunião da congregação marcada com este propósito. O acusado era chamado a comparecer, mas raramente ia. O pastor e seus assistentes ficavam em pé na frente da sala de reuniões, olhando para a congregação. Na frente deles, ficava uma mesa sobre a qual se encontravam várias velas acesas.

Após o relato público do pecado do ofensor e dos esforços dos líderes para corrigir o pecador, o pastor pegava uma das velas, virava-a de cabeça para baixo e a apagava, dizendo: “Nós te entregamos a Satanás para a destruição da carne.”

Meu amigo esteve presente a uma dessas reuniões. Ele disse que o medo que ela produziu nele e nos outros foi muito profundo. “Bastava ver isso apenas uma vez para saber que nunca gostaria que acontecesse com você!”, ele me disse. “O medo fazia você se alinhar rapidinho com os desejos dos líderes!”

Esta igreja estava violando as Escrituras em todos os aspectos, como veremos logo adiante. Portanto, não é de admirar que os resultados fossem maléficos. Este exemplo, no entanto, é útil em nosso estudo, pois nos permite contrastar este procedimento abusivo com o que a Bíblia ensina e enxergar com mais clareza como deveria se dar a disciplina saudável na igreja.

Diretrizes para a Disciplina de Acordo com Jesus

O principal texto para orientar a disciplina na igreja é o ensinamento de Jesus sobre esse assunto em Mateus 18.15-17:

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

A igreja que meu amigo descreveu cometeu um erro já de início, ao considerar a disciplina como um procedimento “de cima para baixo”, de iniciativa do líder. Os líderes assumiram toda a responsabilidade quanto à decisão de quem deveria ser disciplinado, e quando. Este é freqüentemente o erro por onde começa a disciplina em uma igreja abusiva.

Jesus, porém, diz que a disciplina na igreja é responsabilidade de todos, não apenas dos líderes. A pessoa que deve se aproximar primeiro de um possível ofensor é a pessoa que primeiro observou o pecado. “Se teu irmão pecar [contra ti], vai argüi-lo entre ti e ele só.” Não existe aqui nenhuma indicação de que a disciplina é um assunto a ser tratado entre superior e inferior, líder e liderado. É preferível que ocorra entre irmãos e irmãs.

O segundo erro cometido no nosso exemplo de disciplina abusiva na igreja é que a primeira abordagem disciplinar foi feita pelo pastor e pelo menos um co-líder. Jesus diz claramente que a primeira abordagem deve ser feita em particular — “entre ti e ele só”. A razão para essa privacidade inicial é evitar que o pecado se torne de conhecimento público, o que provocaria fofoca e ferimentos desnecessários.

No nosso exemplo de abuso, o principal motivo para a disciplina era corrigir e, se necessário, punir o seguidor que tinha se desviado das normas ideológicas ou comportamentais da igreja. Se necessário, o desviado deveria ser

removido para impedir que a contaminação se alastrasse. O ensinamento de Jesus revela preocupações radicalmente diferentes.

Para começar, Mateus 18.15-17 vem logo depois da história de um pastor que vai atrás de uma ovelha que tinha se extraviado (vv. 10-14). O irmão que tinha supostamente pecado é visto como uma ovelha que havia se afastado da comunhão. A pessoa que percebe isso primeiro deve agir como um bom pastor, tentando trazer o desviado de volta. O motivo para a primeira abordagem disciplinar não é empurrar a contaminação para fora da igreja, mas trazer a ovelha perdida para dentro dela. A primeira preocupação é a pessoa, não o pecado. Como Jesus diz: “Se ele te ouvir (responder positivamente à tua primeira abordagem disciplinar), ganhaste a teu irmão”. O pecado danifica e traz tensão à comunhão. O confronto bem-sucedido com o pecado remove esta tensão e promove a reconciliação.

Em nosso exemplo de disciplina em igreja abusiva, os líderes foram do primeiro confronto direto para o anúncio público e então para a própria excomunhão. No ensinamento de Jesus, a primeira tentativa privada, de reconciliação com a ovelha afastada, deve ser seguida por pelo menos um encontro subsequente com o mesmo propósito: reconciliação. “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas...” (v. 16). Se o primeiro encontro não resultar em comunhão restaurada, um segundo encontro, com uma ou duas outras pessoas, pode ser eficaz.

Tudo o que eu disse antes sobre o motivo e espírito do encontro um-a-um se aplica a esta segunda reunião, de um grupo pequeno. “crescentar uma ou duas pessoas a esta segunda tentativa de reconciliação permitirá um melhor discernimento. Pode ser que a pessoa que iniciou a disciplina realmente tenha exagerado na reação, ou julgado mal o outro. Um ou dois conselheiros poderão avaliar isso. Caso se conclua que o alegado pecador realmente deva se arrepender de alguma atitude ou comportamento, os conselheiros irão adicionar sua persuasão às preocupações da primeira pessoa. Mas, ainda neste nível, a questão precisa

ser restrita ao menor círculo possível, de forma a evitar um desgaste desnecessário nos relacionamentos dentro do corpo maior da igreja. Estes encontros privados e semiprivados não são preparatórios da excomunhão; seu propósito é tornar a excomunhão desnecessária.

Finalmente, “se ele não os atender, dize-o à igreja” (v. 17). Se todos os passos anteriores foram conduzidos adequadamente, este estágio final raramente é necessário; em poucos casos, contudo, pode ser que tenhamos de levar o problema à igreja. Quando fazemos isto, não se parece nem um pouco com o culto de excomunhão da história de igreja abusiva do meu amigo. Esse culto foi realizado com o propósito de excomungar. Em Mateus 18.17, o culto representa o corpo da igreja se unindo para adicionar seu peso coletivo à tarefa de “ganhar o irmão” de volta à comunhão. É a última tentativa do rebanho de trazer o afastado de volta.

Não é responsabilidade ou prerrogativa dos líderes administrar este estágio final da disciplina. Este ato final pertence à igreja como um todo, assim como os primeiros estágios pertencem à igreja como um todo. Comentando sobre Mateus 18, Hans Küng diz: “É toda a igreja, toda a comunidade de discípulos, que tem a autoridade de perdoar ... Julgamentos finais, e em particular os negativos, são responsabilidade da comunidade.”⁷

Se a comunidade não conseguir reconciliar o pecador com o rebanho e a ovelha perdida insistir em permanecer perdida, então a igreja vai “considerá-lo como gentio e publicano” (v. 17). Em nosso exemplo de igreja abusiva, isto significava entregar a pessoa a Satanás e agir como se ela não mais existisse. Esta dificilmente seria a intenção de Jesus. Nós sabemos isto pelo modo como *ele* tratou os publicanos e coletores de impostos. Ele não os tratou como se estivessem mortos, nem os entregou ao diabo. Ele foi atrás deles, envolveu-se com eles em conversação e chamou-os para segui-lo (Mt 9.9). Ele não os acolheu como verdadeiros discípulos sem que evidenciassem fé e arrependimento verdadeiros. Mas continuou falando com eles na esperança de que eles

iriam se arrepender e crer.

Se a igreja existe para seguir Jesus, a disciplina em nossa igreja tem de ser efetiva. No final, haverá uma quebra formal nos padrões de comunhão com pecadores não-arrepentidos; mas estaremos abertos para o seu retorno. A parábola do retorno do filho pródigo pode ser a expressão mais clara da atitude e da esperança que nós deveríamos ter para com um irmão ou irmã que se desviou.

A disciplina corretiva na igreja começa com o reconhecimento de que o pecado produz alienação. Ela se propõe superar essa alienação. Mas, se ela falha no seu objetivo, a igreja, como o pai na história do filho pródigo, nunca cessa de desejar e esperar o retorno do pródigo. E quando o pródigo retorna, seu prazer não conhece limites.⁸

Se nós seguirmos os ensinamentos de Jesus (aliás, muito claros) quanto à disciplina na igreja, seremos eficazes em salvar ovelhas perdidas da destruição e igualmente eficazes na solução de problemas de relacionamento. E a disciplina abusiva não será um problema em nossas igrejas. Finalmente, a mensagem da Bíblia, tanto para os abusadores espirituais como para suas vítimas, é: Siga Jesus. Venha para casa, volte para o Pai. Deus espera você de braços abertos!

Notas

Capítulo 1: Um Convite à Liberdade

- ¹ Ezequiel 37, por exemplo, é um antigo relato de como autoridades religiosas pecaram contra seus seguidores. Este capítulo revela o apuro dos que foram amedrontados, injuriados e perdidos sob os “cuidados” desses falsos pastores.
- ² A primeira vez que eu vi impresso o termo *abuso espiritual* foi em um livro escrito por David Johnson e Jeff Van Vonderen, *The Subtle Power of Spiritual Abuse* (Minneapolis: Bethany House, 1991).
- ³ Ronald Enroth, *Churches That Abuse* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), p. 29.
- ⁴ O abuso ritual satânico está além do escopo deste livro, como também estão os problemas específicos existentes em torno do abuso sexual, quando praticado pelo clero.
- ⁵ Muitos nomes foram trocados, e uma das ilustrações é uma composição das histórias de duas pessoas. As histórias que eu estou utilizando estão sendo registradas como foram contadas para mim.
- ⁶ Juanita e Dale Ryan, *Recovering from Spiritual Abuse* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992), p. 9.
- ⁷ Para conhecer a história deste movimento e uma visão de seus problemas do ponto de vista de um de seus participantes, veja, de Ron e Vicky Berk, *Damaged Disciples* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1992).
- ⁸ *Ibid.*, p. 86.

Capítulo 2: A Cadeira de Moisés — O Poder para Abusar

- ¹ Jesus referiu-se a si mesmo como o pão vivo que dá vida (Jo 6.35, 51-58) e como a fonte da água viva (Jo 4.10, 7.37-38). E também disse: “Eu sou ... a vida” (Jo 11.25, 14.6).
- ² F. Dale Brunner, *Matthew*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word Books, 1990), 2:808.
- ³ C. S. Lewis, *Reflections on the Psalms* (New York: Harcourt Brace, 1958), pp. 31-32.
- ⁴ David Seamands, *Putting Away Childish Things* (Wheaton, Ill.: Victor Books, 1982), p. 46.
- ⁵ David Hill, *The Gospel of Matthew* (London: Oliphants, 1977), p. 310.
- ⁶ Anthony Saldarini, *Pharisees, Scribes and Sadducees In Palestinian Society* (Wilmington, Del.: Michael Glazier, 1988), p. 111.
- ⁷ Watchman Nee, *The Body of Christ* (New York: Christian Fellowship Publishers, 1978), pp. 20-21.
- ⁸ Watchman Nee, *Spiritual Authority* (New York: Christian Fellowship Publishers, 1972), p.71.

- ⁹ Derek Prince, *Discipleship, Shepherding, Commitment* (n.p.: Derek Prince Publishers), p. 18.
- ¹⁰ Atribuído ao "The Boston Movement"; extraído de Ronald Enroth, *Churches That Abuse* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1992), p. 117.
- ¹¹ Michael Horton, *Power Religion* (Chicago: Moody Press, 1992), p. 19.
- ¹² *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1971), 6:3-7.
- ¹³ Ray Peacock, *The Shepherd and the Shepherds* (London: Monarch, 1988), p. 81.
- ¹⁴ Robert Clinton, *Leadership Emergence Theory* (Altadena, Calif.: Barnabas Resources), p. 193.
- ¹⁵ Stephen Arterburn e Jack Felton, *Toxic Faith* (Nashville: Thomas Nelson, 1991), p. 72.

Capítulo 3: Detectando o Fermento dos Fariseus

- ¹ Philip Keller, *Predators in Our Pulpits* (Eugene, Ore.: Harvest House, 1988), p. 12.
- ² F. Dale Brunner, *Matthew*, Word Biblical Commentary (Dallas, Word Books, 1990), p. 483.
- ³ William Hendriksen, *The Gospel of Matthew* (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1973), p. 638.
- ⁴ Martin Luther, *Luther's Works*, ed. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia Publishing, 1963), 26:54.
- ⁵ Jerome Neyrey, *Paul in Other Words* (Louisville, Ky.: John Knox, 1990), p. 203.
- ⁶ Luther, *Luther's Works*, 26:52.
- ⁷ R. V. G. Tasker, *The Gospel According to St. Matthew* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1961), p. 216.

Capítulo 4: Fardos Pesados

- ¹ Ayn Rand, *Atlas Shrugged* (New York: Random House, 1957), p. 436.
- ² David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt Manipulation* (Tyler, Tex.: Institute for Christian Economics, 1981), pp. 170-71.
- ³ Larry Crabb, *Men and Women* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1991), p. 178.
- ⁴ Archibald Hart, *Me, Myself and I* (Ann Arbor, Mich.: Vine Books, 1992), p. 17.
- ⁵ Bruce Narramore, *No Condemnation* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1984), p. 301.
- ⁶ Michael Horton, *Putting Amazing Back into Grace* (Nashville: Thomas Nelson, 1991), p. 123.
- ⁷ Donald Sloat, *The Dangers of Growing Up in a Christian Home* (Nashville: Thomas Nelson, 1986), p. 106.

Capítulo 5: Eles Fazem Só para Aparecer

- ¹ Anne Wilson Schaef e Diane Fasell, *The Addictive Organization* (San Francisco: Harper & Row, 1988), p. 139.
- ² Stephen Arterburn e Jack Felton, *Toxic Faith* (Nashville: Thomas Nelson, 1991), pp. 180-81.
- ³ Gene Edwards, *Letters to a Devastated Christian* (Auburn, Maine: Christian Books, 1984), p. 5
- ⁴ Citado em James Beverly, *Crisis of Allegiance* (Burlington, Ontario, Can.: Welch Publishing, 1986), p. 53.
- ⁵ F. Dale Brunner, *Matthew*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word Books, 1990), 2:814.
- ⁶ Ralph P. Martin, *The Epistle of Paul to the Philippians* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1959), p. 57.
- ⁷ Brunner, *Matthew*, p. 819.
- ⁸ Grandma Sophie, do programa de televisão da CBS “Brooklin Bridge.”

Capítulo 6: Valorizando Minúcias e Perdendo o Essencial

- ¹ David Johnson e Jeff Van Vonderen, *The Subtle Power of Spiritual Abuse* (Minneapolis: Bethany House, 1991), p. 138.
- ² F. Dale Brunner, *Matthew*, Word Biblical Commentary (Dallas: Word Books, 1990), 2:808.
- ³ George Eldon Ladd, *A Theology of the New Testament* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1974), p. 72.
- ⁴ Veja Ken Blue, *Authority to Heal* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1987), pp. 65-88, e Ladd, *A Theology of the New Testament*, pp. 70-80.

Capítulo 8: Curados pela Graça

- ¹ Nem todos os líderes abusivos agem a partir de um sentimento difuso de vergonha. Alguns líderes narcisistas que eu conheço parecem não ter a mínima consciência. Eles parecem nunca ter sentimentos negativos acerca de si mesmos e poderiam ser realmente considerados como “maus”, conforme a descrição de M. Scott Peck.
- ² Citado em Daniel P. Fuller, *Gospel and Law* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1980), p. 87.
- ³ Ronald Enroth, *Churches That Abuse* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1992), p. 202.
- ⁴ John Murray, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1980), p. 243.
- ⁵ Charles Hodge, *Epistle to the Romans* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1953), p. 214.
- ⁶ John White e Ken Blue, *Church Discipline That Heals: Putting Costly Love into Action* (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1992), p. 83.

(Esta é uma reedição com novo título de *Healing the Wounded: The Costly Love of Church Discipline*, IVP, 1985.)

- ⁷ David Seamands, *Putting Away Childish Things* (Wheaton, Ill.: Victor Books, 1982), p. 31.

Capítulo 9: Liderança Saudável na Igreja

- ¹ Veja o capítulo 10 sobre disciplina na igreja. Veja também John White e Ken Blue, *Church Discipline That Heals: Putting Costly Love into Action* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992)
- ² Gordon Fee, *Gospel and Spirit* (Peabody, Mass.: Hendrickson, 1991), p. 131.
- ³ Cheryl Forbes, *The Religion of Power* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1983), p. 60.
- ⁴ Idem, pp. 60-61
- ⁵ George Grant, *In the Shadow of Plenty* (Fort Worth, Tex.: Dominion, 1986), p. 40.
- ⁶ Thomas Smith em *Reformation and Revival* 1, no. 1 (1992): 97.
- ⁷ Karl Barth, *Evangelical Theology* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1993), p. 12.
- ⁸ John Piper, *Desiring God* (Portland, Ore.: Multnomah Press, 1986), p. 13.
- ⁹ Idem, p. 124.

Capítulo 10: Disciplina Saudável na Igreja

- ¹ Ken Blue, "Interpersonal Church Discipline", tese de mestrado, Regent College, Vancouver, British Columbia, 1979.
- ² "Nas igrejas protestantes do ocidente, a disciplina na igreja caiu em desuso há um século," de acordo com Peter Breyerhous em *Dictionary of the Christian World Mission* (London: Lutterworth, 1947), p. 167. Emil Brunner concorda: "A função da disciplina na igreja caiu em desuso nos dias de hoje" (*The Divine Imperative* [Philadelphia: Westminster Press, 1947], p. 559).
- ³ Geddes MacGregor, *Coming Reformation* (Philadelphia: Westminster Press, 1960), p. 17.
- ⁴ João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, Bk. 4.
- ⁵ G. C. Berkouwer, *Studies in Dogmatics: The Church* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1975), p. 375.
- ⁶ Estes estão entre os pontos que John White e eu tratamos no nosso livro *Church Discipline That Heals: Putting Costly Love into Action* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1992).
- ⁷ Hans Küng, *The Church* (New York: Image Books, 1962), p.275.
- ⁸ White e Blue, *Church Discipline That Heals*, p. 101.

VOCÊ É UMA VÍTIMA DE ABUSO ESPIRITUAL?

- Você é proibido de questionar as decisões ou o ensino dos líderes da sua igreja?
- Quando você não faz nenhum trabalho para a igreja, você se sente um cristão de segunda classe?
- Os relatórios públicos de várias atividades e ministérios de sua igreja são, às vezes, exagerados?
- Os membros da igreja só se sentem à vontade para falar das vitórias passadas, mas não das lutas presentes?

Se você respondeu “sim” a alguma destas questões, você pode ser uma vítima de abuso espiritual.

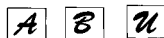
Muitos de nós passamos por experiências negativas na igreja que nos deixaram com a sensação de que somos um fracasso. Achando que somos os culpados, nós imploramos o perdão de Deus — mas ainda assim nos sentimos distantes da igreja e, às vezes, também de Deus.

Muitas vezes a culpa não é nossa, mas de líderes que abusam espiritualmente. Como podemos reconhecer os sinais do abuso espiritual? Como obter a cura das feridas que sofremos? Ken Blue responde estas questões e apresenta cura e esperança para as vítimas de abuso espiritual.

Ken Blue é pastor da Foothills Church em San Diego, California. Ele e John White são os autores de *Restaurando o Ferido*.

ABU Editora
Caixa Postal 2216
01060-970 São Paulo SP
Telefax: 011 5031 6278
E-mail: editora@abub.org.br

ISBN 85-7055-028-X



RESPOSTAS PARA HOJE